UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

JESSYKA CAMILA FAUSTINO DOS SANTOS

"JÁ QUE É PRA TOMAR: QUEM TOMBA?" IMAGENS DA GERAÇÃO TOMBAMENTO E DE CORPOS NEGROS NO INSTAGRAM

MACEIÓ
2024

JESSYKA CAMILA FAUSTINO DOS SANTOS

“Já que é pra tombar: quem tomba?”
Imagens da Geração Tombamento e de corpos negros no Instagram

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Alagoas como requisito para a obtenção do título de mestre em Antropologia Social.
Orientadora: Sílvia Aguiar Carneiro Martins
Co-orientadora: Fernanda Aguiar Carneiro Martins

MACEIÓ
2024

Catalogação na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico
Bibliotecária Responsável: Lívia Silva dos Santos - CRB 1670

S237j Santos, Jessyka Camila Faustino dos.
"Já que é pra tomar : quem tomba?" Imagens da geração tombamento e de corpos negros no instagram / Jessyka Camila Faustino dos Santos -- 2024 .
109 f.:il. color.

Orientadora: Sílvia Aguiar Carneiro Martins.
Coorientadora: Fernanda Aguiar Carneiro Martins
Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Alagoas. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Maceió, 2024.

Bibliografia: f. 106-109

1. Giberativismo. 2. Identidade negra. 3. Miscigenação. 4. Redes sociais – Jovens negros. I. Título.

CDU: 316.7:659.3

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO

BANCA REMOTA - ***participação dos membros via Google Meet e parecer eletrônico.***

Ata n° 03 da Sessão da Defesa Pública de Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Alagoas.

Em trinta de agosto de dois mil e vinte e quatro, às quatorze horas, reuniu-se a banca examinadora da dissertação de mestrado da aluna JESSYKA CAMILA FAUSTINO DOS SANTOS , intitulada: "Já que é pra tombar: quem tomba?" Imagens da Geração Tombamento e de corpos negros no Instagram. A cerimônia de defesa pública apresentada como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Antropologia Social teve a banca examinadora composta pelos professores doutores: Silvia Aguiar Carneiro Martins - PPGAS/UFAL (Orientadora), Fernanda Aguiar Carneiro Martins/UFRB (Coorientadora), Eliane Tânia Martins de Freitas/UFRN (Examinadora Externa ao Programa - UFAL), Maria Aparecida Batista de Oliveira – (Examinadora Externa ao Programa - UFAL); Jordânia de Araujo Souza Gaudêncio - PPGAS/UFAL (Examinadora Interna),

Procedeu-se a arguição, finda a qual os membros da banca se reuniram reservadamente para deliberarem, decidindo por unanimidade pela:

Aprovação (X); Aprovação com reformulações ( ); Reprovação ( ).

Comentários e Reformulações Indicados pela Banca Examinadora:
Duas examinadoras sugeriram inserir referências de Lélia Gonzalez.
Em termos gerais, realizar uma revisão e correções gramaticais, ortográficas e de formatação.

A versão final da dissertação deverá ser entregue ao programa no SIGAA e todos os passos no SIGAA deverão ser cumpridos no prazo máximo de 90 (noventa) dias, contendo as modificações sugeridas pela banca examinadora e constante na folha de correção, conforme art. 37, §2º do Regimento do curso de Mestrado em Antropologia Social. **O(a) candidato(a) não terá o título se não cumprir as exigências acima.**

Para constar, lavrou-se a presente ata que vai assinada pelos membros da Banca Examinadora.
Maceió, 30 de agosto de 2024.

Assinaturas

gov.br Documento assinado digitalmente
SILVIA AGUIAR CARNEIRO MARTINS
Data: 05/09/2024 18:23:11-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

1. _____

gov.br Documento assinado digitalmente
FERNANDA AGUIAR CARNEIRO MARTINS
Data: 06/09/2024 09:03:28-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

2. _____

gov.br Documento assinado digitalmente
ELIANE TANIA MARTINS DE FREITAS
Data: 07/09/2024 14:05:55-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

3. _____

gov.br Documento assinado digitalmente
MARIA APARECIDA BATISTA DE OLIVEIRA
Data: 13/09/2024 17:06:45-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

4. _____

gov.br Documento assinado digitalmente
JORDANIA DE ARAUJO SOUZA GAUDENCIO
Data: 13/09/2024 18:01:44-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

5. _____

DEDICATÓRIA

À Cássia Rocha.
Esse trabalho existe para que ninguém esqueça que você existiu. Em nome, em potência e em amor. Eu prometi que faria isso por nós. Eu queria que você tivesse visto o nome da máquina que eu dei pra você. E eu queria mais ainda que você não tivesse sido uma.

AGRADECIMENTOS

Eu sou uma mulher negra, esta é a minha condição no mundo. Ser uma mulher negra me atravessou, chegou antes de mim em todos os lugares que cheguei, permeou minha experiência em todos os lugares que me dispus a estar. A escrita desse texto é permeada de quem eu sou racialmente falando, negritude está em cada linha, cada página, cada lágrima que regou o caminho aqui. Partindo desse posicionamento, tenho muito o que agradecer aqui.

Faz algum tempo que descobri que para pessoas parecidas comigo entrar na Universidade nunca é um caminho sozinho, apesar de solitário. Desde a primeira vez que entrei na Ufal, cerca de 10 anos atrás, entraram comigo também minha família, amigos/as, companheiros, professores e todos os sonhos que a "geração dos primeiros" costuma carregar ao romper o inimaginável. No meu corpo, caminhar e produzir estão marcados o meu lugar, as lutas da minha família, meus afetos e tudo que constitui o que hoje sou. Por isso, organizar aqui uma lista de agradecimentos parece ainda um desafio muito grande, mas tentemos.

Agradeço primeiramente a minha família. Ser a primeira a estar nesse espaço me fez sempre entender que onde eu estivesse, vocês também estariam e assim eu nunca transitei sozinha. Agradeço por todas as vezes que vocês disseram "sim" para os meus sonhos, projetos e planos. Pelo esforço contínuo e irrevogável da minha mãe para me manter na universidade sem medos, eu sempre soube que você faria de tudo para que eu pudesse sonhar, mainha. Pela torcida sempre animada e fiel das minhas avós, tias e primas e primos e irmãos que me fizeram lembrar o quanto eu sou capaz mesmo nos dias em que tudo que havia no meu coração era dúvida. Espero que no futuro as minhas ausências, meus períodos de isolamento possam ser recompensados. A vocês, meu mais sincero amor, gratidão e tudo, tudo que tenho feito. É tudo por vocês.

Entender a aventura de construir uma universidade pública superando os desafios do acesso, da permanência e da conclusão é sempre um caminho tortuoso, mas com o apoio certo é possível. E descobrir essa possibilidade abre outras portas, portas maiores. Por isso, agradeço ao Programa de pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Alagoas e à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas - Fapeal, pelo financiamento concedido através da bolsa de pesquisa. Fazer ciência no Brasil é um desafio diário, fazê-la sem financiamento é desrespeitoso, cruel e beira o impossível. Sem o apoio financeiro, acredito que não conseguiria entregar este trabalho, pelo menos não com a qualidade que almejei.

À professora e minha - atenciosa, paciente, competente e querida - orientadora Silvia Martins que soube dosar com perfeita harmonia, disciplina e amorosidade neste processo que muitas vezes foi tão delicado. Que incentivou e abriu portas para que eu pudesse desenvolver habilidades que viu em mim antes mesmo que eu visse.

Agradeço imensamente a Cássia (in memorian), Adija e Jhullyrson. Que doaram seu tempo, remexeram em feridas e alegrias para compartilhar suas histórias comigo, sem vocês esse trabalho seria completamente inviável. Obrigado por abrirem as portas de suas histórias comigo, obrigado por me confrontar, me iluminar e me mostrar todas as possibilidades de ser e estar por aqui. Lendo e relendo nossas conversas eu só consigo pensar no quão incrível vocês são. Espero que essa dissertação faça jus às nossas trocas e à vocês.

À minha querida professora, mentora e, posso dizer com muita honra, amiga, Maria Aparecida. Pelos editais enviados para que eu voltasse à vida acadêmica, pela comemoração genuína em cada uma das minhas pequenas conquistas, pelo apoio irrestrito em cada uma das minhas ideias e pela inspiração. Conviver com você me inspira, me motiva, me faz acreditar que é possível, seja lá o que for, é possível. Eu não conseguiria aqui mensurar o quanto sou grata por tudo que temos construído nos últimos dez anos, eu não consigo quantificar as vezes em que agradeci silenciosamente por você ter cruzado meu caminho e eu finalmente ter alguém pra quem olhar. Muito obrigado por todo o caminho que você trilhou, é um prazer andar com você agora.

Às minhas amigas Rafaela, Eloysa e Marhia. Pelo amor inegociável ao longos dos últimos anos 10 anos, pelo suporte nas noites difíceis em que a produção parecia um desafio muito maior que eu, por me relembrarem as pequenas vitórias nos dias em que as derrotas pareciam se amontoar, pelas noites de squad day, sorrisos e análises, pelos conselhos e toques de realidade. E por simplesmente estarem aqui e me amarem mesmo nos períodos de silêncio e ausência. A existência de vocês me abençoa.

Agradeço com todo amor ao Mateus, meu companheiro, pelo cuidado diário, olhar afetuoso, comida gostosinha, abraços calorosos e amor leve e suave o suficiente para me manter aquecida nos dias e noites frios enquanto escrevia essas páginas.

Ao Matheus Alves, por me ver. Não me endeusar. Você que viu o meu pior e não se achou uma pessoa melhor. Obrigado pela preocupação, pelas ligações, por se oferecer pra pular em balas por mim várias vezes, por conversar comigo uma madrugada inteira mesmo sabendo que a gente ia trabalhar 6 da manhã no outro dia e por acreditar tanto nesse trabalho, mesmo sem ter lido uma única página dele.

Ao Pedro Gabriel por todas as vezes que me arrastou para a casa dele para que eu pudesse sair um pouco do caos da minha cabeça e trabalhar nesse texto, pelas conversas, pelas orações, pelas risadas caóticas madrugada a dentro e por todas vezes que você olhou nos meus olhos e disse que sabia que eu estava no meu melhor lugar e naquele dia eu finalmente acreditei.

Por fim, agradeço a Thayse Brandão, minha líder espiritual, e a Ana Pontes, minha terapeuta, por garantirem que eu chegasse aqui quase sã, mas não tão louca quanto eu achei que aconteceria. Pelas orientações e palavras de carinho que me acalentam a alma agitada e me ajudam a vencer minha mente - quase sempre minha maior vilã.

Agradeço a todas as pessoas negras que vieram antes de mim e tornaram possível que eu chegasse aqui, que cruzaram comigo, me ouviram, me ensinaram, me formaram. Isso é nosso. Para que possamos nos reimaginar, nos reinventar, nos renomear e sermos tudo que pudermos.

Que nunca mais ninguém tenha poder para nos dizer quem somos. Isso é nosso.

EPÍGRAFE

“Deve haver uma maneira de não morrer tão cedo e de viver uma vida menos cruel. […] Eu sei que não morrer, nem sempre é viver. Deve haver outros caminhos, saídas mais amenas. Meu filho dorme. Lá fora a sonata seca continua explodindo balas. Neste momento, corpos caídos no chão, devem estar esvaindo em sangue. Eu aqui escrevo e relembro um verso que li um dia. “Escrever é uma maneira de sangrar”. Acrescento: e de muito sangrar, muito e muito…”

Conceição Evaristo

RESUMO

Nesta investigação escrevivente/etnográfica intenciono problematizar os modos como pessoas negras foram representadas imageticamente em redes sociais através de páginas voltadas ao empoderamento negro durante o movimento estético-político Geração Tombamento (2014 - 2016). Utilizo os conceitos de Patricia Hill Collins (2019) de Imagens de Controle para pontuar algumas formas como pessoas negras são historicamente retratadas e a partir das ideias de desumanização da pessoa negra trazida por Achille Mbembe (2021) e de coração-máquina de Adorno (1999) exemplifico o que acredito serem as três principais imagens de controle atuantes no Brasil: pessoas negras vistas como máquinas de vencer, máquinas de fuder e máquinas de destruição. Por fim, os relatos de três jovens negros auxiliaram na compreensão do quanto se sentiram ou não representados por essas imagens, páginas e pelo próprio movimento. Investigar como a experiência das redes sociais moldam as relações sociais e políticas dos indivíduos constitui um verdadeiro desafio, cujo caminho é apenas iniciado aqui.

Palavras-chave: Imagens de Controle; Geração Tombamento; Instagram; Jovens Negros; Redes sociais;

ABSTRACT

In this escrevivente/ethnographic investigation, I intend to problematize the ways in which black people were imagetically represented on social networks through pages focused on black empowerment during the aesthetic-political movement Geração Tombamento (2014 - 2016). I use Patricia Hill Collins' (2019) concepts of Images of Control to point out some ways in which black people are historically portrayed and based on the ideas of dehumanization of the black person brought by Achille Mbembe (2021) and Adorno's heart-machine (1999) exemplify what I believe to be the three main images of control operating in Brazil: black people seen as winning machines, fucking machines and destruction machines. Finally, the reports of three young black people helped in understanding how represented or not they felt by these images, pages and by the movement itself. Investigating how the experience of social networks shapes individuals' social and political relationships constitutes a real challenge, the path of which is just beginning here.

Keywords: Control Images; Geração Tombamento; Instagram; Young Blacks; Social media;

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Negras do Rio de Janeiro - Johann Moritz Rugendas
FIGURA 2: A Redenção de Cam - Modesto Brocos
FIGURA 3 - Mulheres negras em passeata do movimento Black Power
FIGURA 4 - Jovens negros na festa Batekoo/2014
FIGURA 5 - Imagens feitas por Agassiz em sua viagem ao Brasil
FIGURA 6 - Torcedores do Atlético de Madrid simulam enforcamento de Vinícius Júnior com boneco
FIGURA 7 - Manoel Soares é interrompido durante apresentação do Encontro
FIGURA 8 - Personagens negras das séries de Shonda Rimes
FIGURA 9 - Stefanie Ribeiro fala sobre sua experiência enquanto mulher negra
FIGURA 10 - Atriz Lidi Lisboa caracterizada como Jezabel
FIGURA 11 - Modelo Vanessa Valenssa, Globeleza de 1991 a 2004
FIGURA 12 - Nayara Justino como Globeleza
FIGURA 13 - Série Impuros
FIGURA 14 - Charge racista sobre Serena Williams
FIGURA 15 - Jogador Vinicius Jr se posiciona sobre ataque racista
FIGURA 16 - Videos da youtuber Nataly Neri sobre sua experiência enquanto mulher negra
FIGURA 17 - Karol Conká em Tombei
Figura 18 - Fashion Rebels da África do Sul
FIGURA 19 - Afropunk
FIGURA 20 - Perfis das páginas Africanize e Negas do Ziriguidum no Instagram
FIGURA 21 - Posts da página Africanize
FIGURA 22 - Posts da página Africanize
FIGURA 23 - Posts da página As Negas do Ziriguidum
FIGURA 24- Fundadoras das páginas Africaniza e As Negas do Ziriguidum
FIGURA 25 - Primeira postagem da página Africanize
FIGURA 26 - Posts das páginas com graus de nudez
FIGURA 27 - Posts das páginas com adereços
FIGURA 28 - Posts que retratam casais
FIGURA 29 - Posts que remontam a sexualização
FIGURA 30 - Perfil da Cássia no Instagram
FIGURA 31 - Postagens do perfil da Cássia em diversas fases
FIGURA 32 - Posts de Cássia com a família
FIGURA 33 - Posts de Cássia sobre a formatura
FIGURA 34 - Posts de Cássia trabalhando e nas fotos oficiais da formatura
FIGURA 35 - Posts de Cássia trabalhando como modelo
FIGURA 36 - Posts de Cássia no Instagram
FIGURA 37 - Perfil do Jhullyrson no instagram
FIGURA 38 - Linha do tempo com diferentes fases estéticas de Jhullyrson
FIGURA 39 - Postagens de Jhullyrson com a família
FIGURA 40 - Postagens de Jhullyrson
FIGURA 41 - Posts de Jhullyrson com seu namorado
FIGURA 42 - Posts atuais de Jhullyrson no Instagram
FIGURA 43 - Perfil de Adija no Instagram
FIGURA 44 - Linha do tempo de postagem de Adija no Instagram
FIGURA 45 - Posts de Adija com a família
FIGURA 46 - Postagem de Adija nas suas áreas de trabalho (modelo, DJ e enfermeira)
FIGURA 47 - Posts de Adija trabalhando como modelo

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO **12**
2. QUANDO ME DESCOBRI PRETO(A) - A CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE NEGRA **17**
2.1. Miscigenação - A construção de uma Identidade Forjada 18
2.2. O Cabelo Crespo como Marcador de Luta 22
2.3. Corpo e Sexualidade 24
3. PODE O FORA DO PADRÃO FALAR? OS MOVIMENTOS EMPODERADORES E AS IMAGENS DE CONTROLE **27**
3.1. Máquinas de Vencer 30
3.2. Máquinas de Foder 35
3.3. Máquinas de Destruição 38
4. TOMBEI! A INTERNET COMO ESPAÇO PARA SER **42**
4.1. Ciberativismo 50
4.2. Geração Tombamento 52
4.3. Páginas na Internet - A Vitrine da Geração Tombamento 57
5. POSTS ESCREVIVENTES - EUS QUE FALAM DE NÓS **69**
5.1 Como morre uma nação - Cássia Rocha 70
5.2 A solidão de ocupar lugares - Jhullyrson Brito 84
5.3 A imagem como plataforma para outros lugares - Adija Rocha 95
6. CONCLUSÃO **103**
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS **106**

1. INTRODUÇÃO

Esta investigação busca entender como movimentos de empoderamento estéticos nascidos na internet podem cair nas armadilhas de estereotipação de corpos negros, analisaremos a Geração Tombamento, fenômeno que emergiu nas redes sociais em meados de 2014 quando jovens negros/as começaram a criar e divulgar conteúdos que enaltecem a beleza e as características da negritude através da aceitação do cabelo natural e da utilização de acessórios que remetam a cultura africana.

Quando entendemos a complexidade de como se forma a identidade negra no Brasil, percebemos que observar os processos de empoderamento pode ser um campo muito propício para entender as relações raciais e até mesmo problematizar o quanto as hierarquias sociais continuam sendo organizadas, persistem e se mantêm. Acredito que esta discussão possa contribuir para a desconstrução de debates acerca de estereótipos, principalmente sobre corpos negros, que reforçam a manutenção de imaginários coloniais-brancos.

Coloco-me nesse texto como parte de uma escrevivência, visto que as experiências relatadas igualam-se as minhas, porém evocam uma coletividade negra que me faz parte deste processo que compartilhamos dentro do que é ser negro no Brasil. Assim, vivenciei a "descoberta" da minha negritude em essência com o surgimento dos movimentos negros nas redes sociais, apesar de não experiênciar estes movimentos da mesma maneira que meus interlocutores.

Os momentos deste trabalho estão divididos em quatro fases, no primeiro intitulado "Quando me descobri preto(a) - a construção de uma identidade negra" onde, através da revisão bibliográfica, busco discutir sobre como a identidade negra foi construída no Brasil desde o pós-abolição e como esta construção ainda é revisitada até os dias de hoje.

No segundo capítulo busco debater sobre as imagens de controle. termo utilizado por Patricia Hill Collins (2019) para definir o modo como alguns estereótipos aplicados sobre corpos negros podem ser utilizados de maneira a hierarquizar e subalternizar essas pessoas dentro de novas formas de opressão. Neste capítulo apresento três definições de imagem de controle que busco discutir dentro da realidade brasileira: máquinas de vencer - o que aplico a ideia de sucesso aplicada a pessoas negras jovens que também as confina numa perspectiva de não poder falhar ou descansar; máquinas de foder - aplico este conceito a imagem de controle sexualizada sobre corpos negros e maquinas de destruição - esta imagem de controle aplico a ideia de marginalização e violência que sempre cerca pessoas negras.

A partir do terceiro capítulo, intitulado “Tombei! A internet como espaço para ser” disserto sobre os modos de ser e estar no ciberespaço e nas redes sociais, como os movimentos de ciber ativismo influenciam essa fase e começo a primeira fase do meu trabalho de campo: a digital. No primeiro momento o campo de análise desta pesquisa foram páginas voltadas ao empoderamento negro, para a seleção destas utilizei a técnica de mapeamento por bola de neve, em que a partir de um primeiro caso ou elemento de interesse, identificam-se outros, a partir destes, ainda outros, e assim por diante (FRAGOSO e col. 2011. p.81).

O ponto de partida foram as páginas que eu já seguia durante o período da minha “descoberta racial”[1] dentre elas decidi por focar na que hoje tem maior visibilidade: a página Africanize[2] que hoje conta com 1,5 milhões de seguidores em seu perfil do Instagram, a partir daí, analisei as imagens publicadas no feed (fotos e vídeos) durante o ano de 2016 que pode ser considerado ainda um dos anos de mais visibilidade do movimento Geração Tombamento e é também o ano em que a página chega ao Instagram.

Os stories não puderam ser avaliados pois o recurso só foi lançado no final de 2016 e só podiam ser visualizados por 24h, inicialmente os mesmos não ficavam arquivados nem para o criador do conteúdo. Posteriormente realizei *printscreen* das postagens e as análises foram anotadas num diário de campo. Ressalta-se que as informações coletadas e dados apresentados são provenientes de informações públicas disponíveis nas páginas analisadas, seja pelas postagens, comentários, interações entre os usuários[3].

Após as análises, decidi conversar com homens e mulheres negras ativos nas redes sociais, especialmente o Instagram para que nossas histórias compartilhadas nos levassem a debater as indagações estimuladas no decorrer desta pesquisa. A partir daí se inicia o quarto momento desta etnografia, intitulado “Posts escreviventes - eus que falam de nós”, os participantes escolhidos foram jovens negros/as que utilizam a rede social Instagram com frequência e de diferentes maneiras: alguns a utilizam como ferramenta de trabalho direto (influencers), indireto (social media) e outros a utilizam apenas como participantes da comunidade ou seja consumindo conteúdo e, por vezes, criando também, porém sem o interesse de retorno profissional ou financeiro.

---

[1] Uso o termo para explicar o momento em que “descobri” que era negra. Pois durante muitos anos fui chamada por nomes: moreninha, marrom-bombom, cravo e canela, cor de jambo. Termos que camuflavam a verdade: eu sou negra.

[2] Perfil da página Africanize - https://www.instagram.com/africanizeoficial/

[3] Considerações éticas: entendemos o campo das mídias digitais como arquivos e informações de acesso público, de acordo com Resol. Nº 510/CEP/CONEP art. 1º, III; e com a atual política de dados do Instagram.

No total, foram 6 encontros (3 mulheres e 3 homens) com pessoas de idades entre 20 e 27 anos, e uma das primeiras decisões a ser tomada para iniciar o trabalho de campo, era como acessar essas pessoas de maneira a construir um grupo com a maior diversidade possível levando em conta tons de pele (light skin, dark skin), gênero, idade e renda pois acredito que assim poderia fazer análises que abarcasse as interseccionalidades que permeiam as construções sociais do nosso povo.

Por interseccionalidade usaremos o conceito de Carla Akotirene (2018, p.33) de "sistema de opressões interligado" que propõe que raça traga subsídios de classe-gênero sem que haja hierarquia entre eles, ou seja, tais marcadores sociais devem ser estudados igualmente para que se possa compreender como impactam na existência de indivíduos que os carregam.

> A interseccionalidade permite às feministas criticidade política a fim de compreenderem a fluidez das identidades subalternas impostas a preconceitos, subordinações de gênero, de classe e raça e às opressões estruturantes da matriz colonial moderna de onde saem. (AKOTIRENE, 2018, p. 33).

Este termo foi conceituado pela primeira vez por Kimberlé Crenshaw em 1989 e compreendê-lo é fundamental para conceituá-lo como uma metodologia de enfrentamento a discriminações multidirecionadas que tinham como principais motivadores questões raciais e de gênero, considerando a sociedade capitalista, patriarcal e colonialista na qual estavam inseridas.

> A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da intersecção entre dois ou mais eixos de subordinação. Ele trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, as opressões de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos de desempoderamento. (CRENSHAW, 2002, p. 142)

Assim, pensar a interseccionalidade é também uma forma de autoridade intelectual e analítica para pessoas cuja fala sempre foi negada e negociada dentro das mais variadas estruturas de poder colonial.

Construir esse trabalho do ponto de vista de que também fiz e fui afetada pelo movimento que investigo me colocou num lugar muito próximo e familiar e aqui busquei seguir o que é sugerido por Velho (2008), estranhar o familiar e entender esse processo como um fenômeno e assim poder debater pensar e posicionar-me sobre esse fenômeno também como sujeito externo e interno, fazendo disso um artifício para melhor enxergá-lo.

A metodologia utilizada durante todo o encontro foi a da Conversação baseada na ideia de hooks (2020, p. 83) que coloca a conversa como uma ferramenta estratégica pois "a conversa se torna uma intervenção tão importante, porque não só abre espaço para todas as vozes como também pressupõe que todas as vozes podem ser ouvidas". Assim, como pesquisadora saio do papel de alguém que controla um "roteiro" desse contato e o substituo pelo local de partilha de histórias em busca de burlar essa hierarquia assimétrica que muitas vezes existe entre pesquisador e pesquisado.

Outra metodologia importante adotada nesta conversa foi a da contação de histórias onde pude também desenvolver o Senso de Comunidade explicado por hooks (2020, p.87) como algo que é construído, pois dentro dessas passamos a compreender melhor uns aos outros e romper com a ideia dominadora de que quem se apoia em uma história pessoal como evidência para defender ou confirmar uma ideia jamais poderia ser acadêmica e/ou intelectual. Visto que todo dado é construído e analisado em cima de histórias e este argumento é utilizado para invalidar falas subalternizadas sempre.

Por fim, buscarei dialogar com as/os interlocutoras/res através da metodologia da conversação, ao invés de entrevistas, baseada na ideia de hooks (2020, p. 83) que coloca a conversa como uma ferramenta estratégica pois "a conversa se torna uma intervenção tão importante, porque não só abre espaço para todas as vozes como também pressupõe que todas as vozes podem ser ouvidas". Assim, como a pesquisadora saio do papel de alguém que controla um "roteiro" desse contato e o substituo pelo local de partilha de histórias e conhecimentos.

Entendendo que a contação da história como um espaço de conexão para através da valorização dessas experiências pessoais e ir na contramão dessa exigência acadêmica pretensamente científica que visa teorizar a objetividade, sigo hooks:

> Uma das formas de nos tornarmos uma comunidade de aprendizagem é compartilhar e receber as histórias uns dos outros; é um ritual de comunhão que abre nossas mentes e nossos corações. Quando compartilhamos de formas que contribuem para nos conectar, conhecemos melhor uns aos outros. (hooks, 2020, p. 92)

Deste modo, esta pesquisa pretende construir através da atenção estabelecida com pessoas que estão online, através do ver, ouvir e falar sobre o que expressam através de imagens e narrativas que nos dizem e nos definem e, talvez, nos mostrem como podemos falar sobre nós mesmas dentro da negritude que vivenciamos.

O processo de escreviver, enunciado por Conceição Evaristo em Becos da Memória (2017) também será utilizado aqui como conceito que me liga como autora os processos

experienciados pelas pessoas com quem conversei. Pois o mesmo permite que contar histórias particulares, mas que se conectam com outras experiências, essas coletivizadas, pois neste processo se entende existir algo em comum entre a autora e a protagonista quer seja por características compartilhadas através de marcadores sociais, quer seja pela experiência vivenciada, ainda que em posições diferentes.

A escrevivência assim, traz em si um potencial ético ao me permitir assumir a posicionalidade de um lugar de fala igualmente coletivo, ainda que a história contada não seja a minha. Araújo (2012, p.47), analisa que o termo acolhe "os traços de negrícia ou negrura do texto", em que a experiência emerge como mote e motor da produção. Já Oliveira (2009, p.88) identifica três elementos que compõem as escrevivências - corpo, condição e experiência. Oliveira explica que:

> (...) o primeiro, reporta à dimensão subjetiva do existir negro, arquivado na pele e na luta constante por afirmação e reversão de estereótipos. Lê-se o passado e a tradição contrabandeando-os, saqueando-os. A representação do corpo funciona com o ato sintomático de resistência e arquivo de impressões que a vida confere. O segundo aponta para um processo enunciativo fraterno e compreensivo com as várias personagens que povoam a obra. [...] O terceiro, por sua vez, funciona tanto como recurso estético quanto de construção retórica, a fim de atribuir credibilidade e persuasão à narrativa (Oliveira, 2009, p.88).

Assim sendo, me coloco neste lugar de através das trocas potencializadas pelos marcadores sociais que nos permeiam construir uma narrativa singular, mas que aponta para uma coletividade: a do ser negro/a.

Esses encontros foram realizados na primeira vez de maneira presencial em locais escolhidos pelos/as interlocutores/as para buscar minimizar constrangimentos na hora do diálogo e garantir que os mesmos se sentissem à vontade, mas por causa de algumas circunstâncias como mudanças e viagens, alguns encontros foram feitos online nas plataformas Google Meet ou Zoom através de link enviado exclusivamente para o participante protegendo assim sua identidade e dados conforme orienta a Carta Circular nº02/2021 CONEP.

De muitas maneiras ouvir meus interlocutores me fez também vivenciar lugares e experiências que são parecidas para mim e o "ser afetado" enunciado por Jeanne Fravet-Saada (2005, p.159) me encontrou muitas vezes.

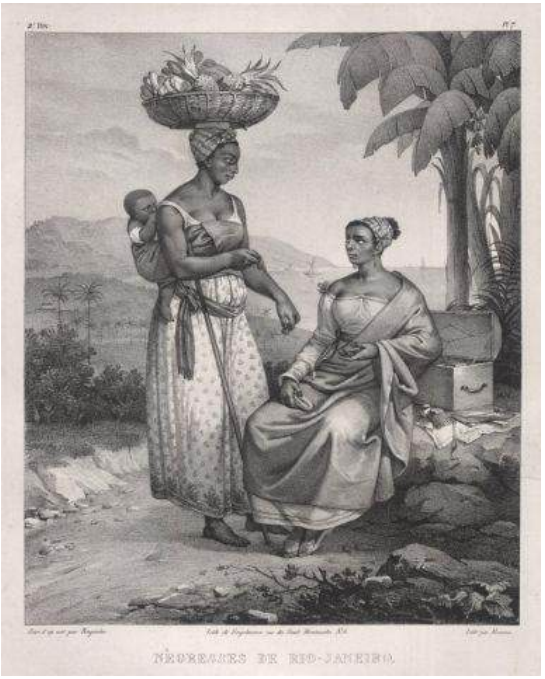
Este último capítulo foi escrito em primeira pessoa, dividido em 5 temas e usando as palavras dos/as interlocutores/as, mais uma vez trazendo a ideia de que nomear as coisas é um exercício de poder, poder esse que foi historicamente negado durante anos para pessoas pretas, por isso aqui darei voz para que a poderosa voz de cada um deles possa se apresentar.

2. QUANDO ME DESCOBRI PRETO(A) - A CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE NEGRA

Historicamente, os corpos de pessoas não-brancas sempre foram inventados e nomeados na cabeça do colonizador. Traços, formas, trejeitos e comportamentos foram hierarquizados e denominados como aceitáveis ou não. Quanto mais perto do branco, mais perto dessa aceitação. Desde da invasão dos europeus em territórios indígenas e africanos, nossos corpos começaram a ser rotulados e criados na mente dos que registravam as "viagens colonizadoras", tais como desenhistas e naturalistas.

Johann Moritz Rugendas (1835), na pintura "Negras do Rio de Janeiro", mostra isso ao retratar duas mulheres negras na mesma cena, porém deixa explícitas suas diferenças de acordo com o seu embranquecimento.

FIGURA 1 - Negras do Rio de Janeiro - Johann Moritz Rugendas



Fonte: Biblioteca Nacional Digital

Na imagem duas mulheres negras se encontram e,apesar de serem incluídas na mesma denominação "negras do Rio de Janeiro", a imagem aponta diferenças entre elas: a mulher de pele mais clara está sentada, apresenta roupas mais alinhadas, usa brincos e sapatos e está apoiada em um baú, traz junto a si um pente e um livro - símbolos de uma civilização. Já a outra mulher, de roupas simples e descalça, está tentando vender frutas à primeira. O quadro não mostra o reencontro de duas pessoas, mas demonstra a evolução ao ser integrada na sociedade dita "civilizada" de uma delas.

Munanga (2019), aborda o conceito de branqueamento como uma estratégia civilizatória imposta ao Brasil, onde a ideia de "evolução" estava intimamente ligada à assimilação de valores europeus e ao apagamento das culturas africanas e indígenas. Ele aponta que “o ideal de uma sociedade homogênea foi um dos principais fundamentos do racismo no Brasil, promovendo o branqueamento como um modelo de progresso”.

Assim, podemos entender que a construção de uma identidade negra perpassou desde sempre o fetichismo racista da classificação branca colonizadora. Ora essa identidade é subjugada por esse fetichismo racista ou resiste a ele em suas diversas violências. Entender como foi criado no Brasil no imaginário social a ideia do que seria uma pessoa preta é essencial para também entendermos os locais que pessoas negras ocupam no fazer social nas mais diversas áreas de suas vidas até os dias de hoje, onde o racismo se reinventa de maneiras sutis e constantes para manter em vigor o projeto de controle branco sobre estes corpos.

2.1. Miscigenação - A construção de uma Identidade Forjada

Como sabemos, a construção do projeto de Brasil pós-abolição veio atrelada à falácia da miscigenação, que trazia em seu seio muito mais que uma simples “mistura”. A ideia por trás desta releitura da identidade nacional, na verdade, era clarear a população, para que fosse esquecido que nesta terra viviam e sobreviviam pessoas negras sequestradas de seus países ou nascidas no cárcere dessa terra tropical e bonita por natureza. Esse projeto ganhou força e durante muito tempo até mesmo argumentação científica, o que fez com que muitos padrões ainda coloniais fossem mantidos, mesmo que travestidos da ideia de aceitação.

Sobre isso, Kabengele Munanga (2019, p.101) vai explicar esse processo como um modelo “assimilacionista”, onde todas as outras identidades são assimiladas, porém disfarçadas dentro de um projeto eurocêntrico. Explica:

> O surgimento de uma etnia brasileira, capaz de envolver e acolher a gente variada que no país se juntou, passa tanto pela anulação das identificações étnicas de índios, africanos e europeus, quanto pela indiferenciação entre as várias formas de mestiçagem (...) Ele tentou assimilar as diversas identidades existentes na identidade nacional em construção, hegemonicamente pensada numa visão eurocêntrica. Embora houvesse uma resistência cultural tanto dos povos indígenas como dos alienígenas que aqui vieram ou foram trazidos pela força, suas identidades foram inibidas de se manifestar em oposição à chamada cultura nacional. (Munanga, 2019, p.101)

Assim podemos aqui começar a entender,como se pensou esse projeto de apagamento de qualquer identidade que não fosse branca na construção social do Brasil,onde todo o processo de construção dessa identidade deveria obedecer uma ideia político-ideológica hegemônica branca de apagamento de tudo que não se enquadrasse nestes aspectos.

Outro ponto a se pensar é sobre a participação do homem negro dentro deste "plano", visto que apesar do seu papel dentro das opressões de gênero, na lógica branca, o homem negro ainda segue sendo apenas um instrumento também para a manutenção da colônia.

Sobre este ponto, Souza (2013, p. 38), explica:

> Para os intelectuais eugenistas do fim do século XIX, a miscigenação é apresentada ao mundo como uma solução para o "problema" brasileiro e foi idealizada através do casamento do homem branco com a mulher negra, excluindo, desta forma, o homem negro. (SOUZA, 2013, p.38)

O quadro "A Redenção de Cam" do pintor espanhol Modesto Brocos (1895) é um exemplo muito bom dessa ideia da exclusão do homem negro. Nele, a avó negra agradece aos céus pela sua filha: uma mulher negra de pele mais clara (o que denuncia já o "embranquecimento"), ter tido um filho branco como o seu marido.

FIGURA 2: A Redenção de Cam - Modesto Brocos

Fonte: Site Enciclopédia Itaú Cultural

Assim, podemos pensar que a reprodução sob o controle masculino era um dos pilares do ideal branqueador, pois o homem e apenas ele era visto como o verdadeiro portador da branquidade e do progresso. O homem branco, no quadro, é a resposta às preces da mulher negra mais velha em razão de sua gratidão por ter-lhe dado um neto branco. A mulher mestiça, já embranquecida, é colocada em uma posição passiva, dependente do homem branco para resolver seus problemas.

Neste momento, percebe-se que o sujeito branqueador da população seria o homem branco, pois seria através da relação sexual - veja bem: não necessariamente da formação de

famílias - de homens brancos com mulheres não-brancas (indígenas e negras) que através da miscigenação seria possível.

A presença de descendentes branqueados sugere também outras duas questões: a primeira, é que apenas relações heterossexuais são desejáveis e redentoras; a segunda, é que o problema da cor/raça, pertencia às mulheres e foi resolvido pelos homens.

Assim, a idealização da estrutura escolhida para a identidade da família brasileira seria composta pelo homem branco em sua posição de poder, sua esposa também branca e a mulher negra relegada ao papel de amante. Percebe-se que neste momento, a figura do homem negro se coloca como o que Souza (2013, p.40) chama de "um obstáculo ao projeto de branqueamento da nação sonhado pela elite nacional", uma vez que colocar o homem negro como patriarca poderia ameaçar o papel de domínio e poder do homem branco. O casal homem negro + mulher branca era um tabu impensável para a epoca.

Assim, com esta configuração e tentativa de apagamento surge uma terceira categoria sobre a qual a branquitude também tentaria ter voz e construir hierarquias: o pardo. Este termo foi utilizado muitas vezes, sendo uma das mais antigas, de acordo com Weschenfelder e Silva (2018, p310) quando Pero Vaz de caminha, em 1500, no início da colonização das terras brasileiras por Portugal, ao avistar os nativos descreve-os de cor parda. O termo também foi diversas vezes conceituado e atualizado em dicionários, os autores fazem esse levantamento :

> Segundo o padre Rafael Bluteau, autor do *Vocabulário Portuguez & Latino*, publicado em 1720, pardo significa a "cor entre branco e preto, própria do pardal, de onde parece ter vindo o nome". Constam ainda alguns adágios portugueses que ilustram o pardo como cor escura: "maio pardo, junho claro", "de noite todos os gatos são pardos" (Bluteau, vol. 6, 1720, p. 265). Na edição de 1789, atualizada por António Morais da Silva e renomeada como *Diccionario da língua portuguesa*, acrescenta-se além da designação "cor entre branco e preto, como a do pardal", "homem pardo, mulato" (1789, pp. 159). O Dicionário da Língua Brasileira de 1832, publicado por Luiz Maria da Silva Pinto, designa o adjetivo pardo como de "cor entre branco e preto, mulato" (Pinto, 1832, pp. 788). Já o Diccionário da Língua Portugueza, de 1783, de Bernardo Baccelar, aponta somente "animal cinzento" (1783, pp. 464). (WESCHENFELDER;SILVA, 2018, p310)

É importante perceber a relação feita entre os termos pardo e mulato, onde os mesmos representam posições sociais similares: nem negros, nem brancos: uma indefinição, ou o que também pode ser visto como uma fronteira entre um lugar e outro.

Já no Brasil enquanto categoria social o pardo foi utilizado pela primeira vez no censo de 1872, esta categoria era designada para escravos libertos, não levando em consideração cor de pele. Em 1890 é substituída pelo "mestiço", só em 1940 o termo "pardo"volta, porém dessa vez para representar indivíduos que não se consideravam nem pretos e nem brancos.

Seja como condição social ou como reconhecimento racial, neste primeiro momento esta categoria "pardo" parece apontar uma indefinição que Daflon (2014, p. 23) vai posicionar como um não-lugar, posição que por mais que parecesse poupá-lo de alguma discriminação, pouco mudava na estrutura social colonial. Explica:

> Nessa época o mulato não representava uma ameaça para as elites brasileiras, uma vez que elas controlavam a mobilidade social deles por meio de um sistema de clientela e patronagem muito bem estruturado. Assim, as regras discriminatórias podiam ser transgredidas de tempos em tempos e um mulato podia ser aceito no grupo dos brancos sem que isso produzisse algum abalo no edifício da hierarquia social. (DAFLON, 2014, p. 23)

Essa "aceitação" não significava de maneira alguma uma aceitação de características não-brancas uma vez que a miscigenação para estes corpos significava para a sociedade que toda qualidade e talento era resultado do que havia de branco em sua ascendência genética e tudo que havia que pudesse ser considerado defeito era rechaçado como vestígio de sua negritude.

Em 1982, o Movimento Unificado Negro-MNU elencando em seus objetivos "desmistificar a democracia racial brasileira", aponta para a recuperação do termo "negro" dessa vez para nomear todos os descendentes de africanos, o que faria com que os indíviduos pardos não representassem mais essa terceira categoria intermediária. Esta admissão se dá ao perceber que confrontando dados, em espaços de discriminação seja ela social, financeira ou cultural, o cidadão pardo está muito mais perto do preto e raramente tem admissão dentro da categoria dos brancos.

Porém, explicitando que o problema racial no Brasil é ainda muito complexo Rocha e Alcantara (2022, p.338) trazem à tona alguns problemas que esta aglutinação levantaram:

> Instituições governamentais como o Instituto de Pesquisa por Amostra e Domicílio (IPEA) aderem a essa convenção, apontando que o agrupamento de pretos e pardos se justifica por duas razões. A primeira, seria pela aproximação socioeconômica entre os dois grupos e a segunda é que tanto pretos quanto pardos são alvos de um mesmo tipo de discriminação, baseada na cor da pele e/ou traços fenotípicos africanos. Tal concepção baseou a construção de políticas públicas como as cotas raciais, gerando controvérsias. (ROCHA; ALCANTARA 2022, p.338)

Assim, um novo debate se coloca dentro do processo de entendimento racial no Brasil: o colorismo. Uma vez que, de acordo com Sueli Carneiro (2011, p. 42), as teorias raciais de embranquecimento acabaram por gerar um sentimento de indefinição étnica da população que se dilui numa escala de cores, uma hierarquia cromática, que vai do preto, na base, ao branco, no topo, e no entremeio da escala encontra-se o pardo.

A origem do termo colorismo é, usualmente, atribuída a Alice Walker (1983). A autora analisa a importância da cor dentro da comunidade negra estadunidense, destacando a

violência contra as mulheres negras de pele escura. Em sua obra, o colorismo é um sistema de opressão principalmente intrarracial. Ele é "o tratamento preconceituoso ou preferencial feito por pessoas do mesmo grupo racial com base na cor das pessoas" (WALKER 1983, p. 290).

O colorismo passa então a ser uma pauta dentro do movimento negro, neste moemnto de reafirmação racial, pois ao mesmo tempo em que uma pessoa negra de pele clara se aproxima de características aceitáveis à branquitude, sua condição de pessoa racializada não parece ser esquecida quando há um processo de discrimição, ainda que este seja um processo hierarquizado.

2.2. O Cabelo Crespo como Marcador de Luta

Em um país marcado pela escravidão, características ligadas à negritude, ao longo da história, foram determinadas como um dos marcadores de limites, de maneira que o corpo, pele e cabelos sempre foram associados à inferioridade, sendo eles esse atestado de negritude visível e gritante diante da sociedade. Por isso, durante muito tempo, por meio de mecanismos sociais e simbólicos de dominação, pessoas foram levadas a procurar elementos de identificação com a branquitude para sentirem-se aceitos dentro de uma hierarquia social.

Assim, efetivou-se a ideologia do branqueamento, caracterizada pela internalização de uma imagem negativa de si em detrimento de uma imagem positiva do outro, e assim durante muitos anos, no que se refere ao cabelo afro, predominou a cultura do alisamento, como solução para muitas mulheres que viam em seus cabelos crespos um problema por seu volume, por não terem sido ensinadas sobre o cuidado e também pelos julgamentos.

Sobre isso, Nilma Lino Gomes (2019, p.28) vai explicar:

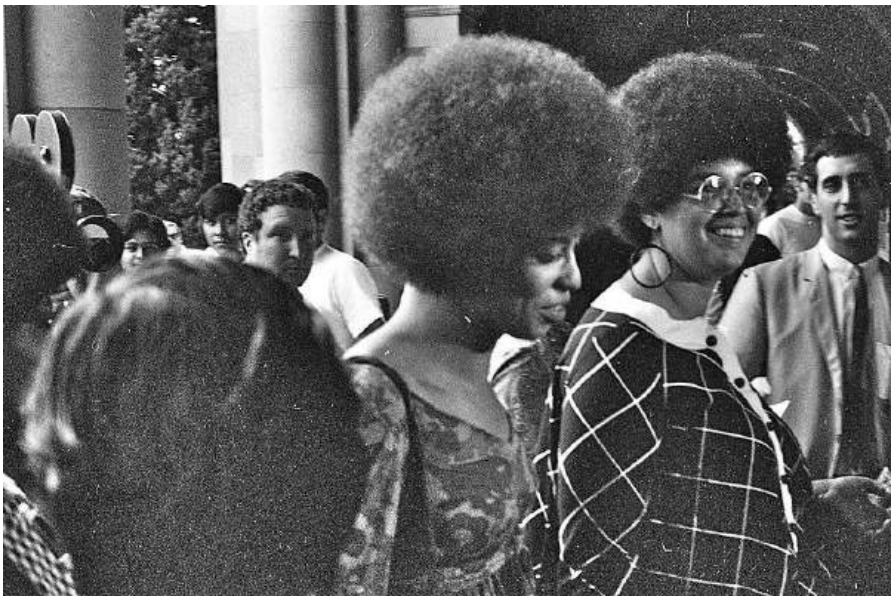
> Assim como a democracia racial encobre os conflitos raciais, o estilo de cabelo, o tipo de penteado, de manipulação e o sentido a eles atribuídos pelo sujeito que os adota podem ser usados para camuflar o pertencimento étnico/racial, na tentativa de encobrir dilemas referentes ao processo de construção da identidade negra. Mas tal comportamento pode também representar um processo de reconhecimento das raízes africanas assim como de reação, resistência e denúncia contra o racismo. E ainda pode expressar um estilo de vida. (GOMES 2019, p. 28)

Assim, podemos entender que os cabelos também faziam parte da concepção identitária da pessoa negra, de modo que o apagamento também é algo que se inicia muito cedo na vida das pessoas negras no Brasil, onde o racismo é explicitado principalmente pelo fenótipo: o que é visível no indivíduo. Assim o cabelo passa a ser também um espaço onde é possível se manifestar o racismo.Gomes (2019, p. 43) vai continuar explicando que o ritual de manipulação dos cabelos começa desde muito cedo nas crianças negras e não necessariamente pelos alisamentos e aponta que: "As tranças são as primeiras técnicas

utilizadas. Porém, nem sempre elas são eleitas pela então criança negra – hoje, uma mulher adulta – como o penteado preferido pela infância".

Seguindo esta premissa como contraponto, os movimentos de valorização estética negra datam de 1970 com o surgimento do Movimento Negro Unificado aqui no Brasil e em 1978 com a influência do Movimento Black Power nos EUA que utilizava o cabelo como símbolo de consciência racial.

FIGURA 3 - Mulheres negras em passeata do movimento Black Power



Fonte: Portal Afreaka

Assim, o cabelo crespo é considerado elemento essencial na constituição da identidade do indivíduo, faz parte da construção de estereótipos e ocupa lugar central nas discussões e construções de sentimentos de pertencimento. Gomes (2019) explica que para a pessoa negra o cabelo negro carrega símbolos culturais, políticos e sociais que os classificam e os localizam dentro de um grupo étnico-racial. O que indica que a "[...] a expressão estética negra é inseparável do plano político, do econômico, da urbanização da cidade, dos processos de afirmação étnica e da percepção da diversidade" (p. 46).

Deste modo, deixar o cabelo na sua naturalidade passou a ser um dos sinônimos de negritude. Não se utilizar de meios artificiais para assumir outra identidade a partir do cabelo, foi a maneira que negras(os) encontraram para dar suporte à luta por seus direitos, enquanto sujeitos plenos de uma ancestralidade cultural. Em julho de 2017, dados divulgados por meio do relatório Dossiê BrandLab (2017)[4] apontam que a revolução dos cachos, produzido pelo Google Brand Lab, demonstram que houve um crescimento de 232% na

[4] Dossiê BrandLab é um período do Google Brandlab, um programa de aceleração de estratégias digitais e insights oferecido pela Google.

busca por cabelos cacheados entre os anos de 2016 e 2017 e, em 2017, pela primeira vez no Brasil, as buscas por cabelos cacheados superaram a procura por cabelos lisos.

Esses dados podem ser explicados talvez pelo surgimento e força da geração tombamento, movimento político estético que cresceu a partir de 2014 no Brasil através das redes sociais e nas ruas, trazendo consigo um discurso de aceitação de traços negros naturais e estética negra-africana como maneira de emancipação. Foram marcas consolidadas desses cabelos trançados coloridos, black powers soltos.

FIGURA 4 - Jovens negros na festa Batekoo/2014

Fonte: Revista Trip - UOL

Assim, pessoas negras têm, desde sempre, traçado rotas de resistência através de seus cabelos como marcadores de um lugar social que durante muito tempo foi visto como inferior, porém também pode ser assumido com orgulho.

2.3. Corpo e Sexualidade

Já o corpo das pessoas negras é historicamente coisificado, destituído da condição humana e relegado à função de coisa, objeto de trabalho à serviço da branquitude do colonizador. Desde o período da escravidão, o conceito de corpo e de gente esteve diretamente associado ao propósito da apropriação de terras, produção e acúmulo de bens.

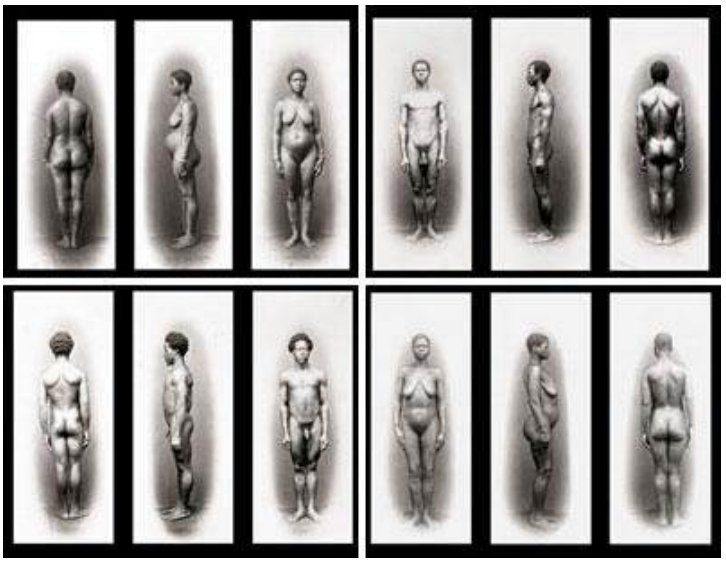
Deste modo, a diferenciação do corpo se dava de maneira também a diferenciar a quem era relegado o peso e degradação da subalternidade no trabalho e no viver. O corpo pensante, inteligente e elevado apresentava-se como superior aos corpos físicos que suavam, movimentavam-se no trabalho, demarcando assim o cogito cartesiano em que havia um lugar de maior importância dirigida à mente em detrimento da matéria.

Mais uma vez estava exposto o quadro: o corpo negro estava biologicamente predestinado ao trabalho e, também, desprezível espiritualmente para ser considerado humano. Nesse sentido, Muniz Sodré (2017, p.14) expõe a ideia de humanidade idealizada no projeto colonizador:

> O humano define-se, assim, de dentro para fora, renegando a alteridade a partir de padrões hierárquicos estabelecidos pela cosmologia cristã e implicitamente referendado pela filosofia secular. Desta provém o juízo epistêmico de que o Outro (anthropos) não tem plenitude racional, logo, seria ontologicamente inferior ao humano ocidental. É um juízo que, na prática, abre caminho para a justificação das mais inomináveis violências. (Sodré, 2017, p. 14)

Estes corpos foram dissecados, analisados, descritos e registrados de maneira sempre a pontuar estas diferenças, onde o mesmo era inferior, como fez Louiz Agassiz (1867),que retrata em seu livro A journey to Brazil fotos de pessoas negras para justificar teorias racistas e discriminatórias.

FIGURA 5 - Imagens feitas por Agassiz em sua viagem ao Brasil



Fonte: Revista de Pesquisa Fapesp

Essas imagens seriam utilizadas por Agassiz (1867) para comprovar suas teorias de "degeneração racial" resultado do "mulatismo"[5] tão presente na sociedade brasileira. Huber (2015, p.26) traz em seu texto um trecho da carta que Agassiz escreve a sua mãe, ao encontrar pela primeira vez com um afro-americano:

> [...] senti pena à vista dessa raça degradada e degenerada, e compaixão pelo grupo, já que são, de fato, homens. Ainda assim, não consigo reprimir o sentimento de que eles não têm o mesmo sangue que nós. Ao ver seus rostos negros, com lábios grossos, dentes contorcidos e cabelo encarapinhado, seus joelhos arcados, suas mãos compridas, suas unhas curvadas e sobretudo a cor pálida das palmas das mãos, não consegui deixar de fitá-los, para garantir que ficassem bem longe.

[5] De acordo com o dicionário mulatismo seria os modos de ser e viver de um sujeito mulato.

Assim, fica exemplificado que este corpo negro que ao mesmo tempo que desperta a curiosidade e exotismo da branquitude também continua por ser hierarquizado pela repulsa e nojo. Corpo este que, segundo Bhabha (1998, p.107) "o corpo está sempre simultaneamente inscrito tanto na economia do discurso, da dominação e do poder". Sendo assim este seria um instrumento de representação de poder que era controlado pelo discurso colonial que moldou a sociedade brasileira até os dias modernos.

Desta maneira, percebemos que o modo como é conbecida a imagem do corpo negro como o "outro" em diferenciação, ao branco se torna uma grande força para impedir a ascensão dos que foram excluídos socialmente. O estereótipo depreciativo estrutura a imagem do sujeito, transforma a forma como se vê e como é visto, tornando este em um ser desajustado na sociedade. O que passa a determinar inclusive suas possibilidades de ser, estar em sociedade mesmo quando o mesmo tenta se mover em resistência.

Em relação a hiperssexualização de corpos negros, a antropologia brasileira também escreveu seu capítulo na história, escritos como os de Gilberto Freyre em Casa Grande e Senzala (2006) é alvo de críticas significativas, especialmente no que diz respeito à forma como ele aborda questões de raça e escravidão. Em muitos momentos em seus textos Freyre associa a sexualidade negra à sensualidade e ao exotismo, perpetuando estereótipos racistas. Ele descreve as relações sexuais entre senhores e escravas de maneira que pode ser vista como exótica e sensualizada, sem abordar adequadamente o contexto de violência e coerção em que essas relações ocorriam.

São contribuições como essas que ajudaram a perpetuar violências simbólicas, psicológicas e, muitas vezes, físicas que atingiram e aprisionaram corpos negros à experiência racista ao longo dos anos e muitas vezes até os dias de hoje.

3. PODE O FORA DO PADRÃO FALAR? OS MOVIMENTOS EMPODERADORES E AS IMAGENS DE CONTROLE

Nomear as coisas, segundo Bueno (2020, p.148) é um exercício de poder e assim é possível entender quando pensamos que, de acordo com hooks (2019)o silêncio foi, desde a escravidão, entendido como "estratégia de sobrevivência" (p.45) para pessoas negras, uma vez que expressar uma ideia errada poderia lhes custar uma punição severa ou até mesmo a morte. Assim, muitos indivíduos de grupos oprimidos aprendem a reprimir suas idéias, principalmente aquelas que vão em confronto com as ideias de grupos dominantes. Por isso, durante muito tempo o poder de nomear foi uma exclusividade branca-ocidental. Tanto nomear as coisas, como as pessoas e os seus lugares e não-lugares. Isso criou, alimentou e manteve ideias racistas e colonizadores de pé durante muito tempo. Algumas delas até os dias de hoje.

O direito da pessoa negra reconhecer-se como pessoa lhe foi negado de inúmeras formas desde a escravidão. Não se modificou com a abolição da escravatura, apenas passou a ser feito de maneira mais engenhosa e sutil, mas nem um pouco menos perversa ou profundamente violenta.

Santos (2002, p.281) vai nos mostrar que desde a primeira aproximação o contato do branco-ocidental-europeu com a pessoa negra é através do exotismo, que segundo a autora é a tentativa do mesmo oferecer a esta, até então, desconhecido, que o branco não pode explicar, um sentido ou um nome. Neste contexto, então, a imagem e história da negritude é construída, difundida e nomeada sob olhos e mitos brancos.

Sobre estes mitos, Santos (2002, p.281) ainda explica:

> Mito é a palavra falada que prescinde da lógica, que explica o mundo de acordo com o sagrado e com a autoridade de quem a profere e a proferiu nos tempos dos princípios (...) O mito, desta forma, torna-se suporte de ideologias. A imagem da África, construída através de incessantes mitologias, é reiterada e reitera a representação do negro ou do africano como um corpo preto. (SANTOS 2002, p. 281)

Esse exotismo, no entanto, não para apenas na admiração, ele passeia entre o fascínio e o repúdio, podendo facilmente ir de um para outro. Vemos isso nos dias de hoje onde a mulher preta corporalmente grande gera fascínio (aqui falamos de desejo sexual), mas desde que em silêncio. Se a mesma se posiciona, se torna uma mulher briguenta/raivosa, passa a ser hostilizada. Esse olhar exótico que serve de base para colocar o negro na figura do "demoníaco" que ora seduz, ora aterroriza.

De acordo com Santos (2002, p. 281):

> Atribuir aos negros atributos demoníacos possibilitou que a escravidão fosse tomada como forma de redenção já que se fossem vítimas ou agentes de Satã os africanos não poderiam ser abandonados sem a tentativa de livrá-los da influência do Maligno.

O fato dos povos negros não se organizarem socialmente como esperavam no Ocidente branco faz com que os mesmos os coloquem em uma posição de selvagens, muitas vezes se quer os enxergando como gente, uma vez que todos estes sempre os olharam através da lógica binária que separa eu/outro ou sujeito/objeto. Essa lógica definia que se o eu-branco-Ocidental era o que poderíamos chamar de civilizados, logo o outro-preto era o selvagem, o estranho e por muitas vezes o não-ser.

hooks (2019) define como sujeito aqueles que "têm o direito de definir suas próprias realidades, estabelecer suas próprias identidades e nomear suas próprias histórias" (p. 45), e com base nessa definição podemos entender como para mulheres negras todo o processo de construção do ser foi feito através da ótica do não-ser, da objetificação, onde nossas histórias são nomeadas e definidas apenas com base na nossa relação com esse dito sujeito.

Esse mito se transformou em ideologia e seguiu crescendo e se ramificando em várias formas de violências racistas. Segundo Santos (2002, p.287), o racismo existe porque existe uma demanda. Esta demanda de submissão garante que o domínio político/social continue nas mesmas mãos, sob as mesmas peles - brancas. O que o configura não apenas como uma aversão ao diferente, mas também o desejo de não ser igual.

Nesta distribuição binária que separa eu/outro onde o outro é a mulher negra e tudo que é negro é o que não se quer ser, a mulher negra tem sua identidade construída com base na animalização e hipersexualização de seus corpos, que até os dias atuais deixa uma marca notória de dimensão sexual, afetiva e a própria representação corporal até os dias de hoje.

A socióloga Patrícia Hill Collins (2019) define imagens de controle como uma representação específica sobre pessoas negras que se articulam de dentro da cultura ocidental branca e se diferenciam das noções de estereótipo pela forma com que a mesmas são manipuladas dentro dos sistemas de poder articulados por raça, classe, gênero e sexualidade.

Deste modo, as imagens de controle podem encontrar inúmeras formas de articulação dentro do sistema racista sexista que vivemos com o intuito de controlar o comportamento e os corpos de mulheres negras e perpetuar a subalternização das mulheres nos mais diversos âmbitos das suas vidas. Assim, entendemos imagens de controle como uma relação de poder que marca mulheres negras de maneira a inferiorizá-las.

> As imagens de controle são a justificativa ideológica que sustenta a continuidade dos sistemas de dominação racistas e sexistas que buscam manter as mulheres negras em situação de injustiça social. São uma forma potente de

> atacar a assertividade e a resistência negras à sua objetificação enquanto o outro da sociedade. (BUENO, 2020, p. 78)

Os parâmetros que definem a "feminilidade ideal" não são fixos em todo o mundo, os padrões que regem a feminilidade no Brasil, não são os mesmos que regem a feminilidade na China, por exemplo, mas são esses padrões que organizam as imagens de controle.

As imagens de controle não lidas como simples estereótipos, muitas vezes, estão atreladas a um pensamento binário onde a ideia do "Outro" é colocada não apenas como parte diferente do "eu", que neste caso é branco e ocidental, mas também oposta.

Assim, através dessa leitura se formam roteiros sociais de como a sociedade irá visualizar e tratar mulheres negras, mas também scripts de como essas mulheres negras devem se portar e dizer para mulheres brancas como elas não devem ser. Desse modo, o binarismo existente entre mulheres brancas e negras se reflete, por exemplo, na questão de que as brancas se tornam bonitas e desejáveis porque existe uma outra/inferior.

Dentro deste entendimento, neste capítulo pensaremos os conceitos de imagens de controle apresentados por Patrícia Hill Collins aliados à ideia de desumanização das pessoas negras dentro de três categorias: máquinas de vencer, máquinas de foder e máquinas de destruição. A transformação da humanidade em matéria e energia é o projeto final do brutalismo apresentado por Achille Mbembe (2021), onde a transformação do homem em máquina para conseguir dar conta cada vez mais e ser remodelado sempre que necessário.

O autor vai perceber que a prática e a experiência do poder enquanto exercício de demolição dos seres, das coisas, dos sonhos e da vida no contexto africano moderno onde o poder colonial não é aniquilado como um todo e, sim, remodelado, para servir dentro desse novo criado. Onde o desejo de controlar sempre se reinventa para manter o outro, neste caso pessoas negras, subjugadas e transformadas em algo que não é humano, que pode ser usado. Mbembe (2021, p.26) explica que o brutalismo se baseia na profunda convicção de que não há mais distinção entre seres vivos e máquinas. Ele explica:

> Desta vez, já não se trata apenas de máquinas, mas de algo ainda mais gigantesco, algo sem limites aparentes, na confluência do cálculo, das células e dos neurônios, e que parece desafiar a própria experiência do pensamento. A tecnologia se fez biologia e neurologia. (MBEMBE 2021, p.26)

Outro conceito que buscaremos aqui entender é o de coração-máquina, trazido por Adorno (1999) que vai explicar que no período da indústria cultural tudo vira negócio, nesta indústria o homem não passa de mero instrumento de trabalho e de consumo, ou seja, um objeto. E é nisto que nasce o conceito de coração-máquina, que se encontra tão coisificado a ponto de tudo fazer em nome desta ideologia dominante.

É sobre este descolamento, de pessoas negras com sua humanidade, e coisificação para manutenção da lógica racista de subalternização que quero dissertar nas próximas páginas.

3.1. Máquinas de Vencer

Historicamente pessoas negras foram colocadas em posição de precisar lutar, não apenas por sua sobrevivência como também, para sua condição de subalternidade. Com isso, uma nova imagem de controle se institui sobre estes corpos, Collins (2019, p.106) vai chamar de "Black Lady", aqui colocaremos Máquinas de Vencer.

Esta imagem de controle se constitui, de acordo com Bueno (2019, p.106) como a mulher negra classe média, bem sucedida profissionalmente, qualificada e bem instruída. Esta imagem de controle não parece algo ruim, porém coloca pessoas negras num local de isolamento de qualquer outra possibilidade de vida que não seja a profissional.

Estas pessoas estão em geral tão focadas em construir sua ascensão profissional e financeira que não tem tempo para mais nada que não seja esta busca. Suas vidas emocionais, familiares e sociais muitas vezes são renegadas a um segundo plano, quando sobra tempo, quando o "sucesso" é estabelecido. Uma meta de ascensão tão adoecida quanto a de subalternidade que se espera vencer. Não há nesta narrativa nenhum espaço para a construção de mais nada: nem afeto, nem segurança, nem vida social, nem família. Ela apenas está vencendo profissionalmente. Uma máquina de trabalhar.

Angela Davis (2016) também vai falar sobre o modo como a relação de mulheres negras com o trabalho ainda remontam uma ideia colonial e racista:

> O enorme espaço que o trabalho ocupa hoje na vida das mulheres negras reproduz um padrão estabelecido durante os primeiros anos da escravidão. Como escravas, essas mulheres tinham todos os outros aspectos de sua existência ofuscados pelo trabalho compulsório. Aparentemente, portanto, o ponto de partida de qualquer exploração da vida das mulheres negras na escravidão seria uma avaliação do seu papel como trabalhadoras. (Davis, 2016, p.17)

Um reflexo bastante comum disso é que quando pessoas negras alcançam uma posição considerada de prestígio na sociedade se vêem presas à impossibilidade constante de falhar, como consequência situações de adoecimentos físicos e psicológicos passam a ser comuns. Segundo uma pesquisa[6] feita pelo Jornal de Disparidades Étnico-raciais da Universidade Harvard, por exemplo, entre médicos e estudantes e professores de Medicina,

[6] Burnout racial: como preconceito leva pessoas negras ao esgotamento <https://www.bbc.com/portuguese/articles/ckk4k2l99qxo >

mais pessoas negras (30%) são levadas ao esgotamento em comparação com brancos (18%), principalmente no início da carreira.

De acordo com Karlsson (2023), essas experiências se diferem de uma situação de burnout normal, já que os sintomas deste não levam em consideração um fator central a experiência de pessoas negras: o racismo. A psicóloga explica:

> O Burnout tradicional é resultante de um acúmulo de funções laborais e de um ambiente tóxico com condições questionáveis para o trabalhador, já o Burnout Racial é um adoecimento que pessoas negras enfrentam e tem como base o racismo nas experiências laborais.

Essas situações costumam isolar pessoas negras dentro de uma bolha onde a mesma enfrenta a coisificação de quem é, a despersonalização e transformação ou retorno ao estado de máquina, força bruta de trabalho, de dar conta, de fazer dar certo que atinge e aflige pessoas negras desde o seu primeiro momento em solos colonizados. Situações recentes que exemplificam esses casos são o do jogador Vini Jr. que vem a meses sofrendo ataques racistas massivos por parte de torcedores e jogadores de times espanhóis. Desde 2021 até maio de 2023 o atleta sofreu 10 ataques explícitos de racismo.

FIGURA 6 - Torcedores do Atlético de Madrid simulam enforcamento de Vinícius Júnior com boneco

Fonte: CNN Brasil

Já Manoel Soares passou por situações de silenciamento ao vivo durante a apresentação do programa Encontro na TV Globo, o jornalista por diversas vezes foi silenciado e interrompido por sua colega de trabalho Patrícia Poeta, gerando muitas críticas por parte dos telespectadores. A situação se arrastou até o momento em que Manoel foi desligado da emissora.

FIGURA 7 - Manoel Soares é interrompido durante apresentação do Encontro

Fonte: UOL

Em comum os dois casos tem o modo com estas pessoas são deixadas para encarar as violências a que são submetidos: tanto Vinicius Jr quando Manoel tem como acolhimento e respostas das suas instituições o silêncio. Tanto a emissora de televisão quanto as autoridades do futebol ou da justiça espanhola em momento algum se posicionaram em relação aos ataques sofridos. Este comportamento os coloca num lugar de desamparo, como se não houvesse o que fazer a não ser resistir naquele lugar de prestígio, como se os ataques que recebem fossem consequências de ter chegado a um lugar de visibilidade. E para ficar lá precisassem se manter fortes, em silêncio, suportando.

Karlsson (2023), também fala sobre isso:

> As instituições/empresas promovem o adoecimento de pessoas negras por serem ambientes que permitem a desumanização, tratam negros ainda como corpo trabalho e submetem essas pessoas a um profundo sofrimento e experiência de desamparo. Sim, é no desamparo vivido pelo negro a maior fonte do adoecimento e a principal causa do Burnout Racial. Em todos os relatos, pessoas negras se veem sozinhas em seus enfrentamentos. Esses ambientes tóxicos, perversos, possuem a lógica do abandono, da responsabilização da vítima e a total negligência quando se trata de pessoas negras. É na experiência do desamparo que o negro se vê numa situação impraticável, visto que a todo momento as soluções paliativas são sempre baseadas na idéia de que aguentamos sofrer mais violência. (Karlsson, 2023)

Este suportar do racismo por muito tempo também poderia ser pensado como forma de resistência, Bueno (2019), ressalta como exemplo o impacto que gera quando uma pessoa negra se nega a demonstrar sofrimento diante das violências sofridas, onde “o simples ato de não gritar ao ser chicoteada é uma forma de autodefinição” (p.131), porém também nos relembra sobre a necessidade de não romantizar essa estratégia.

Na ficção - filmes, séries, novelas - também pode ser um lugar onde estereótipos e imagens de controle se formam e são amplamente divulgadas, criando assim um espaço no imaginário social. A imagem de pessoas negras como máquinas de vencer/trabalhar é uma delas e muitas vezes sequer percebemos. Exemplos desses são as mulheres negras do universo Shondaland[7]: Olivia Pope, Miranda Bailey e Annalise Keating.

Em comum, todas essas personagens têm a cor da pele e o fato de serem personagens fortes, bem resolvidas, interpretadas por mulheres negras e com uma necessidade gigantesca de parecerem mais fortes do que a média.

FIGURA 8 - Personagens negras das séries de Shonda Rimes

Fonte: Pinterest

Annalise é uma advogada interpretada por Viola Davis, contratada por criminosos de todo tipo, normalmente ricos, muito reconhecida por sua competência. Ela é capaz de colocar seus alunos e sua equipe de defensores para inventar cada coisa com moral duvidosa que ninguém imaginaria. Além disso, Annalise é uma mulher solitária que carrega nas costas tanta culpa que se vê por vezes consumida e afogada no alcoolismo.

Olívia, por sua vez, ganha vida através da atriz Kerry Washington é uma relações públicas inteligentíssima, conhecida por lidar com toda e qualquer situação e ocultar todo tipo de cadáver para seus clientes políticos — inclusive os literais. E nas outras áreas da sua vida, ela parece incapaz de ter um relacionamento saudável, seja afetivo, familiar, inclusive muitas vezes os sacrificando em nome do seu sucesso profissional.

[7] Produtora de televisão americana fundada pela escritora e produtora televisiva Shonda Rhimes. Suas séries mais famosas são Greys Anatomy, Scandal e How to get away with murder.

Já Miranda Bailey, interpretada por Chandra Wilson, dá vida a uma cirurgiã de um renomado hospital, ela construiu sua carreira até virar chefe de cirurgia baseada em seu talento e sua personalidade, porém sua necessidade de parecer apta para se manter no patamar que chegou a faz criar uma aura de força tão grande que em alguns momentos por exemplo, ela sofre um infarto, mas não conta a ninguém para que não possa parecer fraca.

Esses três exemplos evidenciam o que alguns estudiosos chamam de síndrome da supermulher, um estereótipo social que prende mulheres à ideia de que elas precisam dar conta de tudo, suportar tudo, superar tudo em nome dos lugares que desejam alcançar dentro de suas vidas profissionais. Isso em pessoas negras, como já vimos anteriormente, fomenta uma imagem colonial de exploração.

É importante também perceber que em comum essas mulheres tem alguns apagamentos de seus traços, como por exemplo o uso de cabelos alisados ou até *laces*[8] lisas, o que é interessante a se pensar já que estas mulheres ocupam lugares de prestígio em posições que majoritariamente estão dominadas pela branquitude e para serem mais "bem vistas" nestes locais precisam se adequar esteticamente também.

FIGURA 9 - Stefanie Ribeiro fala sobre sua experiência enquanto mulher negra

Fonte: Youtube - Canal Tedx Talk

Cheryl Giscombe (2010, p.671) aponta os efeitos desse complexo de super-heroína, em cinco características dessa síndrome: a obrigação social que se cria de apresentar uma imagem de força; a obrigação de suprimir emoções; a resistência à vulnerabilidade; a motivação para ser bem-sucedida apesar dos recursos limitados; e a necessidade de cuidar dos outros, em contraste com a ausência de autocuidado.

Assim, podemos entender que pensar o modo como pessoas negras também estão presas a narrativas racistas mesmo dentro de cenários que parecem ser de sucesso nos fazem entender que as ciladas racistas estão sempre se reinventando de maneira a nos manter dentro de situações subalternizantes e de coisificação de quem somos.

[8] Prótese que imita o cabelo humano, produzida em uma tela de microtule. Neste caso, os fios são colocados um a um sobre o tecido, o que permite um efeito mais semelhante ao couro cabeludo.

3.2. Máquinas de Foder

A imagem de controle da Jezabel está interligada à ideia da mulher negra insaciável sexualmente e de acordo com Bueno (2020, p.109) esta imagem de controle tem papel central nas ideologias racistas mobilizadas pelas classes dominantes, pois foi utilizada como justificativa para a exploração sexual de mulheres negras. O estereótipo da Jezabel está ligado a mulher negra agressiva, lasciva, insaciável, o que constitui uma objetificação que parte de uma ideia animalizada dos corpos e comportamentos da mulher negra, onde tudo que ela faz está em contraponto com o que é esperado como civilizado e respeitável.

> Enquanto as mulheres brancas são consideradas o exemplo da feminilidade, inclusive no campo da sexualidade, sendo lidas como respeitáveis, meigas, doces e modestas, as mulheres são lidas como promíscuas e até mesmo como predadoras sexuais. (BUENO 2020, p. 110)

Um ponto importante a se salientar é que a crença sobre negros e negras sexualmente insaciáveis e naturalmente inclinados a atividades sexuais é uma ideia que vem de antes do periodo da escravização nas américas, quando viajantes europeus se deparavam com a nudez completa ou parcial dos nativos africanos e indígenas e consideravam isso um ato obsceno. Bueno (2020, p.110) explica que para o etnocentrismo europeu as práticas e modo de viver dos nativos eram a prova da luxúria sexual descontrolada. Essas ideias sobreviveram com o passar do tempo e aqui no Brasil foi fortemente utilizada para justificar e perpetuar violências como a ideia da miscigenação para a construção da "democracia racial".

Já de acordo com Carneiro (2003, p.49) a violência sexual colonial à qual mulheres negras e indígenas foram submetidas é, também, o "cimento" de todas as hierarquias de gênero e raça presentes em nossa sociedade. Assim, se entende que a figura da Jezabel, desumaniza mulheres negras, as torna não somente suscetíveis à violências como também responsáveis por elas já que no entendimento colonial racista, isso era o que essas mulheres precisavam e queriam.

FIGURA 10 - Atriz Lidi Lisboa caracterizada como Jezabel

Fonte: TV Foco

No Brasil, o equivalente a Jezabel é a figura emblemática da Mulata, personagem que surgiu no início do século XX, e se firmou no imaginário social e nacional como a mistura das raças que teriam dado origem ao povo dito brasileiro. A mistura sexual das raças do homem branco europeu com as índias que já habitavam aqui e africanas sequestradas como escravas, corporificada num corpo feminino e negro, a mulata é segundo Corrêa (1996, p.40) a mulata é puro corpo, ou sexo, não "engendrado" socialmente.

> Para serem consideradas mulatas, as mulheres deveriam ter um tom de pele de cor marrom, mas com traços que as afastassem da mulher negra, ou seja, sem os narizes chatos, os lábios grossos e os cabelos frisados que costumam ser indicativos de negritude. (Bispo, 2015, p. 257)

Unindo raça, gênero, sexualidade e patriotismo na construção de uma identidade hipersexualizada a imagem de mulheres negras foi atrelado a este personagem para vender a imagem do Brasil como uma espécie de “paraíso” atraindo turistas para cá em busca de diversão, libertinagem e sexo fácil.

Em sua versão mais atual, a mulata ganha o nome de Globeleza, nas vinhetas da TV Globo. O personagem idealizado pelo designer alemão Hans Donner, em 1991, desenvolve uma performance semelhante a que as dançarinas negras apresentavam no Show das Mulatas, nuas e com o corpo parcialmente coberto apenas por purpurina, sem nenhuma fala ou conexão com espectador além da sua imagem e entrando em chamadas de todos os horários, para os mais diversos públicos.

FIGURA 11 - Modelo Vanessa Valenssa, Globeleza de 1991 a 2004

Fonte: Portal UOL

Assim, o surgimento da Globeleza representa a mais nova versão desta mulata sensual e sexual idealizada desde os primeiros momentos da mulher negra no Brasil, segundo Corrêa (1996, p. 40). A tecnologia utilizada para representar a personagem é tão importante como sua corporificação de todos aqueles atributos mais antigos, temos uma espécie de mulata estilizada, abstrata, ou imaginária, que resume ou sintetiza todas as suas antepassadas.

Um ponto importante na curva dessa personagem aconteceu em 2014 quando Nayara Justino foi eleita como Globeleza no programa Fantástico através do voto popular e sofreu o que que Bispo (2015, p. 258), explica que "quanto mais se aproximavam dos traços faciais considerados europeus, mais eram vistas como mulatas e menos como negras, obtendo assim maior sucesso", quando foi alvo de piadas e críticas racistas na internet, logo após estrelar a vinheta.

FIGURA 12 - Nayara Justino como Globeleza

Fonte: Gshow

Nayara foi a primeira (e única) Globeleza que tinha traços negróides mais acentuados, sua pele retinta e corpo - apesar de magro - menos curvilíneo a fez receber ataques racistas online durantes dias após ser apresentada como a Globeleza daquele ano, entre os comentários o argumento principal era de que ela seria "preta demais" para ser a mulata Globeleza.

Logo, assim como a imagem de controle da Jezabel, podemos perceber que no personagem da mulata também perpassa a imagem de todas as mulheres negras enquanto constrói para elas o lugar socialmente aceitável: o de mulher negra o bastante para não ser confundida com branca, porém clara o bastante para não estar perto demais da imagem de uma escravizada e obviamente: sexualizada, submissa e silenciosa.

A figura da pessoa negra então é colocada dentro desse lugar sexualizado sempre que a mesma tenta alcançar o patamar do belo, desejável, atraente, este estereótipo vai apenas se atualizando com o passar do tempo, porém também é condicionada à aceitação da branquitude.

3.3. Máquinas de Destruição

Nesta terceira perspectiva as pessoas negras encarnam um lugar que já as acompanha desde o primeiro contato com o colonizador: o de perigosas. Desde o primeiro momento em contato com pessoas negras, colonizadores brancos nos colocaram como animalescos, primitivos, selvagens ou descontrolados. Sempre em contraponto com tudo que era característico e cultural dos brancos, tidos como a régua do que é civilizado, bonito e aceitável. É dentro dessa narrativa que pessoas negras se veem presas em uma armadilha racista: não podem reagir às violências que sofrem ou serão lidas como violentas, assustadoras e perigosas.

Neste sentido, o homem negro se vê preso dentro de uma armadilha onde é visto como vadio e perigoso ou precisa ter um posicionamento completamente passivo diante das situações para ser validado. De acordo com Rolf de Souza (2009, p.109), as representações de masculinidade negra criaram dois personagens: Neguinho que seria submisso, sem vontade própria, devoto aos desejos, dependente e o Negão representando virilidade alta, superdotado, apetite sexual insaciável, irresistível à mulher branca.

FIGURA 13- Série Impuros

Fonte: Site Mundo Negro

Custódio (2019) também vai falar sobre isso:

> O modelo do gangsta boy e o modelo do negro paradigmático respondem a dois tipos de homem negro: o que veste os elementos de marginalização ativa do negro (violento, truculento, agressivo, hiperssexualizado) e o que veste a marginalização passiva, na construção constante de sua passividade, do não-oferecer perigo, despolitizado. (CUSTÓDIO, 2019, p.149)

Já em relação a mulher negra, um estereótipo colocado é o de negra raivosa, que vê racismo em tudo, amargurada, briguenta e nervosa. Ela está sempre pronta para criar uma confusão e é colocada como o extremo oposto da mulher branca sociável que é vista como meiga, tranquila, fala sempre baixo e é educada.

FIGURA 14 - Charge racista sobre Serena Williams

Fonte: Site Terra

Segundo Jardim (2016, s/n), essa estereotipia:

> “coloca a mulher negra como perigosa, instável, dominada pelas emoções, incapaz de agir racionalmente, como alguém que merece a solidão e que não ligará pra isso pois é muito forte e não precisa do mínimo carinho, cuidado ou atenção”.

A charge acima exemplifica bem como a branquitude vê pessoas negras que saem do estereótipo por eles esperado. A tenista Serena Williams é retratada pelo cartunista australiano Mark Knight durante uma partida final de um famoso torneio dos Estados Unidos de maneira ridicularizada e infantilizada com com traços humanos exageradamente distorcidos quando comparado às demais figuras humanas retratadas, pulando e brigando ao lado de uma chupeta de bebê. A criação da imagem deu-se a partir de um desentendimento de Serena com o juiz, o qual foi chamado pela tenista de “ladrão".

É importante perceber como essas imagens de controle se constroem e fixam no imaginário social, naturalizar a tenista como alguém descontrolada e agressiva, que não consegue lidar com uma situação de conflito sem colocar em risco a si mesma e as pessoas ao seu redor descredibiliza e a ridiculariza colocando a em um lugar onde sempre que a mesma tentar se posicionar será silenciada.

Outro ponto a se prestar atenção é perceber que nestes casos os estereótipos não apenas violentam essas pessoas negras, mas também as impede de reagir a essa violência. Suas reputações, empregos, relações sociais e até a maneira como as mesmas serão ouvidas ficam condicionadas ao modo como reagem, onde o ideal de fato é que não reajam.

FIGURA 15 - Jogador Vinicius Jr se posiciona sobre ataque racista

Fonte: Instagram

Começar a lidar com estas imagens de controle que nos aprisiona é um desafio que as pessoas negras têm encarado durante os últimos anos de maneira cada vez mais diversa. O aumento do acesso a internet e a possibilidade de interagir, falar e ganhar destaque tem construído discursos de combate aos nomes que a branquitude inventou para pessoas negras.

Segundo hooks (2019, p.45) quando pessoas negras passam a produzir e falar por si mesmas, cria-se um ato revolucionário que retira essas mulheres do lugar de objeto e as

transforma em sujeitos, já que historicamente nossas histórias têm sido escritas, contadas e moldadas por imaginários brancos, ocidentais e distantes de nós mesmas.

A autora explica:

> Para mim, nomear tem a ver com empoderamento — além de ser também uma fonte de tremendo prazer. [...] É uma forma de reconhecer a força vital em todo objeto. Frequentemente, os nomes que dou às coisas e às pessoas estão relacionados com o meu passado. São maneiras de preservar e honrar aspectos daquele passado. Falar sobre reconhecimento ancestral dentro das tradições africanas é uma maneira de falar sobre como aprendemos com os povos que podemos nunca ter conhecido, mas que vivem em nós novamente. (hooks, 2019, p. 36)

Tomar o controle da narrativa acerca de nós mesmas e sobre os lugares que podemos chegar vem sendo colocado pelas autoras aqui já citadas como uma poderosa fonte não apenas de autoafirmação e autovalorização, mas também de produção de resistência comunitária, pois segundo Collins (2019, p. 211) "Uma consciência transformada encoraja as pessoas a mudar as condições de vida".

FIGURA 16 - Videos da youtuber Nataly Neri sobre sua experiência enquanto mulher negra

Fonte: Youtube

Assim, se apenas sendo sujeitas de nossas histórias é que podemos falar, este é o momento de levantarmos nossas vozes para estabelecermos nossa própria identidade, ocupando espaços e narrando nossas próprias histórias, não mais reconstruindo formas de ser e pensar denominadas e dominadas pela branquitude, mas com nossos nomes, nossos modos de comportamento e tudo que nos diz respeito.

4. TOMBEI! A INTERNET COMO ESPAÇO PARA SER

A nossa experiência com o ciberespaço não é um campo novo de estudos, Levy (2003, p.22) já o definia como um estágio avançado de auto-organização social e Silva (2004, p.2) o colocava como "o quarto espaço antropológico" unindo-se à terra, território e mercado.

Neste sentido, o ciberespaço representaria não apenas a infraestrutura que garante a comunicação digital mundialmente, mas também todo o fluxo de informações, trocas e conexões que está contido dentro desta infraestrutura. Dessas conexões surgem as comunidades virtuais, grupos que se formam a partir de interesses em comum entre pessoas e organizações e estruturam a cibercultura que, por sua vez, pode ser definida como de práticas, técnicas e modos de pensamentos que se desenvolvem dentro do ciberespaço.

Silva (2004, p.3), aponta:

> As redes telemáticas, nas quais se inclui a Internet, mais do que um meio de comunicação, afiguram-se um espaço de sociabilidade, no interior do qual se desenvolvem práticas sociais, culturalmente determinadas e relativamente autônomas.

Quando entendemos que o espaço virtual não é o oposto do espaço real, mas sim o complementa e transforma mesmo em que com espaço e tempo específicos, podemos também entendê-lo como um espaço de criação de significados, símbolos culturais e estruturação de identidades, características do que Haraway (2009, p.36) vai chamar de realidade social, assim, é preciso que a antropologia possa repensar seus métodos e conceitos para que possamos pensar como as relações criadas neste espaço afetam e influenciam a sociedade atual.

A análise antropológica do ciberespaço pode trazer duas abordagens que seriam uma interna e uma externa, Silva (2004, p.5) as diferencia como a interna sendo a antropologia no ciberespaço ou ciberantropologia, que entende o ciberespaço como uma realidade específica e a externa como a antropologia do ciberespaço que entende este espaço como o produto da cultura.

Complementa:

> De qualquer modo, a pesquisa etnográfica em ambientes de sociabilidade virtual poderá contribuir para o enriquecimento da reflexão sobre as sociedades complexas, visto que o ciberespaço pode ser compreendido como uma das esferas constituintes da mesma. (Silva, 2004, p.5)

No entanto, experiências como o metaverso[9], inteligências artificiais e algoritmos em redes sociais já moldam nossas formas de viver dentro e fora do mundo virtual, portanto

[9] Termo que indica um tipo de mundo virtual que tenta replicar/simular a realidade através de dispositivos digitais. É um espaço coletivo e virtual compartilhado, constituído pela soma de "realidade virtual", "realidade aumentada" e "Internet".

mesmo que nesta pesquisa esteja usando a abordagem externa, a da ciberantropologia, pois acredito que o virtual não se constitui apenas como um produto, mas hoje já se estrutura como uma realidade específica, é importante salientar que termos como ciberespaço ou cibercultura foram sendo deixados de lado segundo, Lins;Parreiras;Freitas (2020, p.4) enquanto se fortalecia apenas a ideia de digital por entender a ampliação e disseminação das tecnologias digitais relacionadas à internet, por entendermos que o digital hoje não pode mais ser ignorado na vida da maioria das pessoas.

Deste modo, aqui pensamos o digital como o que Lins;Parreiras;Freitas (2020, p.2) vai definir como:

> Um conjunto heterogêneo e bastante amplo de objetos, ações e relações sociotécnicas que se tornaram parte de nossa experiência cotidiana, modulada por marcadores sociais de classe, gênero, idade, raça, sexualidade, dentre outros. (Lins;Parreiras;Freitas, 2020, p.2)

Nesta realidade experimentamos de maneira cada vez mais intensa a transformação em ciborgues, sendo cada vez mais seduzidos a resumir nossas existência a máquinas, avatares, nicknames e conexões digitais e na construção de uma cibervida, aqui definida como essa relação profunda da técnica humana com a internet que é capaz de transformar sua maneira de viver, pensar, de se relacionar com as pessoas e sua vida cultural.

Tadeu (2009, p.11) explica:

> Os ciborgues vivem de um lado e do outro da fronteira que separa (ainda) a máquina do organismo. Do lado do organismo: seres humanos que se tornam, em variados graus, "artificiais". Do lado da máquina: seres artificiais que não apenas simulam características dos humanos, mas que se apresentam melhorados relativamente a esses últimos. (Tadeu, 2009, p.11)

Assim vamos construindo uma relação cada vez mais interligada onde as possibilidades de desvincular ou uma forma de vida afastada desse espaço que há muito tempo já não pode mais ser diferenciado do que seria o "mundo real".

Deste modo, a metáfora do ciborgue como explica Haraway (2009, p.39) seria "um mito político cheio de ironia que seja fiel ao feminismo, ao socialismo e ao materialismo", ou seja, um organismo híbrido com pouca diferenciação entre a máquina e o orgânico, o natural e o artificial. Esse organismo põe em jogo os limites entre o natural e o artificial, o físico e o imaterial, o real e o virtual. Com isso, nossos corpos e subjetividades são plásticos, montáveis e desmontáveis em um eterno processo de autoconstrução.

Assim, é importante que ao pensarmos esse espaço, pensemos também como ele reproduz e cria novas desigualdades, no âmbito por exemplo do acesso.

As redes sociais virtuais são redes de intercâmbio social desenvolvidas na internet, onde as pessoas trocam diferentes tipos de informações (Dambrós, 2007, p.37), funcionam

como mediadores sociais e favorecem a criação de relacionamentos em espaços onde o usuário pode criar um círculo de relacionamentos, compartilhar os mesmos interesses e discutir temas variados construindo diferentes elos entre os "eus" públicos e privados. De acordo com Recuero (2005, p. 7), as redes sociais virtuais "funcionam através da interação social, buscando conectar pessoas e proporcionar sua comunicação e, portanto, podem ser utilizadas para forjar laços sociais".

Nas redes sociais todas as nossas postagens constituem o que Bruno (2013, p. 687) chama de rastro digital, a peculiaridade da comunicação "o vestígio de uma ação efetuada por um indivíduo qualquer no ciberespaço", ou seja tudo que fazemos dentro das redes sociais para estabelecer a nossa presença constrói uma marca identitária que pode, por vezes, agrupar mais pessoas formando os grandes movimentos.

A autora complementa:

> Ainda que o rastro seja uma virtualidade de toda ação, ele nem sempre se atualiza. Na internet, diferentemente, o rastro acompanha necessariamente toda ação, salvo que medidas para evitá-lo sejam tomadas. O que se torna potencial é a sua recuperação. Deste modo, além ou aquém das informações pessoais que divulgamos voluntariamente na rede (posts, dados de perfil, conversações no Twitter ou no Facebook) toda ação – navegação, busca, simples cliques em links, downloads, produção ou reprodução de um conteúdo – deixa um rastro, um vestígio mais ou menos explícito, suscetível de ser capturado e recuperado. O ato comunicacional ganha uma peculiaridade na internet. Não apenas acessamos, trocamos, produzimos conteúdos e informações diversas, mas deixamos um rastro dessa comunicação. Comunicar é deixar rastro. (Bruno, 2013, 687)

Seriam então nossas ações nas redes sociais o primeiro passo para a construção de comunidades na internet? Também. É impossível pensar que as ações totalmente independentes em tempos de algoritmos e rankeamento de influência com base em reconhecimentos e selos onde quanto mais "aceito" como influente, mais uma voz específica é projetada para alcançar mais pessoas dentro do espaço virtual.

Assim, neste processo, a construção de visibilidade e validação enquanto voz relevante em um determinado assunto se torna objetivo de anseio de muitos usuários e, para que isso se torne possível muitos perfis entram em processos de produção de conteúdo que embaçam e embaralham os pares público e privado, real e ficcional, atual e virtual, narrador/autor e personagem, essência e aparência, entre tantos outros.

Esse modo como usuários se estabelecem nas redes sociais podem ser entendidas como performances de si mesmos para os outros em suas vidas cotidianas. , onde toda a produção de conteúdo escrito ou visual, interações e engajamentos giram em torno de construir uma auto apresentação que Polivanov e Carreira (2019, p.76) vão explicar como a

busca por uma coerência expressiva que ressalta certos traços em geral positivos de nossas identidades e ocultar outros talvez menos aceitáveis nas plataformas.

Ainda sobre isso, as autoras vão falar:

> As dinâmicas de autoapresentação dos atores em sites de redes sociais, diferentemente de outras mídias sociais como blogs e fóruns online, pressupõem a criação de seus perfis, além da visibilidade e articulação de suas redes de contato como características desses espaços. Além disso, tais plataformas são caracterizadas por serem ambientes não anônimos, onde os atores tendem a revelar o que consideram ser seus selves "reais". (Polivanov;Carreira, 2019, p.76-77)

De acordo com Xavier (2021, p.26), o modo como consumimos e participamos das redes sociais nos dias de hoje pode ser definido como um "processo de virtualização geral" onde, cada vez mais influenciados pelas relações de consumo material e simbólico, nos expressamos consumidores com o Outro.

Neste contexto, o ambiente das redes sociais vai criando comunidades por afinidades de gostos e modos de viver e também influenciando esses mesmos quesitos quando utiliza dos algoritmos que acessam dados pessoais e organizam os conteúdos para manter um controle e moldar as experiências em favor de uma lógica de consumo voltada ao interesse de empresas.

Apesar da função original das redes sociais ser conectar pessoas e criar comunidades com base em vínculos, é preciso entender que as plataformas dessas redes são também grandes empresas. Assim é o caso do Instagram que faz parte da empresa de tecnologia Meta[10] que tem como um princípio "promover oportunidades econômicas". Logo, pensando nisso, é importante também entender que a plataforma de muitas formas se move de acordo com um interesse empresarial e financeiro e esse interesse influencia no modo como os algoritmos são construídos para influenciar a experiência do usuário dentro da plataforma. Uma pesquisa desenvolvida pela Opinion Box[11], feita em 2021 e atualizada em 2022, nos mostra que 82% dos usuários seguem marcas no Instagram, enquanto 64% já compraram algo que descobriram na rede.

Algoritmo segundo Machado (2019, p.48) é uma série de instruções delegadas a uma máquina para resolver problemas pré-definidos. No caso das redes sociais, o algoritmo se trata de um sistema de Inteligência Artificial que tem como objetivo recolher dados da plataforma através de um conjunto de critérios e cálculos que são realizados automaticamente

[10] Meta - Empresa controladora dos aplicativos Facebook, Messenger, WhatsApp e Instagram. Criada por Mark Zuckerberg, a marca substituiu o antigo nome Facebook Inc. < https://about.meta.com/br/ >
[11] Pesquisa sobre o Instagram no Brasil: dados de comportamento dos usuários, hábitos e preferências no uso do Instagram https://blog.opinionbox.com/pesquisa-instagram/

para por interpretar o comportamento dos usuários e assim sugerir dentro das redes quais conteúdos aparecem com mais relevância para cada pessoa.

Machado (2019, p.48-49) completa:

> São processos codificados para transformar dados de entrada em uma saída desejada, com base em cálculos especificados e estão presentes em praticamente todas as funções que executamos na rede. Nos mecanismos de busca, eles ajudam a navegar dentre o universo de informação presente na web. Nos sites de compras, eles sugerem produtos que podem ser relevantes para clientes que já efetuaram uma determinada compra. Dentro da nossa caixa de e-mail, eles ajudam a definir o que é importante e o que é spam. São os algoritmos que definem quais informações são relevantes e quais não precisam ser exibidas.

E neste caso, o do Instagram foi habilitado em 2016 e inicialmente considerava os seguintes fatores para escalar como serão os feeds dos usuários:

a) Temporalidade: ainda que não seja o único critério, a ordem de postagem ainda é considerada na definição do feed;
b) Engajamento: o número de comentários e curtidas determina se um post será priorizado ou não na rede, em especial, considerando esse engajamento logo após a postagem;
c) Relacionamento: considera a proximidade dos usuários por meio de engajamento, mensagens diretas etc.

Esses critérios, no entanto, podem se tornar um pouco mais complicados quando os algoritmos passam a incluir novas variáveis para tornarem-se cada vez mais certeiros.

O que vivemos hoje nas redes é o que Gladwell (2009, p.29) vai chamar de epidemia social devido ao aumento frenético na utilização das redes sociais. Quando falamos do Instagram, seu aumento tanto quantitativo, no sentido da quantidade de usuários cresce a cada dia, quanto qualitativo, quando pensamos na importância social que a rede exerce nas dinâmicas diárias de várias parcelas da sociedade, só corrobora este entendimento.

No estudo, Gladwell (2009) apresenta três agentes responsáveis pela disseminação das redes sociais e por convencer outros a aderirem a elas e até mesmo a convencê-los sobre comportamentos, hábitos, etc., eles são: os conectores que basicamente são pessoas que conhecem muitas pessoas. De acordo com esse autor, os conectores estão inseridos em muitos nichos sociais, subculturas e circuitos da cidade, o conector pode ser entendido como como alguém "popular" e "bem relacionado" (GLADWELL 2009, p.37) .

O segundo agente seriam os mavens, que são aqueles que têm acesso às novidades primeiro, talvez porque estão sempre estudando. Gladwell (2009, p.67) vai dizer que eles “lêem mais revistas e jornais que nós”, “têm o conhecimento e a habilidade” e “eles acabam tendo uma certa autoridade em dar opiniões e serem ouvidos por outras pessoas”.

Já o terceiro grupo, seria os Salesmen - os vendedores. Estes são os agentes que têm a capacidade de persuadir outras pessoas a partir de uma série de sinais, que podem ser detalhes de suas condutas aparentemente imperceptíveis. Os salesmen possuem uma determinada postura e convencem através de um modo de ser e de agir.

Estes três agentes hoje em dia podem seriam entendidos como o que conhecemos por *Influencers,* esses personagens/criadores de conteúdos que trazem em si características dos três agentes já identificados por Gladwell (2009). Se conseguirmos entender assim, também podemos nos perguntar: até onde nosso consumo, contato e vivências virtuais em geral são neutras e em que momento os algoritmos e agentes influenciam nesta navegação?

No Brasil, o título de digitais *influencers* é dado para usuários que utilizam de sua popularidade em determinada rede social para divulgar um estilo de vida e até mesmo produtos de uma determinada marca e a popularidade é tanta que isso já se constitui como uma profissão. São, de acordo com Silva e Tessarolo (2016, p.5) as "pessoas que se destacam nas redes e que possuem a capacidade de mobilizar um grande número de seguidores, pautando opiniões e comportamentos e até mesmo criando conteúdos que sejam exclusivos".

Em números, o espaço e poder dos influencers nos usuários do Instagram no Brasil pode ser observado também na pesquisa sobre o Instagram no Brasil: dados de comportamento dos usuários, hábitos e preferências no uso do Instagram já citada aqui onde de acordo com a pesquisa, 70% dos usuários do Instagram seguem influenciadores. Além disso, 15% afirmam que são muito influenciados por influencers digitais na hora de comprar e consumir produtos. E essa influência é notável, 35% reconhecem que eles influenciam muito na decisão de compra. O poder desse tipo de estratégia é tão grande que o dado mais impressionante é este: 61% disseram já ter comprado algo que um influenciador digital estava indicando ou usando.

Porém estes ainda são diferentes de outros agentes virtuais como por exemplo, os bloggers que também são pessoas que conseguem conectar uma grande quantidade de seguidores nas redes sociais, mas não necessariamente são influencers.

Jezler (2017, p.18) vai explicar:

> Ter um blog, com um número razoável de seguidores, não necessariamente significa ser influencer. Existe uma distinção entre alcance e a capacidade que a pessoa tem de levar outras pessoas a consumir. O termo Digital Influencer se refere exclusivamente a um indivíduo qualquer que esteja conectado online e que leva outras pessoas a ação, ou seja, a comprar um produto. (Jezler, 2017, p. 18).

De toda forma, as redes sociais permitem o agrupamento de pessoas com um mesmo interesse, seja esse intencional ou não, o que constrói comunidades específicas onde os

participantes podem se posicionar como indivíduos ou como atores sociais – neste caso representando (ou atuando em nome de) associações, movimentos, comunidades, empresas etc., para Castells (1999) a comunidade é muito importante para os indivíduos, em suas palavras:

> As pessoas resistem ao processo de individualização e atomização, tendendo a agrupar-se em organizações comunitárias que, ao longo do tempo, geram um sentimento de pertença e, em última análise, em muitos casos, uma identidade cultural e comunal. (Castells, 1999: 79)

Com base nisso, podemos pensar que a sociabilidade virtual cultivada nas redes sociais virtuais acaba por ser como um tipo de movimento urbano que leva à formação de comunidades. Estas hoje em dia perpassam o ambiente virtual e permeiam âmbitos da vida social como um todo.

Alguns desses atores sociais têm utilizado das redes sociais como meios midiáticos onde imagens, discursos e posicionamentos podem ser expostos com mais liberdade onde páginas direcionadas a temas mais ligados ao ativismo, trazendo à tona mais um movimento nesta socialização: o ciberativismo.

Este é caracterizado como o uso dos ambientes virtuais para buscar apoio, debater e trocar informações, organizar e mobilizar indivíduos para ações, seja em relação a causas políticas, culturais, sociais ou ambientais. O chamado ciberativismo passou a estabelecer uma nova fronteira para a participação política, pois, a partir de um computador, os indivíduos conseguem mais rapidamente agregar pessoas à causa que defendem ganhando visibilidade e espaço.

Algo que também é possível observar é como o sistema da dádiva apresentado por Mauss (2001) pode ser aplicado no ciberespaço com o compartilhamento de arquivos digitais. O autor vai dizer que o sistema das dádivas trocadas está impregnado "em todos os sentidos, por dádivas dadas, recebidas, retribuídas, obrigatoriamente; e por interesse, por grandeza e por serviços, em desafios e em apostas" (MAUSS, 2001, p. 97) e quando entendemos os elementos do potlatch: "[a] honra; [o] prestígio [...] a obrigação absoluta de retribuir essas dádivas sob pena de perder essa autoridade, esse talismã, essa fonte de riqueza que é a própria autoridade" (MAUSS, 2001, p. 60), também podemos perceber como tem funcionado a construção de autoridade dentro das redes que institui celebridades, influenciadores dentro de temáticas específicas.

Podemos entender que as ações desenvolvidas nas interações da internet (ter acesso, copiar, distribuir conteúdo/conhecimento) pode estar associada à relação tripla de dar, receber, retribuir explicitada por Mauss. Para Castells (1999), a formação de redes é uma

prática humana antiga, a qual ganhou nova dimensão com o uso das tecnologias digitais (internet). "[a] cultura comunitária virtual acrescenta uma dimensão social ao compartilhamento tecnológico, fazendo da internet um meio de interação social seletiva e de integração simbólica" (CASTELLS, 1999, p. 34).

Assim, podemos entender que a dádiva é um fenômeno social, que se manifesta intensamente na sociedade contemporânea, embora de uma maneira alterada. Segundo Godbout (1999), nas sociedades atuais, a dádiva existe, porém liberada da obrigação de produzir e reproduzir relações sociais. Desta forma, a dádiva 'moderna' também consiste na circulação espontânea de bens entre estranhos. Por exemplo, o conhecimento e as tecnologias que são disponibilizadas no ciberespaço.

Lévi-Strauss (1982) analisa que elas [trocas] não produzem um resultado material, como nas transações comerciais de nossa sociedade. não são "somente comodidades econômicas, mas veículos e instrumentos de realidades de outra ordem, como potência, poder, simpatia, posição, emoção" (LÉVI-STRAUSS, 1982, p. 94), desta forma, quando observamos o modo como usuários influenciadores e seus receptores interagem e trocam nas redes sociais podemos detectar duas semelhanças com o potlatch:

a) estabelecer publicamente a reivindicação de um grupo social; ou anunciar oficialmente uma mudança de situação;

b) superar rivais como acontece na disputa por narrativas dentros das redes;

Mauss (2001) nota ainda a associação entre a troca e a circulação de nomes. As sociedades analisadas davam potlatchs para ganhar, manter ou recuperar um nome, ou alcançar uma reputação. "(...) a distribuição dos bens é ato fundamental do reconhecimento militar, jurídico, econômico, religioso, em todos os sentidos da palavra" (MAUSS, 2001, p. 120).

Dessa forma, comparando a prática colaborativa à luz da visão do antropólogo Mauss (2001), na internet, há uma troca de bens entre coletividades, através da cultura comunitária virtual. O que eles trocam não são exclusivamente bens e riquezas, móveis e imóveis, coisas úteis economicamente, e sim prestígio, autoridade, poder.

No caso de pessoas negras, os espaços das redes sociais tem sido utilizado para afirmação de identidade étnico-racial e enfrentamento de diversas opressões em âmbitos que se intersectam com perspectivas machistas e sexistas através do empoderamento estético, esse movimento é o que queremos analisar aqui: a Geração Tombamento.

4.1. Ciberativismo

Com o avanço e crescimento das redes sociais, cresceram também ações que visavam falar de política dentro desse espaço, seja pela possibilidade de alcançar cada vez mais pessoas de maneira mais rápida. De acordo com Rigitano:

> A partir da incorporação da Internet, os ativistas expandem suas atividades tradicionais e/ou desenvolvem outras. A utilização da rede por parte desses grupos visa, dentre outras coisas, poder difundir informações e reivindicações sem mediação, com o objetivo de buscar apoio e mobilização para uma causa; criar espaços de discussão e troca de informação; organizar e mobilizar indivíduos para ações e protestos on-line e off-line (RIGITANO, 2003, p. 3)

As ações na internet voltadas a causas e demandas políticas ganharam cada vez mais espaço dentro das comunidades digitais e ganham um nome: ciberativismo. Ugarte (2008, p.35) vai considerar uma ação ciberativista quando alguém na internet "propõe algo e soma-se a ele quem quer" e também explica que "a dimensão desta ação vai depender da simpatia e do grau de acordo que a proposta suscite".

André Lemos (2004) é outro autor que vai definir o ciberativismo, este traz três definições:

> 1. Conscientização e informação, como campanhas promovidas pela Anistia Internacional, Greenpeace ou a Rede Telemática de Direitos Humanos. 2. Organização e mobilização a partir da internet para uma determinada ação (convite para ações concretas na cidade) e 3. Iniciativas mais conhecidas como "hackativismo". Ações na rede, envolvendo diversos tipos de ato eletrônicos como o envio em massa de emails, criação de lista de apoio e abaixo-assinados, até desfiguramentos (defacing) e bloqueios do tipo DoS (Denial of Service). (Lemos, 2004, p.1)

Assim entendemos que o ciberativismo busca, através das redes sociais engajar pessoas em diversas lutas utilizando as redes sociais e o ciberespaço como plataforma de propagação desses discursos. Ainda de acordo com Lemos (2004, p.1) são "práticas sociais associativas de utilização da Internet por movimentos politicamente motivados, com o intuito de alcançar suas novas e tradicionais metas".

Outra definição interessante é dada por Rodrigues;Pimenta (2015, p.5) que vai explicar que ciberativismo pode ser a "utilização de sistemas mecânicos que simulem comportamentos de seres vivos ou de universos virtuais para deliberadamente agir com o propósito de interferir na formação da cultura e da sociedade, visando atingir uma meta".

Os autores (2015, p.5) aponta alguns problemas das definições que já existem como, por exemplo, não se atualizarem junto com as evoluções da Web[12] e por serem formuladas na

[12] A história da internet é dividida em épocas marcadas pela implementação de novas tecnologias e mudanças na forma como interagimos nela. Conhecidas como Web 1.0, 2.0, 3.0 e 4.0, essas fases contam com características muito específicas sendo a 1.0 a inicial onde a web se assemelhava a uma página impressa, a 2.0 a fase da

fase da Web 1.0 deixam de lado algumas características dessas evoluções, como "o surgimento dos sites de redes sociais, o uso dos blogs como plataforma de divulgação, informação e mobilização, e a facilitação da comunicação todos-para-todos" ou o modo como alguns conceitos desconsideram a influência no off-line, e ações que ocorram através de mecanismos maquínicos, mas fora do ambiente online, mesmo que utilizando o código digital e limitam a ideia de ciberativismo apenas ao campo político não levando em consideração outros pontos da vida social que também pode e são abordados nessas práticas.

> Desta forma, as definições citadas anteriormente ignoram as ações ocorridas dentro da rede, através de meios exclusivos do ambiente virtual, e que não atuam diretamente no ambiente "real", as quais geram mudanças não só no ambiente institucional, mas em hábitos de pensamento, de ação e de sentimentos da população. (Rodrigues;Pimenta, 2015, p.5)

Sérgio Amadeu da Silveira (2009) vai chamar de "tecnologias do anonimato" as estratégias que permitem que as pessoas se expressem apegadas à ideia de não precisar, necessariamente vincular sua identidade física dentro do ciberespaço, fato é que os debates públicos sobre pautas que impactaram muitas parcelas da sociedade começaram a cada vez mais ganhar força dentro do ciberespaço, este movimento pode ser definido como ciberativismo.

Amadeu (2009, p.2) explica um pouco mais:

> O anonimato aqui é entendido como condição ou qualidade da comunicação não identificada, ou seja, da interação entre vários interagentes que não possuem identidade explícita ou que a ocultam. Como anonímia, ausência de nome ou assinatura, também será considerada a multi-interação, mútuas e reativas, entre humanos e máquinas dotadas de programas informacionais, onde a anonimidade se manifesta perceptível ou de modo sub-reptício. (Amadeu, 2009, p.2)

Esse anonimato possibilitou o surgimento de alguns tipos de ciberativismo que já conhecemos como o Wikileaks e o Anonymous que através de ações de hacking, uso de criptografia e vazamento de dados muitas vezes expõe figuras públicas e sistemas de corrupção, porém suas ações muitas vezes não transbordam para o mundo off-line, o que levaria de encontro a uma das definições da prática, a de Ugarte (2008) que aponta que o movimento do ciberativismo precisa muitas vezes superar e ter peso fora da internet também.

O autor continua explicando:

> O ciberativismo é uma estratégia para formar coalizões temporais de pessoas que utilizando ferramentas dessa rede, geram a massa crítica suficiente de informação e debate, para que este debate transcenda à blogosfera e saia à rua, ou modifique, de forma perceptível o comportamento de um número amplo de pessoas (Ugarte, 2008, p. 111).

---

interação, a 3.0 a da personalização e a (ainda em fase de inicialização) 4.0 a fase onde a inteligência artificial ganha protagonismo.

Logo, partindo desse pressuposto, o ciberativismo começa a ganhar cara e voz onde mesmo que organizações e ONGs se organizem em torno de pautas, muitos usuários também podem se envolver nestes movimentos seja por motivações individuais e autônomas, já que o anonimato citado acima os permite libertar de constrangimentos sociais e ferramentas simples como uma curtida em um post nas redes sociais já é o suficiente para manifestações rápidas de apoio e engajamento daquela discussão.

Uma das primeiras manifestações do ciberativismo ocorreu no México, em 1994, quando o Exército Zapatista de Libertação Nacional – EZLN difundiu suas ideias por meio de sites da Internet e e-mails e, em 1996, disponibilizou na internet seu próprio site contendo informações sobre as causas defendidas por eles.

4.2. Geração Tombamento

É preciso que entendamos que o branqueamento no Brasil foi proposto em três instâncias: a biológica, por meio da miscigenação; a moral, pelo cerceamento dos costumes; e a estética, com técnicas químicas, mecânicas e cosméticas para alisar os cabelos, clarear a pele e tentar suavizar todo traço característico da cultura negra que ainda restassem nos corpos de pessoas negras.

Stepan (2005, p. 149) explica que a eugenia era, acima de tudo, "um movimento estético biológico, preocupado com a beleza e a feiura, pureza e contaminação, conforme estas se representavam na raça". Ela afirma que as primeiras estratégias para "melhoria" do povo brasileiro estavam ligadas à higiene, aos cuidados com o corpo e com a eliminação dos "venenos raciais". Isto é: eliminar o que não fosse branco/ocidental da identidade brasileira.

E na contramão disso, aliado ao crescimento da internet o movimento negro passou a utlizar a moda como estratégia de resistência. Penteados nos cabelos com referências às culturas africanas ancestrais, as cores e formas das roupas foram, e ainda são, utilizadas para chamar a atenção quanto às desigualdades de raça e de gênero e trazer aspectos positivos à cultura negra.

De acordo com a Associação dos Professores Universitários da Bahia-APUB[13], a geração "tombamento" pode ser definida como uma "expressão da juventude negra, mulheres/homens negras que se afirmam através da estética no fortalecimento de suas culturas e no enfrentamento ao racismo". O movimento político-estético encabeçado por jovens negros ganhou espaço nas ruas utilizando as redes sociais como vitrine para expressar a afirmação da identidade através da imagem.

[13] APUB. **O empoderamento das minorias e a geração tombamento nas Polêmicas da UFBA.** Associação dos Professores Universitários da Bahia (Apub), 2017.

Domingos e Nogueira (2017, p.07) afirmam que os jovens negros considerados da geração tombamento demonstram seu posicionamento político-estético através dos seus cabelos naturais, no estilo black power, dos tingimentos feitos neles, dos acessórios derivados das culturas africanas, dos turbantes, como também dos seus vestuários, afirmando suas identidades e lugares de fala.

Este enfrentamento é definido por Djamila Ribeiro (2015) no seu artigo "O empoderamento necessário" escrito para o portal Mulher Executiva[14], como parte de um conceito coletivo no sentido de proporcionar a si mesmo e aos outros mecanismos de enfrentamento para que juntos possam romper as estruturas racistas, sexistas, homofóbicas, ou seja, o combate de todas as formas de opressão para uma sociedade mais justa e igualitária no respeito às diferenças. Por conseguinte, se empoderar é identificar e compreender o que se é enquanto indivíduo e parte de um grupo desprovido de justiça social.

Conforme Baquero (2006, p.89), ao se revisar a literatura, o conceito de empowerment pode ser identificado desde o século XVI, na Reforma Luterana, quando o seu sentido já aparecia associado à noção de protagonismo e pró-atividade das pessoas diante de um dado contexto social. Ou seja, apesar da ascensão atual, o empoderamento não é um termo novo, talvez o seja para o mercado, mas em movimentos sociais, o mesmo já existe de muitas formas.

Ainda sobre empoderamento, Joice Berth (2019, p.18) vai explicar:

> Quando assumimos que estamos dando poder, em verdade estamos falando na condução articulada de indivíduos e grupos por diversos estágios de autoafirmação, autovalorização, autorreconhecimento e autoconhecimento de si mesmo e de suas mais variadas habilidades humanas, de sua história, e principalmente de um entendimento quanto a sua posição social e política e, por sua vez, um estado psicológico perceptivo do que se passa ao seu redor. (Berth, 2019, p.18)

O termo "tombamento" vem da gíria "tombar" que significa "causar boa impressão de uma forma diferente", ou também "arrasar". Essa expressão atingiu um público maior e teve mais popularidade, em 2015, com o hit "Tombei" da rapper Karol Conka, que ganhou notoriedade no país, tendo sua imagem e atuação veiculada tanto nos meios digitais quanto nos meios de comunicação de massa.

FIGURA 17 - Karol Conká em Tombei

[14]"**O empoderamento necessário**" in http://www.portalmulherexecutiva.com.br/o-empoderamento-necessario-19840 acessado em 25 de agosto de 2021.

Fonte: Audiograma

Foi com esta idealização que a Geração Tombamento cresceu exponencialmente nas redes sociais entre os anos de 2014 a 2016, principalmente no instagram por ser uma rede social visual, páginas voltadas a celebração e visibilidade à características e traços estéticos negros começaram a surgir e a crescer acumulando milhões de seguidores e likes em fotos onde traços como seus cabelos naturais, black power, tingimentos feitos neles, acessórios derivados da cultura africanas, turbantes, como também nos seus vestuários e expressões artísticas como ritmos musicais com influencia negra e afrobrasileira eram expostos orgulhosamente, utilizando dessas características como ato político.

Segundo Ribeiro (2016), esse movimento se disseminou na moda, na arte, na música, tratando o afro como o futuro, através do prazer de ser quem se é, promovendo o orgulho das suas raízes negras. E o resultado dessa ação é algo grandioso. Diversos jovens negros, na sua maioria periféricos, por meio da estética e cultura, transformam os seus corpos, antes postos à margem, em ativismo e política, reafirmando sua negritude, demostrando orgulho de ser quem são e lutando pela igualdade para todos.

Com o incentivo da transição capilar, a Geração Tombamento teve nos cabelos um dos principais marcadores de identidade. O cabelo no estilo black power e o pente de madeira foram tão importantes para o movimento negro dos anos 1960 e acabaram sendo seus símbolos de identificação. Os dreadlocks, adotados pela religião rastafári, também foram ressignificados como símbolo de resistência da cultura negra. A transição capilar, o uso de tranças, turbantes e artefatos que remetem à ancestralidade africana estão muito presentes e incentivados nesse movimento e é possível ver uma maior quantidade de pessoas negras utilizando seus cabelos sem química e adornados com tranças e turbantes.

Semelhantes a manifestações como os Fashion Rebels na África do Sul e o Afropunk nos Estados Unidos, a Geração Tombamento no Brasil utilizou a moda para mediar a discussão das relações raciais apontando para para a desconstrução de estereótipos de raça e de gênero por meio da construção de referências estéticas negras positivadas.

Figura 18 - Fashion Rebels da África do Sul

Fonte: Fashion Bubbles

Páginas voltadas ao tema do empoderamento e da beleza negra acumulam milhões de seguidores, curtidas e comentários o que passou a gerar mais e mais visibilidade corpos e vozes negras dentro das redes sociais e alavancar protagonistas desse movimento que através das publicações destas páginas traziam mais e mais espectadores para suas próprias redes. Quanto mais legitimidade esses atores sociais ganham engajamento e seguidores em suas redes, mais os mesmos se colocam como autoridade, cara e voz do movimento.

Muitas vezes essa voz pautou, inclusive, o próprio movimento. Como é o caso de Nataly Neri (2019), em suas palavras:

> Dizer que não há consciência social e política na geração tombamento e que é unicamente e exclusivamente um movimento estético que não transforma estruturas, é ignorar as dezenas de conflitos que essas afirmações estéticas ativam e com isso, de um jeito ou de outro, traz as desigualdades raciais ao centro do debate. (Neri, 20019)

A importância do movimento vem justamente nesse processo de transgressão que deu a muitos/as jovens o poder de libertarem seus corpos e cabelos e modos de ser e estar.

FIGURA 19 - Afropunk

Fonte: Mundo Negro

Sobre essa influência Karhawi (2017, p.41) vai complementar:

> Os influenciadores digitais fazem parte de um espaço social de relações marcadas por disputas pelo direito à legitimidade. Assim, ¨ser influente¨, poder dizer algo, ter legitimidade em um campo não é fato dado, mas construído. Para ser capaz de influenciar, em alguma medida, um grupo de pessoas, pressupõe-se um destaque, prestígios; algum tipo de distinção em meio ao grupo (KARHAWI, 2017, p. 41).

No entanto, ao mesmo tempo em que esse movimento abre espaço para manifestações políticas, comportamentais e estéticas, também influenciou marcas e seus discursos a adotarem expressões que esta corrente para falar com o público dessa geração, bem como da sociedade em geral muitas vezes visando lucro financeiro travestido de interesse às discussões levantadas utilizando muitas vezes da imagem e poder de influência de muito desses criadores de conteúdo para alavancar produtos de suas marcas.

E como vivemos numa sociedade capitalista, que tende a tornar mercadoria tudo que toca, não seria diferente com as causas levantadas nas redes sociais seguindo o que Adorno e Horkheimer (1985, p.100) já chamavam de indústria cultural, onde, segundo eles, tudo não passa de um negócio e “eles a utilizam como uma ideologia destinada a legitimar o lixo que propositalmente produzem”. Nesta indústria os meios de comunicação em massa constituem uma forma de alienação que mantém fins comerciais de maneira sistemática e programada para a exploração de bens considerados culturais e manutenção da ideologia dominante que estrutura todo esse sistema.

Neste caso, quando entendemos que a internet também é um meio de comunicação de massa e este está inserido nessa lógica capitalista, podemos então entrar na discussão sobre nossas produções e discursos dentro das redes sociais. Seriam elas também mercadoria? Se sim, quem está lucrando, acessando, ou fazendo parte dos movimentos que chamamos de empoderamento?

4.3. Páginas na Internet - A Vitrine da Geração Tombamento

Inicialmente lançado com o nome de Burbn, em outubro de 2010 recebeu o nome de Instagram, chegando a marca de 1 milhão de usuários em dezembro do mesmo ano. Em 2011 o Instagram foi considerado o aplicativo do ano pela Apple. Em 2012, a rede social foi comprada pelo Facebook por 1 bilhão de dólares, com mais de 300 milhões de usuários[15]. Desde então a rede social vem constantemente atualizando as possibilidades de interações entre os usuários, ganhando cada vez mais espaço na vida e cotidiano das pessoas e, também, de empresas e corporações sendo hoje a terceira rede social mais utilizada no Brasil com 113 milhões de contas ativas[16].

No Instagram as possibilidades de sociabilidade se apresentam através das diferentes ferramentas oferecidas na própria plataforma, sempre em constante modificações e atualizações que incrementam possibilidades, tais como feed, IGTV, Story, direct, marcações, reels etc. A plataforma também dispõe de uma página na web com dicas e informações sobre o uso da plataforma para criadores de conteúdos ou usuários que utilizam a conta comercial. Nessa página a rede social apresenta a seguinte mensagem: “Envolva seu público: Uma comunidade engajada é fundamental para o seu sucesso no Instagram. Crie lealdade engajando com os fãs via feed, Stories, Live e IGTV”[17]. E dentro dessas possibilidades as páginas criadas na rede podem ser perfis pessoais - criado e alimentado por uma pessoa sobre seu dia a dia, vida e etc., perfis comerciais - estes são perfis criados para empresas e marcas que visam alcançar o público para em seguida vender algo ou páginas dedicadas a temas múltiplos - essas podem ser utilizadas para divulgar causas, campanhas e/ou debater sobre temas específicos.

---

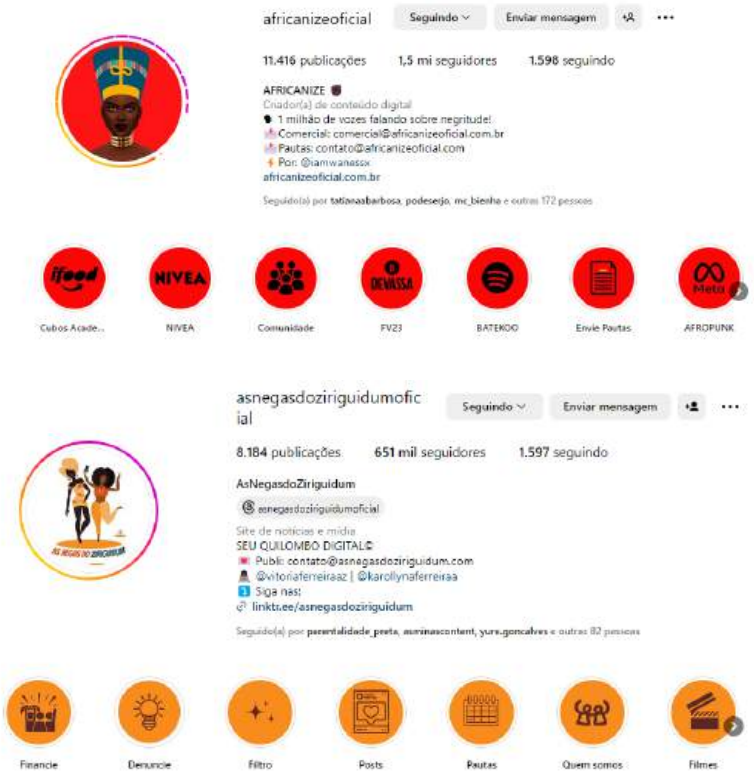
[15] A curta história do Instagram - http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2012/04/entenda-curta-historia-do-instagramcomprado-pelo-facebook.html

[16] As redes sociais mais usadas no Brasil - https://resultadosdigitais.com.br/marketing/redes-sociais-mais-usadas-no-brasil/

[17] Informações para criadores de conteúdo digital, disponível em: https://about.instagram.com/creators

Analisei nesta etapa, conforme citado anteriormente páginas voltadas ao empoderamento negro focando especificamente em 2: a página Africanize[18] que chegou ao instagram em 2016 e hoje conta com 1,5 milhões de seguidores em seu perfil do Instagram e a página As Negas do Ziriguidum[19] que teve sua primeira postagem em 2014 e possui hoje cerca de 600 mil seguidores. A primeira, por seu número de seguidores, o que configura um público expressivo, já a segunda por seu início de postagem compreender o tempo de nascimento e expansão do movimento observado.

FIGURA 20 - Perfis das páginas Africanize e Negas do Ziriguidum no Instagram



Fonte: Instagram

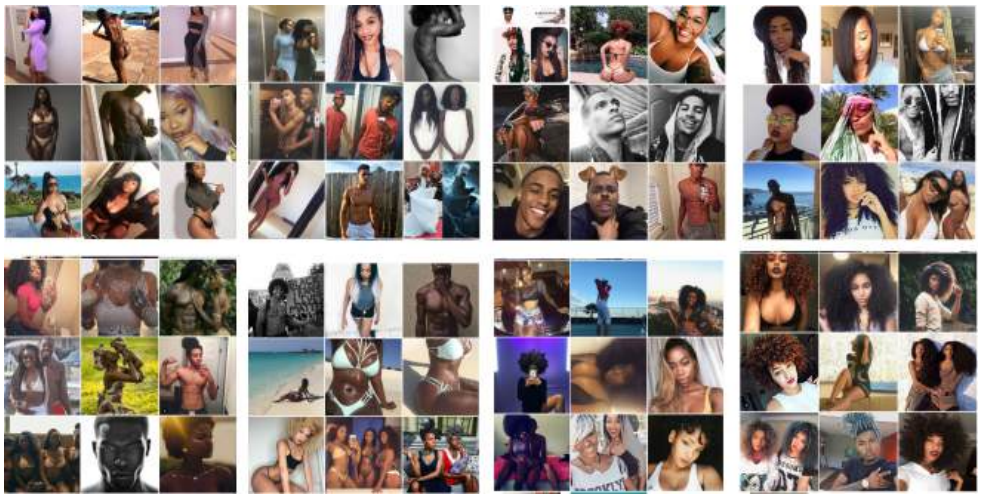
A página Africanize existe desde 2014 com o objetivo de "exaltar o perfil de pessoas pretas no Brasil, sem distinção", que começou mostrando a beleza preta e depois ampliou para outros temas como saúde, história, cultura, artistas, racismo e etc[20], porém sua primeira postagem no Instagram é de 13 de março de 2016. A Africanize está presente nas redes sociais Facebook, Instagram, Twitter, Telegram, Tiktok e LinkedIn, também possui um site,

[18] Perfil da página Africanize - https://www.instagram.com/africanizeoficial/
[19] Perfil da página As Negas do Ziriguidum - https://www.instagram.com/asnegasdoziriguidumoficial/
[20] Site do portal Africanize - www.africanizeoficial.com.br/sobre-nos

porém para esta análise optei por me concentrar no perfil do Instagram, por ser, entre as redes a mais voltada para o visual.

Como dito anteriormente, a página surgiu nas redes sociais em 2014, juntamente com o boom do momento de empoderamento estético trazido pelo movimento da geração tombamento para a internet, seu conteúdo era mais voltado apenas para fotografias de pessoas negras e valorização de sua estética. Atualmente a página já tem uma padronização mais parecida com a de um portal de notícias, ainda focado em narrativas negras, mas não apenas em estéticas.

FIGURA 21 - Posts da página Africanize

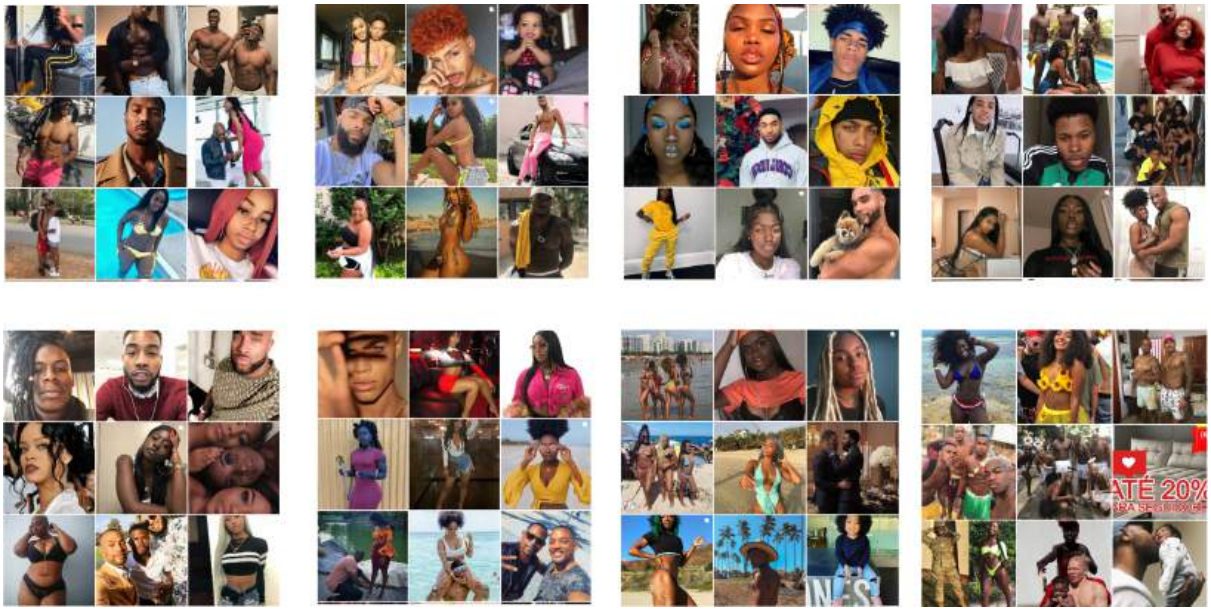


Fonte: Instagram

Durante o período analisado (2014-2016), foram veiculados 361 posts na página e todos foram fotos. Observando essas postagens como um todo pude ter algumas percepções sobre o conteúdo de maneira qualitativa: 79 dessas postagens trazem a imagem de pessoas negras com algum grau de nudez (sem camisa, de biquíni, sunga ou roupa íntima) e em poses com apelo sexual, apenas 11 dessas postagens apresenta pessoas gordas e em nenhuma dessas postagens há um homem gordo ou magro - não musculoso. Também foi possível notar que nenhuma das imagens postadas faz alusão sobre trabalho formal ou vida acadêmica dessas pessoas e não há legendas explicativas sobre o que o conteúdo das imagens quer transmitir para o público.

A sequência de imagens acima refere-se à organização visual das publicações do feed da página dentro do período analisado. É possível perceber um padrão visual nas imagens que sobre os tipos de corpos, formatos de cabelos e até representação de cada sujeito dentro da proposta que a página traz de "dar visibilidade à beleza negra sem distinções".

FIGURA 22 - Posts da página Africanize



Fonte: Instagram

A página As Negas do Ziriguidum, por sua vez, fez sua primeira postagem no instagram em fevereiro de 2014 e em seu slogan se intitula como um "Quilombo Digital" para os seguidores e está presente também no LinkedIn, Facebook, TikTok, Telegram e Twitter. De acordo o perfil do LinkedIn da página, esta existe desde 2012 e "está entre as maiores páginas do Brasil e é um dos portais com maiores acessos no segmento da afrodescendência"[21].

Analisei 406 postagens que datam de fevereiro de 2014 a setembro de 2016, neste período as postagens não tinham ainda tanta constância e frequência, logo a página tinha muitos hiatos passando meses entre uma postagem e outra. Mesmo assim pude observar alguns padrões semelhantes a outra página analisada, mas com algumas diferenças específicas: em sua maioria as imagens veiculadas eram de crianças negras (207) e algumas traziam frases de empoderamento (51), as demais (148) trazem imagens de jovens negros e negras.

FIGURA 23 - Posts da página As Negas do Ziriguidum

[21] Página do portal As Negas do Ziriguidum no LinkedIn - https://www.linkedin.com/company/as-negas-do-ziriguidum/

Fonte: Instagram

Não foram analisadas informações dos perfis pessoais das fundadoras das páginas, mas acredito que seja importante situar o leitor sobre quem são essas pessoas pois na internet e nos jogos de influência das redes sociais muitas vezes o conteúdo e seus criadores se fundem dentro do discurso. As duas páginas são administradas por mulheres negras que pouco se divulgam dentro da página, mas hoje já possuem agendas e produzem conteúdo em eventos como digitais influencers.

À frente da página Africanize, Wanessa Fernandes[22] é uma maquiadora paulista de 26 anos que pouco se "mostra" no perfil como idealizadora da página, apesar de já ter dado algumas entrevistas falando sobre o assunto, há poucas informações sobre a jovem no perfil da página e no site, mas aos poucos ela vem aparecendo mais na página.

Já no comando da página As Negas do Ziriguidum estão Karollyna Ferreira[23] que, além da administração da página, também faz parte da Forbes BLK[24] e é analista de comunicação digital do grupo Boticário e Vitória Ferreira[25] também atuante no mundo da comunicação, mas hoje se dedica integralmente à página.

FIGURA 24- Fundadoras das páginas Africaniza e As Negas do Ziriguidum

[22] Perfil da Wanessa Fernandes - Administradora da página Africanize:https://www.instagram.com/iamwanessx/

[23] Perfil da Karollyna Ferreira - Administradora da página Negas do Ziriguidum: https://www.instagram.com/karollynaferreiraa

[24] Comunidade global de empreendedores, profissionais, líderes e criadores negros que estão impulsionando mudanças sistemáticas nos negócios, na cultura e na sociedade.

[25] Perfil da Vitória Ferreira - Administradora da página Negas do Ziriguidum: https://www.instagram.com/vitoriaferreiraaz/

Fonte: Instagram

É importante destacar que a compreensão dos sujeitos e suas subjetividades é aqui entendida por uma perspectiva pós-moderna, pensando um sujeito nunca acabado e pronto, mas em constante construção, que se constitui de forma relacional, atravessado por diferentes dimensões sociais, materiais e simbólicas que se cruzam e inter-relacionam. Assim, para melhor exposição dos argumentos aqui apresentados, optou-se pela exposição da análise em eixos temáticos, no entanto, entende-se que estes operam de forma conjunta e interconectados numa relação de mútua influência entre sujeito e ambiente.

A análise dos dados foi embasada na literatura revisada em conjunto com a análise semiológica desenvolvida por Umberto Eco (1976) para conteúdos audiovisuais televisivos, que nesta pesquisa foi adaptada ao contexto do Instagram considerando as categorias de códigos, subcódigos envolvidos na transmissão da mensagem bem como as funções da mensagem, conforme proposto pelo autor, uma mensagem é composta por um complexo sistemas de signos e significantes, em diferentes níveis de conteúdo, que se utiliza de um ou mais códigos e subcódigos para comunicar ou transmitir uma informação com diferentes funções que se articulam a um quadro referencial cultural. No quadro abaixo os conceitos e funções apresentados por Eco (1976) e utilizados por mim nesta análise:

QUADRO 1 - Conceitos para Análise

CÓDIGO	**SUBCÓDIGO**
ICÔNICO	Iconológico: a imagem conota algo a mais

(percepção visual)	Estético: significados relacionados a convenções de gosto estético
	Erótico: significados relacionados a convenções sobre o que é considerado belo, desejável, por exemplo
	Montagem: refere-se à combinação das imagens, elementos que compõem o cenário, enquadramento, sequência
FUNÇÕES	**CONCEITO**
Função Referencial	Indica alguma ação no sentido denotativo e também no sentido conotativo
Função Emotiva	Objetivo de suscitar emoções, associações de ideias, identificações etc.
Função conotativa ou imperativa	Objetivo de comando, persuasão
Função fática ou de contato	Objetivo de estabelecer um contato psicológico com receptor, como por exemplo uma saudação
Função Metalinguística	Fala de outra mensagem ou de si mesma
Função Estética	Deve ser entendida como um sistema harmônico e compreensível em todos os níveis e funções

Fonte:Elaborado pela autora, adaptado de Eco (1976)

As funções da mensagem podem coexistir, ou alternar-se de maneira a predominar uma ou outra conforme os níveis de significado. Qualquer nível de significado é decifrável com base em um quadro referencial cultural específico, de forma que uma mensagem, por mais que possa apresentar um sentido denotativo, pode assumir significados conotativos pelo receptor conforme o quadro de referência.

> O quadro referencial cultural é um sistema de expectativas constituído por saberes e disposições, tais como ideológicas, psicológicas, éticas, religiosas, sistemas de valores etc., que interagem com a mensagem e determina a escolha dos códigos e subcódigos que devem prevalecer na decodificação da mensagem (ECO, 1976, p. 379).

Assim, o emissor (páginas analisadas) codifica a mensagem com base no seu quadro referencial cultural e esta é decodificada pelos receptores (seguidores das páginas), com base nos seus próprios quadros referenciais - que podem ser semelhantes ou diversos daquele do emissor - atribuindo sentido denotativo e/ou conotativo a informação recebida. Esse processo de análise possibilita de forma objetiva compreender não só as funções da mensagem, mas também sua relação com um contexto social e cultural mais amplo.

Ao analisar as postagens pude perceber a grande quantidade de postagens que levam a uma visão sexualizada dos corpos mostrados ali, a leitura de uma beleza negra quase sempre

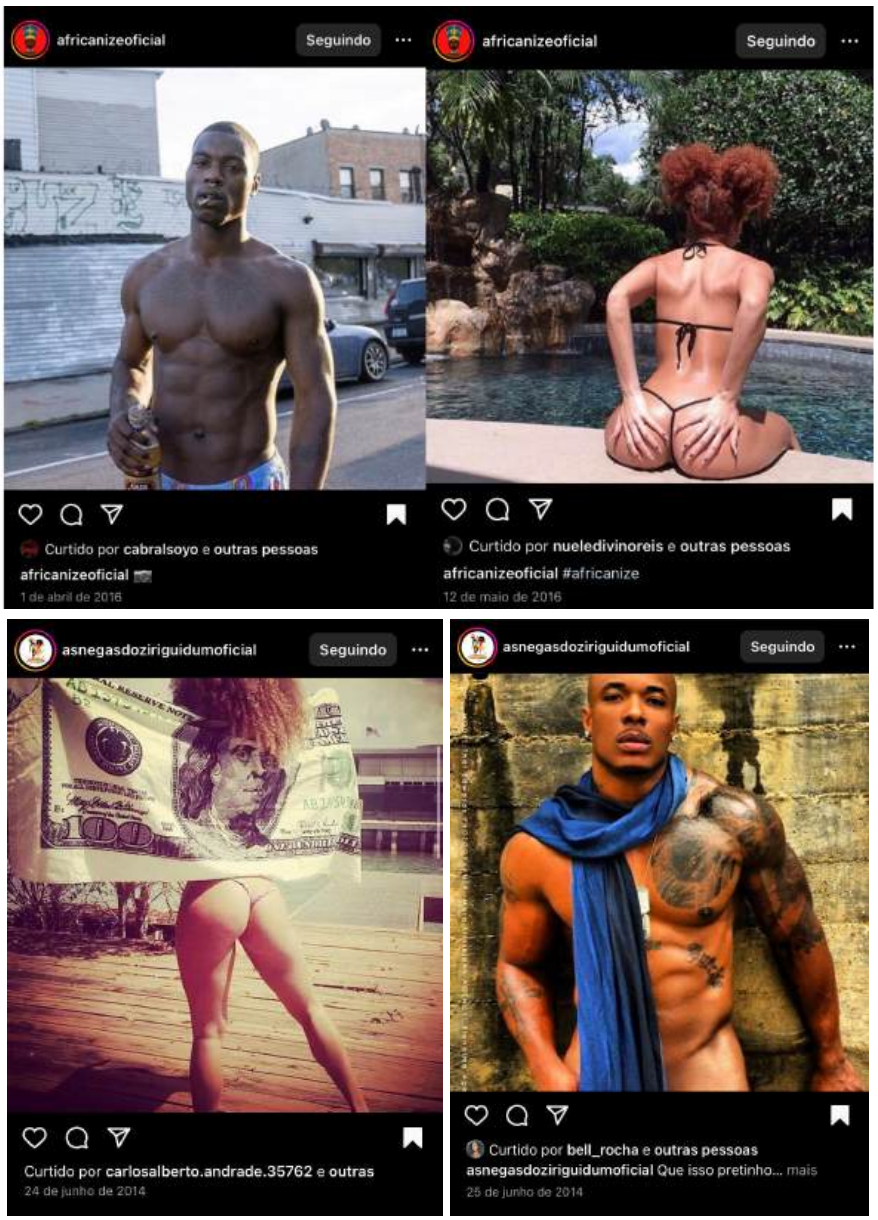
vinculada a um corpo nu, em poses apelativas que de muitas formas relembram estereótipos historicamente atrelados à pessoas negras. Há também um padrão específico de corpo que se repete dentro destas postagens, um tipo de corpo que foi exotificado e sexualizado muitas vezes ao longo da história com figuras marcantes como as mulatas, o corpo que por muito tempo foi visto como próprio pra o sexo, pecado e abuso.

FIGURA 25 - Primeira postagem da página Africanize

Fonte: Instagram

Desde a primeira postagem, em sua maioria as imagens que retratam mulheres negras as trazem remontam a imagem de controle trazido por Patricia Hill Collins de Jezabel (2019, p.65) que aqui podemos utilizar o termo "mulata", para trazer uma identidade mais brasileira e próxima da nossa realidade. Os corpos de homens também trazem padrões sexualizados, o padrão do "negão" que remontam no imaginário social o desejo sexual ou o medo das pessoas que os veêem.

FIGURA 26 - Posts das páginas com graus de nudez



Fonte: Instagram

A padronização de corpos presente nas páginas fica evidente tanto de forma qualitativa, como já citado mais acima, como de maneira quantitativa, a ausência de corpos que não sejam dentro do padrão exótico sexualizado abre espaço para a exclusão de pessoas que não estejam dentro do alvo de desejo que o branco-ocidental já havia criado para negros/as desde o primeiro contato colonizador com estes. E para além disso, se estamos falando de um momento de enaltecimento da imagem negra, como foi o período analisado e o intuito das páginas, essa exclusão de corpos que estão fora desse grupo específico retratado pode por muitas vezes retomar estereótipos sobre o que é belo ou não, aceito ou não.

Em sua maioria, as pessoas que aparecem no período analisado estão dentro de um padrão corporal específico: musculosos e curvilíneos e são retratados dentro de contextos

apelativos-sexuais, o que reforça a ideia da beleza negra ser vinculada apenas a esse aspecto e exclui pessoas com corpos e aparências diferentes destas.

FIGURA 27 - Posts das páginas com adereços

Fonte: Instagram

Também se faz importante notar que a Geração Tombamento é marcada por um padrão estético específico, tranças coloridas, acessórios grandes e exuberantes, turbantes, roupas com estampas étnicas e etc. Esse resgate de traços da cultura negra, não é algo ruim, mas acaba por ser excludente com pessoas que não têm tanto acesso financeiro a essas bens.

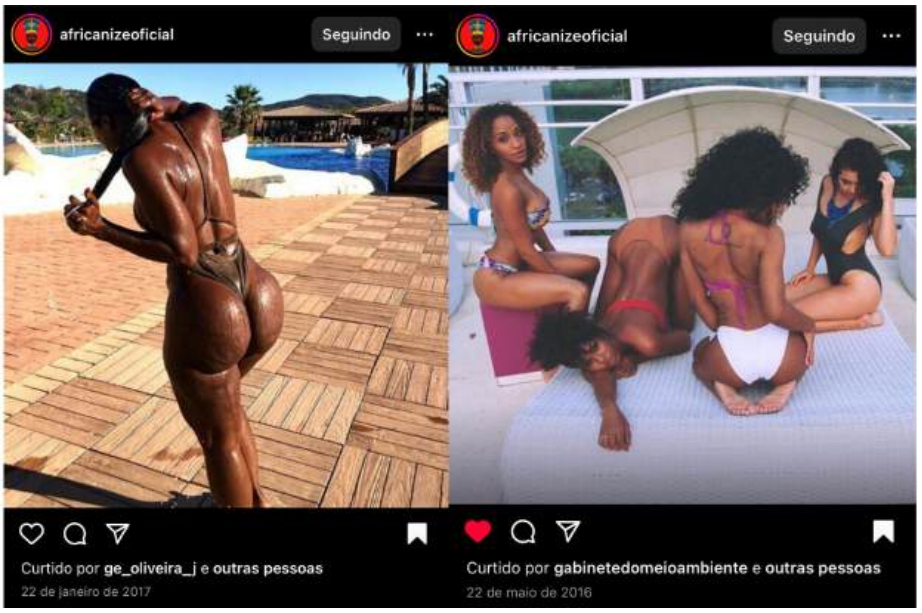
Também é possível notar que as pessoas retratadas na página analisada estão com adereços que não condizem com a cultura negra brasileira e sim com um imaginário do que seria uma pessoa negra, o que por muitas vezes acaba por excluir e apagar o que está sendo construído aqui, no Brasil enquanto cultura e características do nosso povo negro, dentro das nossas especificidades.

FIGURA 28 - Posts que retratam casais

Fonte: Instagram

Outra coisa a se notar é que os casais também seguem um padrão onde todas as pessoas são “iguais” dentro da estética que a página já entrega para os seguidores. Os casais representados são sempre de pessoas magras-musculosas. Se pensamos nestas páginas como vitrines, podemos também perceber que há aí uma padronização em relação a estética de quem está se relacionando afetivamente, logo, podendo surgir uma forma de pensar sobre quem são os corpos que podem ser amados, receber afeto, encontrar um par - que também precisa estar/ser parecido.

FIGURA 29 - Posts que remontam a sexualização



Fonte: Instagram

Acompanhar as páginas me fez pensar sobre a diferença entre representatividade e representação, a representatividade faz referência ao número de vezes que a pessoa negra aparece e neste caso, de fato a página foca em representatividade para estes corpos. Porém, quando falamos de representação, analisei como este corpo negro é retratado dentro da página.

Guareschi (2000, p.73) explica que as representações sociais são um conhecimento do senso comum que é socialmente construído e socialmente partilhado em diferentes locais, como a mídia, os bares, as esquinas e mesmo a escola.

Deste modo quando faço a análise qualitativa percebo que os modos como essas pessoas negras foram retratadas durante o período acabava por fortalecer imagens de controle e estereótipos racistas que atrelam a imagem de pessoas negras a imaginários sociais

pejorativos e excludentes. E esta é uma armadilha que pode acabar por enredar até mesmo pessoas negras, como é o caso das administradoras das páginas, todas mulheres negras, porém, não imunes as armadilhas coloniais que podem acabar por nos fazer repetir processos racistas sem nos dar conta.

Durante o período em que a Geração Tombamento estava em seu auge nas redes sociais páginas como a analisada serviam de vitrine para muitas pessoas negras se sentirem representadas e construir a sua autoestima e sua identidade estética, porém, de muitas formas estas páginas também reforçavam padrões excludentes e racistas sobre corpos negros de homens e mulheres ao mostrar apenas pessoas que já estavam dentro do conceito aprovado pela branquitude.

Essa representação acaba por deixar pessoas que não possuíam acesso financeiro para comprar os acessórios, pagar penteados ou roupas, ou que não estavam dentro do padrão de corpo considerado bonito, não encaixados na estética da comunidade e do empoderamento por ela prometido. Por isso, retomo a pergunta: quem “tombou” com o movimento da geração tombamento?

5. POSTS ESCREVIVENTES - EUS QUE FALAM DE NÓS

Para a construção deste tópico encontrei-me com algumas pessoas, todas usuárias da rede social analisada nos mais diversos estágios - seja como produtores ativos ou consumidores, aqui busco dialogar sobre como o movimento da Geração Tombamento numa tentativa de empoderar pessoas negras ressoou na construção das identidades de pessoas negras. Levando sempre em consideração o que Munanga (2004) expõe:

> Parece simples definir quem é negro no Brasil. Mas, num país que desenvolveu o desejo de branqueamento, não é fácil apresentar uma definição de quem é negro ou não. Há pessoas negras que introjetaram o ideal de branqueamento e não se consideram como negras. Assim, a questão da identidade do negro é um processo doloroso. (MUNANGA, 2004, p. 52)

Assim, entendemos que o processo de identificação é social, mas também individual e que este, mesmo que marcado por experiências semelhantes, não pode ser generalizado sob o risco de mais uma vez recair a hierarquizações que excluem corpos e modos de ser que não obedecem a um padrão, muitas vezes eurocêntrico.

O modo como Jhullyrson, um dos meus interlocutores, definiu sua casa em uma das nossas conversas foi um ótimo começo: "*safe space*" - um espaço seguro. Ao entrar em contato com cada um deles pedi que escolhessem um ambiente em que se sentissem confortáveis e pudessem ser eles mesmos.

Esse movimento de nos despir da performance social, pra mim, era muito importante para que pudéssemos conversar sobre como essas mesmas performances haviam, ou não, afetado seus processos de entendimento de negritude, identidade, pertencimento e beleza. Assim, acabei fazendo os encontros com 2 interlocutores (Cássia e Jhullyrson) em suas casas e o com Adija num café no shopping na cidade, todos os lugares escolhidos pelos interlocutores.

Cada um dos interlocutores está numa posição específica dentro do uso das redes sociais: Cássia trabalhava para usuários - empresas, Adija produz conteúdo para vender seus serviços como DJ e como enfermeira esteta e Jhullyrson utiliza as redes mais como consumidor, numa postura mais *low profile*[26]. Apesar dos três terem vivido a internet na mesma época, talvez, o modo como cada um esteve neste espaço pode tornar diferente o processo de adaptação e pertencimento na comunidade.

Mais à frente conheceremos um pouco de cada um.

[26] Usuário que posta pouco sobre si mesmo nas redes sociais

5.1 Como morre uma nação - Cássia Rocha

Quando escolhi Cássia como interlocutora eu já a conhecia, nos encontramos em alguns encontros estudantis da comunicação social, o fato de ela ser muito ativa nas redes sociais, principalmente o Instagram, tanto como usuária quanto como ferramenta de trabalho, visto que a mesma acabara de abrir sua empresa de gerenciamento de redes sociais a Firma[27] foi um dos fatores primordiais. Estabelecemos uma amizade virtual e desde 2017 nos "seguimos", neste tempo pude acompanhar seu processo de transição capilar e construção da imagem, processo este que caracteriza o movimento Geração Tombamento como experiência político-estética vivida por pessoas negras principalmente nas redes sociais entre 2014 e 2017, isso também me ajudou na decisão de convidá-la para participar da construção deste trabalho.

Encontrar Cássia tinha muitos motivos, um deles foi o fato de que desde nossas primeiras conversas nos identificamos com algumas Imagens de Controle. Foram três contatos online e em agosto de 2022 fui pessoalmente ao seu encontro em Vitória no estado do Espírito Santo. Pedi para que ela escolhesse um local em que pudesse se sentir confortável para ela ser ela mesma. O local escolhido foi sua casa, onde passamos a tarde conversando agradavelmente.

Porém este campo acabou sendo interrompido abruptamente com o falecimento repentino de Cássia, vítima de um ataque cardíaco, inicialmente, causado pelo estresse. Esse fato abriu mais uma categoria de análise, muito difícil de ser feita como todo este relato, que é o adoecimento de pessoas negras em busca desse dito "sucesso" que não lhes dá tempo de ser mais nada que não uma máquina de trabalho, o corpo então é relegado ao segundo plano, onde talvez, se sobrar tempo, será cuidado.

Durante muito tempo tive dificuldades imensas de até mesmo revisitar os arquivos dos encontros com Cássia, ouvir suas falas todas apontando para um futuro e precisar escrevê-las como num passado me doía como se algo de mim também estivesse ficando por lá. Escrever esse relato me desafiou em muitos lugares. Cássia era parecida comigo em muitas coisas. Preta como eu, gorda como eu, comunicadora como eu, estava vivendo seu auge profissional como eu, a primeira da família… Receber a notícia de sua morte me paralisou. Eu morri em algum lugar junto com ela.

Quando recebi a ligação da mãe dela me informando de seu falecimento estava no processo de transcrição do nosso encontro e por muito tempo essa notícia não fazia sentido

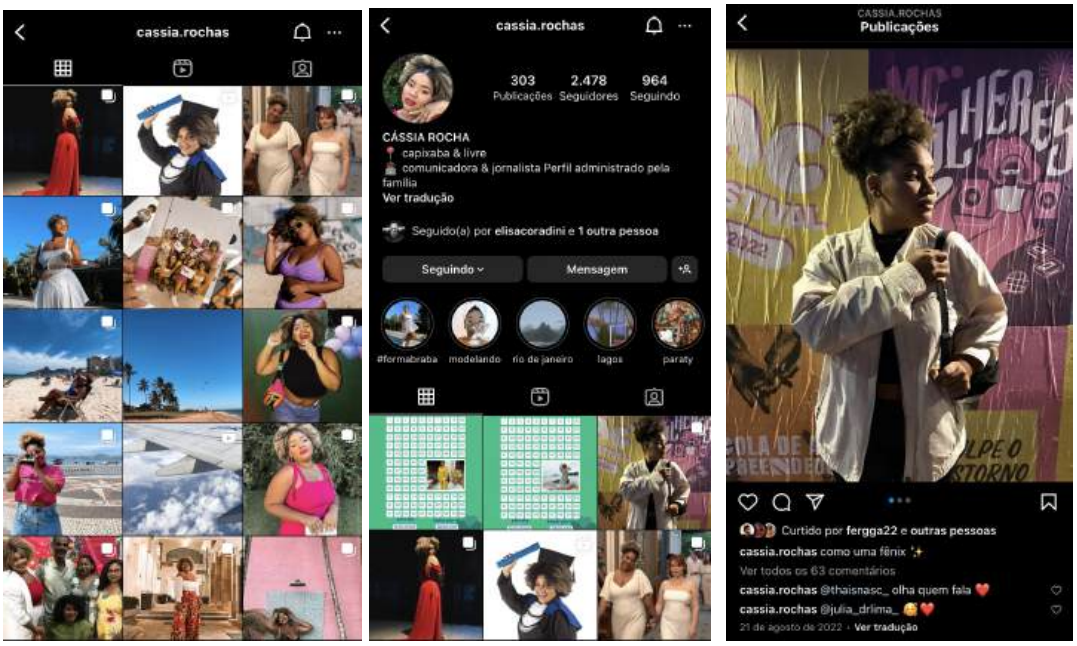
[27] O perfil da empresa foi desativado pela família de Cássia após seu falecimento.

para mim, todas as suas falas eram falas de presente/futuro, me peguei pensando, como explicar que tudo aquilo era passado? Nos dias seguintes a sua morte me via pensando que tentar explicar a não-existência de Cássia e tudo que Cássia queria construir era, pra mim, como se eu tivesse a tarefa de explicar como uma nação não existe mais. Suas falas, suas ideias, seus gostos, sua voz, sua imagem, todos sumiram da noite para o dia. Imagine um dia acordar e perceber que a Inglaterra não existe mais, nem o território, nem o seu povo… Como explicar que quando uma jovem negra morre, morre com ela toda a nação que ela poderia ser?

Durante muitos momentos da escrita acabei me vendo afetada como FAVRET-SAADA (2005, p. 160) explica quando diz que ao aceitar ser afetado o etnográfo assume o risco de seu trabalho se dissolver. Muitas vezes isso aconteceu durante este processo, pois afetada pelo que este processo de escrevivência me trazia, muitas vezes me vi paralisada me pensando como Cássia, esse processo de eu que evoca uma memória coletiva onde por mais que esses relatos sejam particulares, os mesmos se conectam com outras experiências, essas coletivizadas, pois neste processo se entende existir algo em comum entre a autora e a protagonista quer seja por características compartilhadas através de marcadores sociais, quer seja pela experiência vivenciada, ainda que em posições diferentes.

Assim o que me faz entender que o que faço pode ser chamado muito mais de escrevivência do que de autoetnografia é este lugar, onde sei que minha história e a da Cássia se conectam, mas não necessariamente estamos vivendo a mesma experiência descrita. Ao contar a história de Cássia, não conto a minha, mas nossas histórias se conectam numa coletividade: a de sermos mulheres negras e estarmos encaixadas em muitas formas na imagem de controle da Black Lady ou como nomeei mais acima: máquinas de vencer.

FIGURA 30 - Perfil da Cássia no Instagram



Fonte: Instagram

- **Primeiro eu sou isso.**

No momento em que falamos sobre sua consciência enquanto pessoa preta e autoestima, Cássia pontua coisas importantes como, por exemplo, deixar claro seu entendimento racial enquanto uma mulher negra e como essa consciência da negritude moldou os seus passos. Entendo que raça pode ser entendida como fator primordial, principalmente num país onde o corpo racializado sofre muitas coisas apenas pela racialização. Então esse entendimento vem antes de todas as outras coisas que ela entende fazer parte do seu ser.

> "Meu nome é Cássia Rocha, eu sou uma mulher preta, da periferia da região metropolitana da grande Vitória… e primeiro eu sou isso, assim né? Depois eu me tornei comunicadora e jornalista, a pouco tempo, a um ano mais ou menos. E eu sou tia de quatro crianças (rs), sou de uma família de três irmãs, mulheres e pretas também e moro com meu pai e minha mãe aqui. É isso. (...) Eu me entendo preta muito cedo."

Outra coisa importante a se notar é que apesar da consciência racial, o ato de nomear as situações que envolvem esse entendimento só vem com o tempo, como uma tomada de poder que vem com o ato de tomar consciência e entendimento de algo que antes estava apenas intrínseco. Apesar de saber-se negra desde sempre o ato de entender essa experiência negra é gradual.

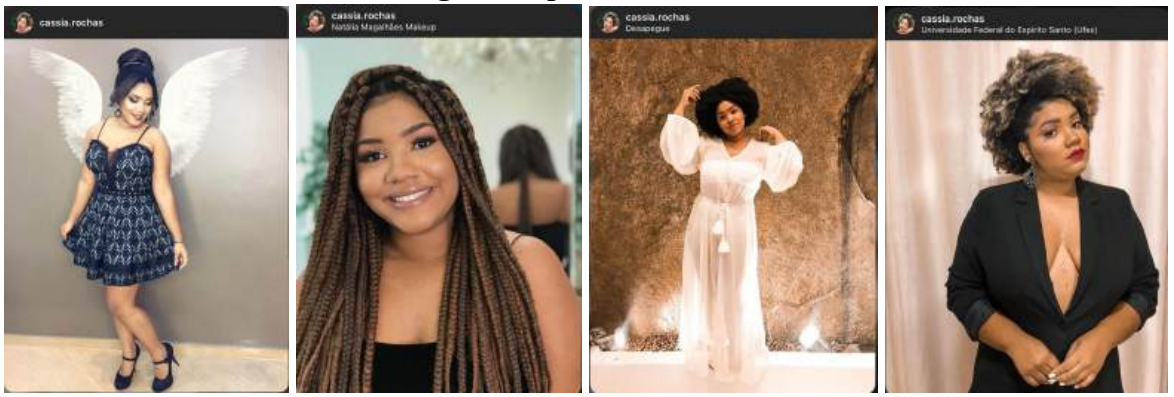
> "Toda a minha construção de vida assim… todos os episódios da minha vida foram muito bem delimitados por observação assim, tipo, por mais que a clareza das coisas na minha cabeça, assim, o nome das coisas tivesse chegado depois, eu sempre tive muita consciência racial. Então, eu me descubro preta, vou me descobrindo…

> Não teve uma idade marcada, tipo assim "agora eu sou preta", eu não tive a chance de me descobrir preta mais tarde assim igual eu tenho muitas amigas que se descobriram pretas já na adolescência, no ensino médio e tal, eu já venho pra o ensino médio já sabendo, consciente de que eu era preta. E eu ia percebendo e associando e eu só comecei a nomear, aí sim, eu já tinha uns 15 anos quando eu aprendi a nomear as coisas."

O processo de reconhecimento passa diretamente pelo processo de nomear as coisas e se nomear, pois como já dito anteriormente, essa também pode ser uma forma de poder. Tanto para poder nomear a si mesma, seus processos, sua identidade, como para poder dar nomes às violências sofridas e assim poder entender como combatê-las ou proteger-se delas.

> "Quando eu aprendi a nomear que a minha irmã mais clara que eu é *lightskin*[28], quando eu aprendi a nomear que, tipo, todas as minhas amigas estavam tendo relações amorosas durante toda a adolescência e ninguém nunca me acessou, quando eu aprendi que aquilo fazia parte da solidão da mulher negra eu já era adolescente de 15 pra 16 anos, quando eu entendi que era uma descriminação racial eu não poder concorrer a uma vaga de emprego e tal, mas os lugares sociais do preto pra o branco sempre foram muito claros pra mim e aonde essas pessoas estavam também."

FIGURA 31 - Postagens do perfil da Cássia em diversas fases



Fonte: Instagram

- **Aqui a minha casa é pretona, graças a Deus**

O seu entendimento racial e enquanto mulher também é moldado de maneira muito específica pela sua convivência com a família onde o colorismo marca as relações e as percepções, onde cada membro da sua família tem um tom de pele especifico, mesmo que todos sejam negros/as. Então esse processo de entender a sua negritude e afirmar-lá perpassa também pelo processo de reconhecer sua família e muitas vezes explicar para eles esta identidade.

[28] Termo utilizado para classificar peles negras em tons mais claros

Sobre colorismo Silva (2018, p. 10) explica:

> O Colorismo cria uma lógica para a exposição de pessoas negras a diferentes níveis de exclusões e violências que se intensificam a partir de quanto mais escura é o tom da pele, bem como a partir de quantos mais marcadores de negritude as pessoas acumulam sob seus corpos (crespura do cabelo, grossura dos lábios, entre outros). (Silva e Silva, 2018, p. 10)

"Aqui a minha casa é pretona, graças a Deus. O meu avô, o pai dele, no caso meu bisavô ainda chegou a ser escravizado, assim.. Meu avô nasceu em 26[29] pra vocês terem uma noção. E meu avô nasceu nesse contexto de pós-libertação e pretão, muito preto consciente. Minha avó tem uma ascendência indígena, então, esses dois são maternos. Então fica uma casa muito racializada a casa da minha mãe, mas eles crescem sem essa consciência porque eles também surgem quando tudo ainda tá se formando assim… minha avó casou com um homem filho de escravizados e ainda tem traços muito racistas com ela, mesmo tendo ascendência indígena, né? Porque ela participa dessa construção, é uma mulher iletrada, então, tudo que eles contaram funcionou nela.

E aí, ela passa isso pras filhas dela, obviamente, e a minha mãe constrói uma consciência racial mais tarde que eu, por exemplo, minha mãe quando ela consegue compreender que isso faz parte, de que isso acontece porque as pessoas são pretas, ela já tem, sei lá, por volta dos 40 anos assim… E eu com 15, 16 anos já entendi que era por isso.

Do outro lado os dois são pretos. Minha avó e meu avô. Minha avó ainda viva e negrona também, então meu pai é muito preto, muito retinto, e aí ele já passou por poucas e boas também que a gente sabe que a gente sabe que é por isso assim, que é muito nítido que acontece por conta da pele dele. Atualmente ele é motorista de ônibus. Minha mãe, durante toda a vida dela, ela sempre esteve em lugares de domesticidade, de cuidado e de domesticidade, então ela sempre trabalhou de diarista, sempre trabalhou de doméstica, como babá, desde os 12 anos de idade. Ela é uma mulher preta, tem paralisia de um braço e trabalhava sempre com atividades domésticas que estão muito ligadas às mulheres pretas e tudo isso foi me construindo.

Ela criou várias crianças brancas, ela ainda tá nessa posição de cuidado, pra conseguir ficar em casa, trabalhar em casa… Ela trabalha como quituteira que é uma profissão retrô muito tipicamente negra, as primeiras negras empreendedoras, elas são quituteiras. E aí ela faz seus empadões, suas coisas e cuida de crianças que vem pra cá. E aí, durante toda a vida dela foi isso. Ela trabalhava numa casa que tinha criança pra ela criar, ela foi meio que a mãe de criação e cuidava de toda a parte doméstica da casa assim e eu via que quem tava nesse papel era sempre uma mulher preta.

Minha mãe, talvez, no censo de 2010 ela tenha me colocado como parda, ela que respondia as perguntas ainda e ela ainda tinha essa ideia assim… ela aprende comigo essa divisão *blackskin*/*lightskin*, ela aprende depois, mais tarde que existe uma série de pessoas pretas de diferentes tons de pele e aí, na minha casa, as pessoas me entendem como uma pessoa de cor, vamos dizer assim, mas ainda não preta. Porque eu não sou retinta. Então eles foram construindo isso junto comigo, quando eu fui aprendendo, fui trazendo pra dentro, fui trazendo pra casa.

O meu pai, eles tinham clareza que ele é preto porque ele é retinto, entendeu? Não tem como ter uma dúvida, você olha pra ele e "caraca, negrão!". E eu, assim, eles aprenderam que eu era preta quando eu já era maior, principalmente minha irmã que é

[29] 1926.

mais clara que eu, eles aprenderam que ela era preta, eles ainda atribuíam o termo de parda ainda, que ainda é muito normal.”

FIGURA 32 - Posts de Cássia com a família

Fonte: Instagram

- **Eu tinha que acertar e tinha que passar.**

  “Se eu não acessasse aquilo… A universidade era tão importante pra mim que se eu não acessasse aquilo eu nem sei como é que eu ia fazer. Porque a bolsa que eu tinha conseguido era em Vila Velha que era muito longe da minha casa, não ia dar pra trabalhar e chegar na faculdade ao mesmo tempo, então eu tinha que me virar pra passar na federal, eu tinha que conseguir essa vaga. Eu estudei como nunca vi ninguém ao meu redor estudar.”

Cássia durante o nosso diálogo fala que para ter o seu acesso a universidade estudou mais que qualquer pessoa que conhecia, ou seja, trabalhando mais que todos os outros para que este acesso fosse possível. Enquanto falava sobre seu processo de posicionamento social com a entrada na universidade e no mercado de trabalho, Cássia fala muito sobre também como o processo de afirmação da sua cor, sua identidade e sua autoestima.

> “Eu sou a primeira da federal na minha casa e de todo mundo que me precedeu, desde que a gente se entende por gente. Eu dormia 4h por dia. Eu não tava nem aí pra o meu corpo mais. Eu não tinha um ano a perder, porque a gente não pode errar! O problema de nascer numa família preta e pobre é esse: a gente não tem tempo! E foi tipo assim: eu tinha que acertar o curso e eu tinha que passar. Eu não podia entrar num curso e desistir e tentar outro.
>
> E aí, chegou na hora do sisu, a minha nota dava pra tudo! Só não dava pra medicina. É muito pior porque eu tinha opções mil. Eu não sei se eu faria comunicação de novo (rs). Mas eu pesquisei muito e entrei no curso e o curso me acolheu e isso me devolveu a minha autoestima! Quando eles iam escolher a âncora do jornal experimental, eles lembravam de mim. Porque eu falava bem, não importa se a minha imagem não parecia com todas as outras âncoras que estão na TV, eu falava bem.”

Quando falamos sobre essa experiência de acesso Cássia também remonta a essa ideia do “não ter tempo pra errar”, muito comum entre jovens negros que se encontram na imagem

de controle que aqui chamamos de máquina de vencer, onde apenas o dito sucesso profissional ou financeiro que pode levar a uma ascensão de classe a mudança de vida para toda família. Enquanto falávamos sobre essa entrada na universidade, formatura e acessos muitas vezes voltamos a esse ponto de "não ter tempo" ou sobre os próximos passos, que também seriam os primeiros e também não podiam ser falhos.

FIGURA 33 - Posts de Cássia sobre a formatura

Fonte: Instagram

- **Hoje eu posso escolher.**

Historicamente pessoas negras ocupam postos de trabalho com rotinas mais extenuantes e com menor remuneração, o que exige mais esforço e em condições mais estressantes para esses profissionais. O Movimento Potências Negras[30] informa que 63% das mulheres negras já passaram por situações de discriminação em processos seletivos. Outra informação importante é a diferença salarial.

A última edição da Pesquisa Nacional Por Amostra de Domicílios[31] mostra que a remuneração de trabalhadores negros é, em média, 45% menor do que a dos funcionários brancos. Esses dados impactam também na saúde de pessoas negras, visto que o tempo que é gasto nesta tentativa de ascensão as impede de cuidar de outras áreas da vida, essa é uma das

[30] 63% das mulheres negras já sofreram preconceito em seleções de emprego, mostra pesquisa <https://g1.globo.com/trabalho-e-carreira/noticia/2022/06/03/63percent-das-mulheres-negras-ja-sofreram-preconceito-em-selecoes-de-emprego-mostra-pesquisa.ghtml >
[31] Racismo estrutural segrega negros no mercado de trabalho <https://www.cut.org.br/noticias/racismo-estrutural-segrega-negros-no-mercado-de-trabalho-548e >

características que Collins (2019) nota na imagem de controle da Black Lady e que infelizmente se fez real em Cássia.

Collins descreve a Black Lady como:

> Mulheres que ficaram na escola, trabalharam duro e alcançaram muito. Por um lado, esta imagem parece ser mais uma versão moderna da mammy moderna, ou seja, a trabalhadora negra que trabalha duas vezes mais que todos os outros. (Collins 2019, p.88)

FIGURA 34 - Posts de Cássia trabalhando e nas fotos oficiais da formatura

Fonte: Instagram

Se essa imagem garante que as mulheres que aí chegaram tem acesso melhores, também cerceiam seu tempo e seus modos de viver a ponto de tirar-lhes a possibilidade de construção de qualquer outra área das suas vidas como o afeto, a vida em família, a saúde e qualquer outra área meramente humana que é esperado de mulheres brancas.

> "Sou dona da Firma e isso é novo pra mim, tem dois meses que eu sou dona da Firma e às vezes eu esqueço que eu tenho essa outra atribuição, porque na minha cabeça mais eu trabalho na Firma do que sou a Firma. Eu ainda estou muito nesse lugar, apesar de ser uma dedicação quase que exclusiva pra ela, é muito meu local de trabalho assim, aí eu lembro depois assim (rs).
>
> A única outra empreendedora da minha família, as duas únicas outras, são a minha irmã que é empreendedora a pouco tempo também, ela abriu uma loja de roupa e tal e eu trabalho, inclusive, com ela, porque eu sempre tive um interesse maior por moda, sempre tive uma proximidade também com as informações de moda. E a minha tia é cabeleireira, então ela trabalha com o salão próprio dela a muitos anos assim… eu também dou um help lá na comunicação do próprio salão. Então eu participo de todos os empreendimentos da minha família assim."

Historicamente pessoas negras estiverem muitas vezes em posições de trabalho subalternas, onde precisavam vender sua força e realizar atividades que não necessariamente eram as para as quais tinham se preparado ou tinham aptidão, o que as impedia de ascender

dentro de áreas específicas. Cássia fala sobre esse processo de escolher como quer exercer sua profissão ou em qual área gostaria de estar se desenvolvendo melhor no momento em que se torna empreendedora. Ainda que com uma agência iniciando os trabalhos, poder escolher e pautar as coisas conforme se sente confortável ou planejou se torna um espaço de alívio e emancipação.

> "Durante muito tempo, quando eu tava numa situação psíquica não tão saudável, eu era obrigada a aparecer nas redes sociais porque eu era empregada e aquele era o meu trabalho, eu sendo social media naquele espaço eu precisava aparecer e me comunicar e eu trabalhei em ambientes que a linguagem não era muito a minha. Hoje eu posso escolher ter uma empresa, que é uma empresa de comunicação e o perfil trabalha em *Slow Content*[32] que é um modelo que funciona muito pra mim, e isso faz muito bem pra mim, ta sendo muito saudável pra mim.
>
> Na Firma eu consigo ser do jeito que eu queria ser em todos os lugares e não cabia porque aquele lugar já tinha uma dinâmica. A Firma não tem tanto a minha cara porque ela é mais feliz que eu. Mas ela é o que eu pensei e o que eu quero que ela seja. O que eu queria que ela fosse desde ela era só uma ideia. E isso é muito realizador. Ela é exatamente o que eu queria que ela fosse. Porque eu sou preto e branco, eu gosto de uma coisa bem minimalista, e a firma não é. Mas eu construí ela desse jeito porque era a ideia que eu tinha que ela fosse mesmo, ela fala como eu falo, mas ela é mais feliz que eu."

- **Muito mais foda que bonita.**
  "Eu sou uma mulher mais posturada[33]".

Cássia muitas vezes pontua que sua autoestima e suas experiências desde a infância e na escola foram moldadas e norteadas pela experiência de ser o "Outro" e de tentar se encaixar num padrão. Sobre isso, Carneiro (2005, p. 43) vai elucidar também como a mulher branca é o ideal do que é ser, assim a mulher negra passar a ser este outro que não se encaixa.

> Essa forma de afirmação da burguesia instituiu para todos o padrão estético desejável, a forma de amor e de sexualidade, a moral correspondente, e o corpo é a expressão da auto-afirmação. (Carneiro, 2005, p.43)

> "A minha autoestima foi muito prejudicada pela minha infância mesmo e na minha escola as pessoas eram pretas também, mas parecia que quanto menos preto você fosse mais direito de oprimir o outro você tinha. Por exemplo, a patricinha[34] da minha escola era preta e agora ela tem sua própria clínica estética que sua mãe deu pra ela e tal, então ela já desde aquela época ela era patrícia, mas ainda assim, era uma mulher preta.
>
> Então todo mundo era preto, mas tipo assim, se eu era preta e tinha o nariz fininho, preto e tinha o cabelo lisinho, preto e tinha alguma coisa que remetesse ao branco em mim eu tenho o direito de oprimir o outro que é muito preto e apesar de eu

[32] Processo de produção de conteúdo no qual a qualidade se sobrepõe ao tempo e à quantidade.
[33] Gíria que neste contexto significa ser uma mulher mais concentrada, fechada, séria, que carrega uma postura mais poderosa. Marrenta.
[34] Gíria para definir meninas com poder aquisitivo maior. Filhinha de papai: que os pais tem dinheiro pra bancar, mimar.

não ter a pele retinta, eu sou preta demais assim, meu cabelo é muito crespo, meu nariz é muito largo, minha boca é grande e aí eu tinha todas as características muito negróides, traços muitos negróides então as pessoas faziam coisas com o meu cabelo, falavam do meu nariz, enfim, não falavam da minha pele porque a minha pele parecia com a deles, mas o resto eles falavam."

Esses lugares de entendimento sobre o conjunto de opressões é um lugar marcado em muitas falas de Cássia, principalmente quando ela aponta o fato de entender que a maioria das pessoas no seu cotidiano eram negras, porém outras questões como traços e renda marcam como as relações se dão dentro desse contexto, afetando também esse processo de identidade e autoestima.

"Então minha autoestima foi muito afetada. E eu também fui uma criança, uma adolescente gorda e isso participa muito da construção da minha autoestima assim e eu só compreendi isso muito mais tarde quando tive acesso a uma terapia e tal… Bem tarde mesmo.

Então durante aquele momento eu achava que eles estavam certos. Eu fiz de tudo pra tentar caber! Meu cabelo era alisado desde muito cedo porque o meu pai que me cuidava, não era a minha mãe, e a nossa família naquela formação tradicional né? os pais não penteava as meninas, então meu pai, o máximo que ele fazia era uma maria chiquinha[35], então minha mãe alisou pra facilitar o cuidado. Meu cabelo foi alisado com 9 anos de idade, então eu não conhecia minha cara com cabelo crespo, eu só conheci ele trançado e depois liso, eu não sabia como ia ser, por isso eu adiei um pouco a transição capilar[36].

Então a minha autoestima… Ela foi toda danada, eu já tinha o cabelo alisado, eu já tinha esse complexo com o meu corpo, então eu já fiz loucuras também, já tive transtorno alimentar, já fiquei doente, já perdi hormônios, eu contava calorias inclusive. Isso é muito grave quando eu associo hoje, mas na época eu queria ser magra e eu consegui. Eu fui de 88 pra 64kg em pouquíssimos meses, mas era coisa de doido. Mas eu fui recuperando esse peso, também de forma não saudável no ano do pré-vestibular porque eu tava muito ansiosa, aí eu não tava nem aí mais pra cabelo, tava nem aí mais pra corpo e foi caos."

Neste ambiente de construção também me chama atenção como Cássia reitera a ideia de que a estética pode ser responsável por como se sente em relação a todo o seu trânsito social, inclusive sobre como suas conquistas são lidas.

"Assim, porque por mais que não fosse o foco, a adolescência é a construção da sua autoestima e todo mundo olhava pra mim como se eu fosse uma perdedora, porque tipo "Nossa, você tinha conseguido e você deixou voltar…" sabe? Então todo mundo olhava pra mim como uma perdedora, não importa se eu tava sendo a primeira pessoa da família a entrar na federal, eu estava perdendo porque eu deixei o meu corpo antigo e gordo voltar. E isso foi muito violento pra mim, muito violento porque enfim, eu tava radiante porque eu tava conseguindo, eu tava satisfeita com meu

[35] Penteado.

[36] Processo de mudança onde a pessoa passa a assumir o seu cabelo natural, geralmente parando de usar produtos para alisar e assumindo os cachos/ cabelo crespo.

resultado e a galera focada que eu tava engordando de novo. Enfim, passei! Mas essa foi a pior fase assim da minha autoestima.

Aquele foi o primeiro lugar que as pessoas me entendiam bonita, mesmo tendo recuperado meus 20kg. Eu cheguei lá como uma mulher preta, gorda, trançada. Eu cheguei lá desse jeito e, caraca! Todo mundo me elogiava o tempo todo. Eu era uma pessoa inteligente e sabia que era por conta disso também. Eu participava de todos os projetos. Então além de ser "a famosinha da turma" eu também estava nesse lugar de ser uma pessoa bonita.

E o meu primeiro respiro de autoestima foi esse momento, porque eu me achar bonita era ótimo, mas não resolvia os meus problemas. Porque o afeto me era negligenciado, as vagas de emprego me eram negligenciadas, então que que adiantava a autoestima por si só? Adiantava internamente, mas fora daqui não adiantava e aquele foi o primeiro lugar que me serviu. Daí pra frente também, acabou! Crise de autoestima, não tenho mais. A minha imagem eu entendo muito e respeito muito porque construí. Acho que minha imagem está muito atrelada ao que eu sou, eu me acho muito mais foda do que bonita!"

FIGURA 35 - Posts de Cássia trabalhando como modelo

Fonte: Instagram

- **Ela parecia comigo, não com o que eu queria ser**

"A internet, ela participa (do processo de autoestima e identificação) porque eu vejo muita gente parecida comigo acendendo, assim, surgindo nesse espaço Eu trabalho com internet desde 2017 também todos os empregos que eu tive, ou lugares que eu passei, projetos que eu tive junto, foi sempre, eu sempre estive muito dentro desse ambiente da internet, redes sociais. E eu sou muito *heavy user*[37], assim, eu uso a internet demais. Eu começo o dia na internet, termino o dia na internet. Nos horários de entretenimento, assim, eu ocupo quase todos com a internet.

Então, eu vejo essas pessoas, ainda, no começo a passo de formiga, assim, mas eu percebi que elas estavam lá, e antes elas não estavam, né? É igual eu disse

[37] Heavy Users ou na tradução literal para o português Usuários Pesados é um grupo de consumidores que fazem uso fiel e massivo de algum serviço ou produto. No meio do Marketing, os Heavy Users são considerados potenciais consumidores de uma marca ou de um produto.

anteriormente que eu tenho muito interesse pela moda, e logo no começo, quando na internet era tudo mato, a gente tinha a Camila Coelho, que é uma mulher branca, a Tássia Naves, que é uma mulher branca, e todas as referências de moda, elas estavam nesse lugar, de uma mulher muito padrão, muito barbie, barbie profissões no caso, aí era stylist, era influencer, era blogueira, e aí… depois que surgem outras, né? Que agora eu consigo acompanhar uma mulher que tem um corpo parecido comigo, que tem uma pele parecida com a minha, porque influencia também, né?

Então, eu me descobri preta lá, mas eu ainda não me descobri, vamos dizer assim, empoderada na internet. E isso molda tudo, até o que eu consumo. Tem uma blogueira que eu sempre dizia que eu não gostava do conteúdo dela. Mas não é que eu não gostava do conteúdo dela, é que a blogueira é muito parecida comigo. Ela é preta, ela é gorda, ela é expansiva. Ela é muito parecida comigo. E naquele momento eu olhava pra ela e eu sabia que ela parecia comigo e que por ela parecer comigo, a gente não parecia com o que eu queria ser. Uma preta tombamento. Ela parecia comigo, mas ela não parecia com o que eu gostaria de parecer. Ela parece comigo esteticamente, mas ela é muito expansiva. E eu gosto da minha skin posturada. Eu falei, cara, eu não quero."

Entender o modo como usamos e nos mostramos na internet é fator essencial para também entendermos a imagem que desejamos construir, entendendo que o digital não é só uma outra versão de vida e sim uma extensão do que encenamos, alimentamos e vivemos no mundo físico. Cássia fala sobre essa construção de maneira a deixar explícito a sua adequação ao mundo social que muitas vezes não aceitava muito bem seus modos de ser e como esse cerceamento social foi também afetando o modo como ela se mostrava, se postava e se comportava para atingir a métrica de persona adequada.

"E aí eu fui criando essa versão, assim, tipo... Porque durante toda a minha adolescência, eu fui muito tirada de escandalosa, eu ocupava um lugar muito racista, que era a minha igreja da época. E aquele ambiente era muito tóxico pra mim, por isso que eu saí de lá, inclusive, quando eu tomei consciência das coisas. E lá eu era tida como escandalosa, porque era todo mundo, todas as menininhas eram muito recatadinhas. Então, por eu ser espontânea, eu não era escandalosa, eu era espontânea. Por eu ser minimamente espontânea, eu já era tida como alguém escandaloso. Então, isso participa da minha construção da casa adulta. Porque como na adolescência eu vi tudo isso e era atribuído como algo ruim, eu construo a Cássia adulta.

A persona Cássia adulta, ela é uma mulher muito posturada. Em tudo, assim. A minha imagem é muito posturada, eu uso muito blazer. Agora eu virei boss, eu tenho todo o armário de boss. Hoje, eu entendo que eu gosto disso, mas isso surge por uma aversão à classe escandalosa. Isso não surge de forma natural assim, tipo, a classe adulta é uma mulher contida, posturada, fala baixo, tananã, nananã. Não foi natural, foi uma construção mesmo. Hoje é parte da minha identidade mesmo, e eu gosto disso. Mas naquele momento, era algo pensado assim, era porque eu me policiava pra ser daquela forma. porque eu falava, não, as pessoas não podem me achar escandalosa."

- **Eu não tombei (ainda)**

Ao entender a relação de Cássia com a internet se dá antes do período entendido como auge do movimento da Geração Tombamento (2014 - 2016), já que a geração Z traz como característica estar imersos na internet de maneira muito facilitada, não esquecendo, é claro das dificuldades que não garantiam o acesso igualitário para todos. No caso de Cássia, esse acesso é, inicialmente, limitado, o que limitava também o acesso a conteúdos que naquele momento poderiam ser empoderadores.

> "Em relação à geração tombamento, quando eu começo a consumir, porque eu também não tive acesso à internet sempre, né, no ensino médio, que a minha casa pôde colocar Wi-Fi aqui dentro. Antes eu só acessava na escola, que a gente tinha aula de informática e tal. Na casa da minha irmã, minha irmã já tinha antes. E aí eu só consumia internet fora de casa. Eu não tinha, então, tanta facilidade pra ficar procurando, vendo vídeo no YouTube, assim. Então, quando eu chego na internet, que já é... 2011, 12… Todas elas são mulheres magras. Então elas estavam perto, mas ainda assim elas não estavam tão perto de mim. E, enfim, foi uma... Foi um pouco de amparo, porque eu falei, cara, alguém pensa como eu e essas mulheres já sabem o nome das coisas. E elas me passam esse conhecimento. Eu ainda estava descobrindo o nome das coisas. Então, a internet funcionou nisso."

Ao falar de sua relação com o movimento e sua atual visão dessa presença na internet, Cássia levanta um ponto muito interessante, sobre como as métricas para a aceitação do que é bonito, aceitável e "empoderado" para as pessoas negras estão sempre se atualizando, como uma corrida cuja linha de chegada é sempre atualizada para um passo mais distante.

> "Acho que a gente tem um 2.0. que é o que eu tava comentando, além das meninas magras e corpudas, enfim, a gente tem uma aproximação... existe um padrão geral, um padrão que tá todo mundo entrando nele, que é você ter uma presença social muito forte, que é você tá nos eventos, na farofa da GKay[38], no Lollapalooza, no Rock in Rio, sabe? Tipo, então, o acesso, ele passa a também ser uma coisa que tá..está em parte da população negra muito reduzida, mas que a internet faz parecer que é muito acessível. O acesso a esses espaços que estão bombadinhos agora. Além do acesso a esses espaços, os cabelos.
>
> A gente teve, em 2014, 2015, esse boom, todo mundo transicionando, BigChop, transição, capilar e cacheadas, e Sallon Line produzindo há mil muitos cremes, e as prateleiras agora são ocupadas por muitos cremes e muitos shampoos e muitos condicionadores para cabelos crespos e cacheados. e salões abrem, salões que não tinham essas coisas, desenvolvem técnicas para atender cacheados, porque estavam perdendo público. E bum! E de repente, no pós-bum, já estava há uns três anos já essa hipervalorização do crespo do cacheado, as laces[39] vêm e ocupam um espaço cada vez mais ascendente. Laces, tranças, alongamentos e tal. Eu já usei trança, inclusive me salvou muito durante a transição, porque eu não sabia lidar com as duas texturas ao mesmo tempo, então eu usei a transição inteira. Mas agora parece

[38] Evento organizado pela influencer Géssica Kayane que reúne influenciadores digitais de todo o Brasil. Inicialmente o evento era a comemoração do aniversário da influenciadora, porém ao longo dos anos passou a ser visto como uma espécie de festival, por sua duração - 3 dias - número de atrações e presença de famosos.
[39] Prótese feita de cabelo sintético ou humano Similar a peruca.

que, tipo assim, você até pode usar seu cabelo natural, mas você tem que ter uma pra eventos especiais, você tem que ter uma lace, você tem que ter uma extensão, você tem que ter um rabo de cavalo, pelo menos na sua casa. Então, parece que, tipo, quando a gente supera uma coisa, a geração Tombamento veio, e aí veio o boom da transição capilar, veio a cacheada, e superamos. As pessoas estão aceitando melhor. A gente conseguiu pregar a palavra das cacheadas e crespas. E as pessoas aceitam, fora dos nossos espaços pretos, que as pessoas respeitam. E a gente venceu essa etapa. Parece que surgem novas coisas.

Agora a gente tem essas várias outras etapas que são muito reduzidas e muito limitadas a uma parcela muito pequena da população negra. Que tem acesso pra estar em evento hypado, que tem acesso pra manter cabelos mil, que tem acesso pra manter uma maquiagem da Rihanna, que tem acesso pra manter uma roupa da coleção da Beyoncé. Tá ligado? E elas são referências, essas pessoas pretas, elas são referências para outras pessoas pretas que não têm o mesmo acesso que elas. Então, a gente volta pra um lugar, eu tenho essa sensação, tipo, eu acho que não... Eu não ouso chamar de retrocesso, porque a gente tá muito bem representado. E ainda bem. Mas a gente tá num lugar, assim, de criar novas barreiras. Parece que a gente nunca vai chegar lá pra ser a representante do tombo. Entendeu?"

Ao apontar essas novas barreiras, Cássia me mostra o quanto o movimento pode muitas vezes estar dando lugares para uma nova forma de diferenciação que faz com que a aceitação esteja sempre a um passo de alguns de nós.

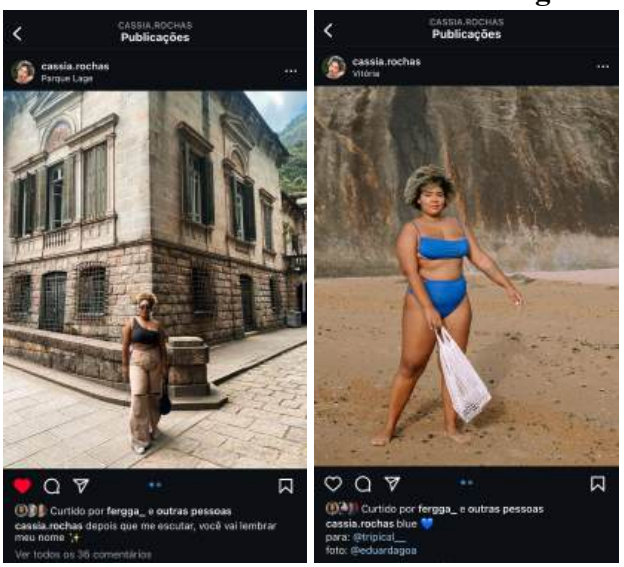
"Eu não tombei ainda, eu tombei com meu cabelo, mas isso só durou dois anos, porque agora eu não tenho uma lace. Então, o meu hype passou. Porque eu ainda não alcancei o corpo ideal, eu ainda não tenho laces mil guardadas, não uso trança desde 2018, não tenho um look em Ivy park. Entendeu? E aí, o meu iPhone é o 7. Entendeu? Então o que que acontece? A gente cria outras barreiras pros pretos acessarem o status de tombamento. Entende? Pretos e pretas. Mas é isso, sabe? Tipo assim, parece que só venceu nesses espaços, que é o espaço da internet, que meio que valida, meio que consolida. Entendeu? Se eu não mostrar que eu tombei, mesma coisa que não tombar. Se não tiver ninguém vendo que eu venci, que eu tô dando rolê de lancha em Angra, não vale a pena ficar olhando essas árvores e vendo esse céu azul, sentindo o balanço das ondas. Ninguém tá vendo? Então, tipo assim, acho que o Tombamento tá muito mais associado ao que é mostrado. Então eu preciso pertencer a esse grupo que virou e eu preciso ter os mesmos signos que ele, os mesmos elementos. Entendeu? E todos os elementos dos pretos do topo de 2022 são caríssimos. E agora quem tá lá? Aí ou você quer ser aquelas pessoas e sei lá, 3% de nós é. E é sobre. Não tombei ainda."

- **A Cássia que eu quero ser é maior que isso.**

"A Cássia da internet, ela existe. No imaginário das pessoas, por mais que ela esteja low profile agora, eu já criei essa persona na cabeça das pessoas. Eu sou uma pessoa estilosa, eu sou uma pessoa consciente, e eu sou alguém que tem voz, assim, que alcançou uma voz, que consegue influenciar pessoas. Então, eu alcanço esse lugar de ser alguém que influencia e alguém que se coloca como uma pessoa estilosa e antenada, assim. E não que eu não seja, eu sou isso mesmo fora da internet. Então é isso, a Cássia da internet, ela é alguém que participa das discussões e eu não deixo de

passar nada. É uma pessoa inspiradora, estilosa e antenada. E é isso. Essa é a Cássia da internet."

FIGURA 36 - Posts de Cássia no Instagram



Fonte: Instagram

"Eu acho que a Cássia do arroba[40] ainda é o que eu consigo ser, porque eu dou conta de ser inspiradora, estilosa e antenada. A Cássia que eu quero ser é maior que isso. Ela ainda não tá lá. Quando eu realmente for a Cássia que eu quero ser, ela vai pra lá. E tudo que eu vou sendo, eu vou atualizando o perfil. Então, ele vai me acompanhando. Então, quando eu for a Cassia que eu quero ser, ele vai estar lá. Vai estar lá também no meu perfil a Cassia que eu quero ser. Naquele momento, eu terei conseguido. A Cassia da internet, ela muda conforme eu mudo."

Consigo entender que em todos os processos de Cássia a raça esteve entrelaçada nas suas vivências, seja pelo seu entendimento desde cedo sobre sua identidade racial ou seja pelas experiências que essa identidade a levou a viver. E mesmo pela sua ascensão ao alcançar lugares que sua família anteriormente não tinha ocupado, isso não a protegeu enquanto mulher negra de estar em um lugar ainda de objetificação da sua existência, que a transformava nessa máquina de trabalhar que é como defino em essência o que é a Black Lady.

5.2 A solidão de ocupar lugares - Jhullyrson Brito

Quando iniciei as observações sobre Jhullyrson o que mais me chamava atenção era o seu modo de interação e consumo nas redes, um modo mais *low profile*[41], que consumia mais que postava, apesar da presença sempre marcante, suas aparições eram poucas e voltadas muito mais ao trabalho. Acompanhando suas redes é possível perceber que há também uma

[40] No instagram o nome do usuário é sempre precedido da caractere @ por isso é muito comum utilizar o termo arroba para falar sobre o nome usado no perfil
[41] O que é low profile

marcação temporal que conta o momento de transição - deixando o cabelo crescer, passando a usar tranças, outras cores e etc.

Apesar do modo de consumo e presença no instagram de Jhullyrson ser muito parecido com o de Cássia, no dele há uma posicionalidade diferente. Enquanto para Cássia estar ali era também uma forma de se afirmar e estar para o mundo, para Jhullyrson, essa não parecia ser uma questão, ele só estava ali quando gostava, mostrando só o que queria ou muito pouco, não necessariamente preocupado em construir uma narrativa completa de si.

Nossos primeiros contatos para esta dissertação foram feitos através da internet, no whatsapp, conversei com Jhullyrson enquanto observava seu instagram e de marcar nossa primeira conversa presencial. O local escolhido foi sua casa, que ele chama de "safe *space"*, no Butantã,em São Paulo, onde agora reside enquanto faz doutorado em Botânica pela Universidade de São Paulo (USP). Na ocasião do encontro, passei uma semana acompanhando a rotina de Jhullyrson e conversamos durante uma manhã e no digital observei seu instagram durante 5 meses para construir esse relato. Além das postagem do tempo pensado aqui (2014 a 2016) também me interessava acompanhar seus usos atuais.

FIGURA 37 - Perfil do Jhullyrson no instagram

Fonte: Instagram

- **Inegavelmente preto**

Um ponto interessante é o entendimento ainda que inicialmente sem nome, mas o saber-se diferente apesar da pouca leitura racial da família que rodeia a experiência de algumas pessoas negras. Seja pelos processos de (des)legitimação dos círculos sociais, seja pelos espaços alcançados, a pessoa negra em algum momento sabe que ela não é “igual”. Os

marcadores de diferenças a acompanham enquanto a mesma vai construindo sua identidade que o seu primeiro lugar seguro, a família, saiba explicar e ou proteger, quer não.

Ao começar a se apresentar Jhullyrson marca dois pontos interessantes um é sua plena certeza racial ao se dizer "inegavelmente preto" e outra e sua dúvida em relação a sua mãe, a incerteza sobre seu tom de pele e como a mesma é lida racialmente, dificuldade que acompanha muito discussões como colorismo e etc., mas no fim das contas o mesmo bate o martelo sobre a mãe a partir da leitura feita socialmente "lida como branca".

> "Eu sou muita coisa. Mas todo mundo é muita coisa. Todos nós somos muitos, de alguma forma. Mas eu, Jhullyrson, eu sou um homem negro de Maceió, Alagoas, que cresceu no Poço. Eu sou biólogo, sou pesquisador, sempre foi meu sonho. Eu... Eu acho que isso é um bom início para o que eu sou. Eu sou um entre dois irmãos. E é isso que eu sou, eu acho, até agora. É um bom começo. E eu sou preto. Inegavelmente. E é isso. Eu acho que isso sou eu.
>
> A minha mãe, ela é branca. Branca, né? Lida como branca. Mas eu não acho que minha mãe seja branca. Mas enfim, minha mãe lida como branca. E meu pai é negro. Inegavelmente negro. E aí, mas tipo, apesar da minha mãe ser branca, eu acho que desde criança, minha mãe entendia que eu era diferente, que os filhos dela eram diferentes. Ela dizia isso pra gente, mas ela não entendia isso com profundidade. Entendeu? Eu sempre soube que eu era diferente. Sabe? Mas quando eu cheguei no fundamental, essa diferença começou a fazer um pouco mais sentido pra mim e eu comecei a identificar qual era a diferença que me fazia diferente, sabe? Que me fazia negro."

FIGURA 38 - Linha do tempo com diferentes fases estéticas de Jhullyrson

Fonte: Instagram

O aprofundamento do entendimento racial marca um processo feito a partir da imagem no caso de Jhullyrson, onde o mesmo usa palavras como diferente para pontuar como se enxergava enquanto pessoa negra e que a consciência racial ainda demora alguns anos para chegar. Acredito que aqui podemos também entender que a ideia de diferente/exótico acompanha esse primeiro momento de entendimento.

Quando ele pontua que apesar de gostar da imagem precisava se reafirmar, no mesmo período em que começou a ler mais sobre raça é um movimento muito comum para a época e para o movimento da época, visto que esse era exatamente o caminho que movimentos como a Geração Tombamento estava fazendo: se entendendo racialmente a partir da reafirmação estética.

> "Eu já me entendi enquanto pessoa negra e por isso diferente. Mas eu também não entendia com profundidade. E eu acho que, apesar de me entender como negro nessa época a minha consciência racial, ela vem, tipo, anos depois quando eu já tava no ensino médio. E aí, eu comecei a pesquisar e ler sobre coisas, eu acho que... Foi a época que teve o boom de transição, foi bem isso mesmo, assim. E eu tava no terceiro ano, tava no segundo ano, no colégio, e aí eu comecei a ficar incomodado com a minha aparência, tipo... Não gosto, tipo assim, eu gosto da minha aparência, mas eu preciso me reafirmar, sabe? Eu acho que eu sempre me entendi enquanto negro, mas a minha consciência foi sendo construída nesses espaços aos poucos, sabe? Acho que no ensino médio eu tive uma grande consciência de raça, e no final, antes de entrar na universidade, quando eu tive aquele estalo, e aí na universidade, tipo... possibilidade, sabe? Bom... possibilidade. É, porque eu tinha uma consciência racial que era, vou dizer assim, ali, inicial, sabe? Nos primeiros passos."

Apesar do pouco entendimento, Jhullyrson também pontua a valorização familiar como um ponto importante, onde a mãe principalmente o apoiava a descobrir e explorar uma estética que o agradava ou afirmava quem queria ser no mundo. Esse espaço de acolhimento se mostra essencial para que a pessoa negra tenha segurança de sua identidade e suas buscas visto que esse pode ser o primeiro espaço onde a gente vai se entender como pessoa e como pessoa negra e vai construir os primeiros juízos de valores sobre o que isto significa. Então quando Jhullyrson fala que "teve sorte" por ser apoiado, há também o entendimento ali de que isso não é tão comum. Seja pela socialização, seja pelo pouco letramento, na maioria das vezes nossos pais são ensinados a tentar nos proteger do racismo, mesmo que essa proteção venha através da camuflagem dos nossos traços.

FIGURA 39 - Postagens de Jhullyrson com a família

Fonte: Instagram

> "Na minha casa, minha mãe sempre me valorizou muito. Ah, eu acho que eu tive sorte com minha mãe. Minha mãe sempre me apoiou muito nas minhas empreitadas, sabe? De deixar o cabelo crescer, de colocar trança. E isso foi muito bom, muito bom, porque foi possível testar coisas, sabe? Num lugar seguro e tal. E minha casa sempre foi esse lugar seguro. O problema é quando eu saía dela. Aí era uma questão, a coisa ficava assim. E pronto, se por um lado minha mãe deixava eu testar coisas, às vezes eu discutia com ela por querer sair na rua. Sabe? Eu acho que a primeira vez que eu usei turbantes na rua, eu briguei com a minha mãe. Porque ela estava preocupada com o fato de eu usar turbantes na rua."

- **Agora eu faço por mim**

Outro ponto interessante na narrativa de Jhullyrson foi o modo como o mesmo fala sobre sua construção de autoestima, onde o mesmo explica que esse caminho foi feito como uma resposta a um não-lugar. Enquanto ele não se via nos espaços ou não concordava com as caixas em que era colocado socialmente, o mesmo começa a construir sua percepção de si mesmo de forma autônoma, no sentido de não esperar uma validação ou apoio social.

Esse caminho que pode indicar um empoderamento de si mesmo também pode apontar um espaço de isolamento, onde a pessoa precisa desconstruir em si mesma todos os mitos raciais que são historicamente incrustados no seu inconsciente, esse por muitas vezes pode ser um processo solitário e cansativo.

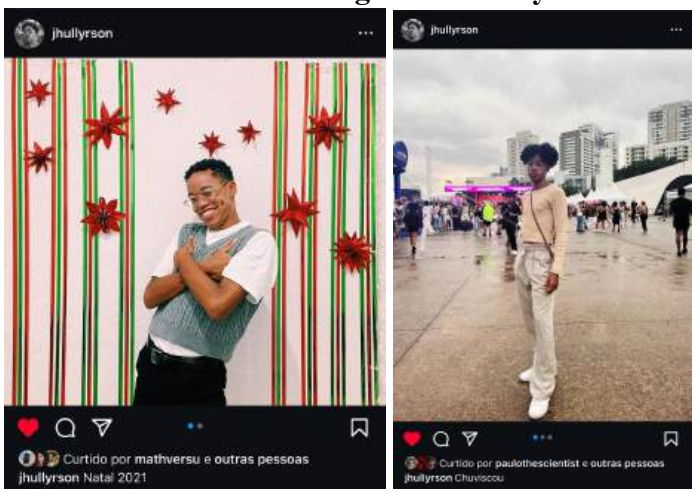
> "A minha autoestima, ela se forma, eu acho que inicialmente de uma revolta entre o que as pessoas diziam sobre mim, o que eu via em mim. E aí, inicialmente eu acredito nas pessoas, E aí depois eu digo "não, isso aqui tá errado, não tá certo não. Não é isso que as pessoas estão dizendo", sabe? Então a minha autoestima foi muito construída de mim pra mim Porque não tinha ninguém pra... Tipo, minha casa era um *safe space*. Mas a gente não leva a casa em conta quando a gente quer construir uma autoestima. Porque a mãe da gente sempre vai achar a gente maravilhoso, o pai também. Foi eles que fizeram, né? E aí, eu acho que a minha ótica começou a ser construída nesse momento de onde começou a se falar sobre cabelo. A minha

> autoestima começou a se construir nesse espaço e eu lembro que consumindo esse tipo de conteúdo eu de alguma forma... eu sempre gostava muito... ai, eu sempre fui muito vaidoso, né? Não acho que isso começou da forma correta, mas... porque, assim, a minha vaidade, ela parte do pressuposto de que na minha cabeça, quando eu era mais novo, eu achava que se eu me vestisse bem as pessoas me olhariam diferente, eu não passaria pelas situações racistas com que eu passei."

Assim como na narrativa de Cássia, em Jhullyrson há um momento específico onde essa construção estética, apesar de muito esclarecida, apesar do entendimento racial já em formação, passa a ser um artefato de fuga ou defesa do racismo. Onde os modos de se vestir e se comportar são guiados para que as pessoas não olhem estranho, não falem, aceitem, não nos violentem.

> "Então, o grande motor inicial da minha vaidade foi o racismo. Entendeu? Eu achava que se eu me vestisse de certa forma, eu não ia passar por certas coisas. O que é uma grande mentira. Inclusive, até hoje! Até hoje, nos espaços que eu acesso, eu geralmente estou... Overdressed[42], sabe? Eu tô mais bem vestido num lugar que não precisa estar tão bem vestido. E eu gosto disso, agora eu faço pra mim mesmo. Eu tô feliz com isso. Mas no início era assim."

FIGURA 40 - Postagens de Jhullyrson



Fonte: Instagram

Sobre referências e consumo de conteúdo, a experiência de Jhullyrson mostra um acesso diferenciado, podendo consumir conteúdos em inglês e de outros países o mesmo tem sua experiência estética marcada principalmente por blogueiros norte americanos, isso pode se dar pelo seu acesso educacional que o faz ter acesso ao ensino de outras línguas mais cedo, por exemplo onde o mesmo tem acesso primeiro a grupos como Afropunk, que é uma das inspirações para a própria Geração Tombamento.

[42] Expressão utilizada para indicar uma pessoa muito bem vestida.

> “E aí eu ficava consumindo isso e eu lembro que num dos blogs que eu consumia, eles tinham uma... meio que uma sessão que era a que eu mais gostava, que era de fotografia de street style. Eles iam pras ruas, em qualquer evento que tava acontecendo, e fotografavam o pessoal que tava na rua. E aí num desses rolês de street style, acho que foi uma das grandes referências que eu peguei, assim, pra mim que bateu, foi o Afropunk que eu acho que foi um dos primeiros festivais que eu vi de cultura afro nos Estados Unidos, no Central Park e tal. E era uma coisa, tipo, super diferente pra mim, porque a galera não, tipo, os códigos de moda que a galera usava era outra coisa, as referências eram outras e tal. E aí, eu achei massa aquilo ali. Tipo, muita trança afro-gigante, sabe? E eu disse, gente, eu nunca tinha parado pra pensar nessas possibilidades de estética, sabe? E aí, foi uma coisa que eu decidi. Eu lembro que tava no final do segundo ano. E eu disse, eu vou deixar meu cabelo crescer.
>
> Então eu comecei a consumir conteúdo gringo. Eu acho que é muita ousadia, tipo, da minha parte. Eu digo, não tem aqui, vou consumir das gringas. E aí, esse primeiro ano de universidade foi quando eu deixei meu cabelo crescer. E aí... A minha autoestima ela, tipo assim, ela inicia de mim, sozinho, porque eu não tinha referência. Mas quando eu cheguei a essa altura que eu tava consumindo outras coisas e eu acessei essa questão do afropunk, especialmente, eu parei pra pensar que eu poderia usar minhas referências musicais enquanto referências de estética, sabe? E aí era engraçado que todas as minhas referências de estética eram mulheres negras, não eram homens negros, porque não era o que eu consumia. E eu vou tendo essa coisa da autoestima, sabe? E casa junto com a minha compreensão de raça, minha consciência racial, a ponto de chegar vários momentos de eu só dizer que tipo, olha, não tem branco, eu sou preto. Então eu tenho que fazer alguma coisa, criar disso aqui. Porque não foi feito pra mim. E tá tudo bem. Porque era o que estava acontecendo naquele momento.”

Durante muitas falas de Jhullyrson ele se pontua como alguém “diferente”, essa palavra muitas vezes é uma definição para explicar que ele não conseguiria se “misturar” aos ambientes em que estava incluído, mas não necessariamente pontua que essa é uma visão de si mesmo como bonito, é mais como destoante, um anexo naquele espaço. Acredito que podemos pensar nessa ideia já que esse conceito de diferente muitas vezes ainda remota ao exótico, ao não padrão, não normal.

> “Eu venho de ambientes muito embranquecidos. E eu acho que esse é o grande ponto que tudo gira pra mim. Porque, por exemplo, eu venho de ambientes muito brancos. Então, eu desisti de esperar a validação de alguém. Porque eu não tinha. Muito dessa validação vem em relacionamentos românticos afetivos. Também desisti. Porque de onde eu vinha, desses ambientes, eu não era uma pessoa que o afeto era uma possibilidade, entendeu? Então, eu só desisti. Como é que eu posso dizer? Tá, eu aceitei, só que aqui eu não vou ter isso. E tá tudo bem. Vou viver a vida como se nada tivesse acontecido. E eu segui em frente. Não era como... Eu queria. Não era como se eu não sentisse falta. Mas... Chegou o momento que eu me acostumei. E aí eu saía, sabe? E eu acho que a minha autoestima, a validação da minha autoestima... Talvez fossem esses poucos momentos em que eu era notado. Mas... Eu era notado por ser diferente. E não necessariamente por ser bonito, sabe? Mas por ser diferente.
>
> E eu gostava de ser diferente. Eu sabia que eu não me misturava. Eu sabia que eu não me misturava, porque eu tava num lugar que só tinha gente branca. Não tinha

como eu me misturar na multidão, sabe? Mas, tipo, assim... Em algum momento eu ia olhar no espelho de novo e vender a confiança que eu saí de casa, mesmo que ninguém me elogiasse, mesmo que ninguém enxergasse o quanto eu tava mais bonito que meus outros colegas e tal. Eu sabia que eu tava bonito. No meu jeito, eu tava bonito. E aí era isso."

- **Ser notado foi um choque**

Outro ponto que muito me chamou a atenção foi como a narrativa sobre afeto se repete entre Jhullyrson e Cássia, esse não lugar de se sentir como alvo do afeto romântico e o estranhamento inicial quando isso começa a acontecer, pois muitas vezes o veredicto de que isso não vai acontecer é assimilado e internalizado de maneira tão intensa que a pessoa negra simplesmente deixa de se importar com essa área da vida.

Ao explicar isso, Jhullyrson vai falar sobre ter focado suas energias na carreira profissional e mesmo nela, aprender a crescer sem esperar reconhecimento, pois exigia um esforço triplo para receber o mínimo, que muitas vezes é o necessário como uma oportunidade de emprego, no máximo.

"Tudo foi um choque: ser notado, das pessoas me verem como uma pessoa possível de dar afeto. E aí foi o rolê de voltar e entender que aquilo era possível para mim. Só que era muito estranho porque eu não estava acostumado. Eu acho que muito por essa minha socialização em ambientes muito brancos, sabe? Eu tô acostumado a não ser reconhecido. Então, buscar a validação pra mim é querer me destruir. Porque eu tô acostumado a não receber. Pra que eu vou esperar uma coisa que eu sei que não vão me dar? Sabe? Tipo, não é sensato da minha parte esperar uma coisa que eu sei que não vão me dar. Então, eu vou lá e sigo em frente sem esperar isso. Eu vou pros outros caminhos. Inclusive, eu acho que isso é péssimo. Porque isso me constrói em todos os meus aspectos. Entendeu? Isso me constrói profissionalmente, inclusive. Eu digo hoje que eu sou um grande profissional porque, tipo, eu me acostumei a entregar o triplo porque o meu triplo ele vai receber o mínimo, que é o que eu preciso."

FIGURA 41 - Posts de Jhullyrson com seu namorado

Fonte: Instagram

Ao pensar como se expressa esteticamente, Jhullyrson coloca uma postura muito interessante que é a de controlar como quer ser visto, se dividindo em duas imagens: a que as pessoas já veem independente dele e a que ele quer mostrar. Isso molda como ele constrói sua imagem e também sua presença nos lugares físicos e digitais. Esse Jhullyrson que ele quer que as pessoas vejam é uma persona, mas ele mesmo pontua que não é um personagem, pois esse precisaria ser mantido, de maneira não natural. Porém essa persona já é construída com base na certeza de sua identidade e sua beleza, penso que ela cresce como uma resposta ao Jhullyrson que antes se vestia para fugir do racismo.

> "Ó, tem um Jhullyrson que eu acho que as pessoas veem, tem um Jhullyrson que eu quero que as pessoas vejam. É, duas coisas diferentes. O Jhullyrson que eu acho que as pessoas veem, eu acho que é uma coisa curiosa. Eu acho que as pessoas não estão acostumadas. a vez, porque eu sou muito vaidoso, então eu gosto de chegar nos lugares bem vestidos. Então eu acho que o que as pessoas veem inicialmente é uma pessoa muito... Eu tenho uma palavra em inglês pra isso, *well put together*[43]. Tipo, bem portada, vamos dizer assim. Bem construída assim, sabe? Tudo aquilo ali faz sentido. Mas ao mesmo tempo que eu sempre trago uma coisa nova, assim. E eu percebo que as pessoas se surpreendem. Então eu acho que o que as pessoas veem É, tipo, uma coisa diferente que elas já estão acostumadas, porque eu estou sempre assim, nesse... Well put together. Então, acho que o que as pessoas veem é isso. Uma pessoa arrumada, muito comunicativa. E é isso. O que eu quero mostrar, às vezes eu... Agora, com uma consciência que eu tenho, eu sou meio preto nojento, sabe? Tipo, eu me arrumo... Tô bonito. E é isso. Eu saio na rua assim, sabendo que eu tô bonito. E eu não vou baixar a cabeça pra ninguém na rua, sabe? Tipo, fingir que eu sou... Que eu vou passar despercebido. Porque eu não vou. Porque eu tô bonito."

- **A Geração Tombamento como espaço de possibilidades**

Ao pensar sua participação dentro do movimento da Geração Tombamento Jhullyrson mostra uma visão muito específica ao pensar sobre como se influenciou: uma posição mais "passiva" a de consumir as referências e experimentar por si mesmo ao invés de produzir conteúdo, algo por ele visto como feito para o outro. Esse entendimento da não-validação o faz não entrar nessa onda como alguém que estava ativamente presente no instagram como produtor, alguém que vai ser muito visto, mas como consumidor de todo esse conteúdo.

> "Eu me senti um pouco Geração Tombamento com o que era o que eu podia fazer naquela época, não produzir conteúdo. Mas também nunca foi a minha intenção, nunca foi. Eu gostava de ter uma estética. Eu gostava muito de ter uma estética que era a minha, que eu nem acho que mudou tanto. Não acho que mudou minha estética tanto dessa época pra cá. Eu entendi muito mais do que eu gostava nessa época de experimentação. Então acho que a geração tombamento, ela me pega nesse lugar de

[43] Termo que aponta alguém que se veste e se porta de maneira coesa, onde tudo está harmoniosamente combinando.

experimentar, sabe? Das possibilidades. Esse rolê da não-preciso-de validação, ele casa muito com isso, porque apesar de eu viver a geração tombamento bem nesse momento e eu me sentir aquilo ali, em certas partes, eu não sentia vontade de produzir conteúdo, porque eu acho que o conteúdo era uma coisa que ia para as outras pessoas. E eu já tinha desistido da validação das outras pessoas. Então, tipo, não fazia sentido eu produzir conteúdo aí, sabe? Eu conheci algumas pessoas que produziam conteúdo e pra mim tava ok aquilo ali. Elas tavam dispostas a ir lá dar a cara e eu tava, tipo, não."

Já ao pensarmos o pertencimento de fato, a sensação de identificação com o movimento, Jhullyrson traz um ponto importante que também passa por e esse mesmo movimento de não-validação. Apesar de sentir que fez sua parte nisso, principalmente nas ruas, pontuar que não "tombou" por não ter os números expressivos de likes, talvez, nos abra essa discussão sobre quem foram esses atores validados e quais eram essas métricas de pertencimento.

"Eu acho, por isso que eu acho que, assim, eu acho que parcialmente eu me enxergo um pouco na geração tombamento, porque eu acho que nesses ambientes que eu tava, eu fui a pessoa que trouxe o choque. Que eu acho que a geração de tombamento lá traz esse choque pra internet. Do você preto, se entende desse jeito e tem a sua estética, sabe? E era isso, eu acho que eu trouxe o choque pros ambientes que eu tava.

Agora, na internet, eu acho que eu não tô mais nesse momento de testar coisas, Não sinto necessidade de me mostrar, porque eu já sei o que eu sou. Eu já sei o que eu sou e eu tô vivendo o que eu sou, sabe? Eu tô vivendo a minha estética no meu dia a dia, sabe? As pessoas veem quando eu passo na rua. Eu penso que a Geração Tombamento, ela foi o grupo que fez aquele esforço de trazer um choque pra acostumar todo mundo com o mínimo, sabe? E que eu acho importante e tal, sabe? Mas eu vejo algumas coisas que vieram junto que não são legais. Outra coisa é, tipo, a necessidade de chocar. Sabe? A necessidade de estar sempre over. De estar sempre mostrando alguma coisa, sabe? Estar com... A trança. O baby hair tem que estar feito sete dias na semana. Isso é muito esforço. A necessidade de chocar, ela exige esforço muito grande. A necessidade de estar sempre impactando com a minha aparência, com a minha estética, é cansativa.

Eu acho que em 2014 eu não tombei. Eu não tombei. Então, eu diria que o Jhullyrson de 2014 ele fez esses movimentos pequenos, que hoje eu entendo como importantes, mas tombaram também, sabe? Eu não tinha mil likes no Instagram, eu não tinha... Não. Eu não era a geração tombamento. Não tombei, mas eu acho que trazer essas pequenas mudanças ou abrir essas possibilidades nos lugares que eu cheguei nos poucos lugares que eu acessava, foram uma das que foram importantes pra mim."

FIGURA 42 - Posts atuais de Jhullyrson no Instagram

Fonte: Instagram

- **Nem é o que eu sou e nem o que eu quero ser.**

Sobre sua presença na internet Jhullyrson pontua ainda a diferença entre o digital e o físico, sua postura e produção de conteúdo se mantém ainda muito parecida com a do início, muito low profile e segmentada, assim o mesmo não tem muita exposição, deixando para as pessoas que o acompanham o que o mesmo denomina ser só “um pedaço” de tudo que ele é e que ainda não consegue expor.

> “O Jhullyrson da internet tem 25 anos. Ele é biólogo, doutorando na USP. É o que tá na link da minha Bio... Tá no Bio do Instagram. E aí eu acho que o arroba Jhullyrson, ele mostra o que ele acha que é relevante de ser mostrado. Porque eu, Jhullyrson, estou ocupado vivendo aquilo que tá acontecendo comigo. E eu entendo que viver o que tá acontecendo comigo é muito mais importante do que mostrar o que tá acontecendo comigo. Mas é legal ter uma identidade na internet. O Jhullyrson na internet é um homem minimalista, é um homem elegante, um homem que fala pouco, se mostra pouco, não tem mistério. Mas sem querer, esse é o ponto, é sem querer. Porque na realidade eu tô ocupado vivendo, e aí eu esqueço de mostrar às vezes. Às vezes tem uma coisa que eu quero mostrar e eu esqueço porque eu tava ocupado e aí era isso que aconteceu. Às vezes inacessível. Às vezes esqueço de olhar as minhas redes sociais, às vezes eu passo seis meses em atualizar o meu feed no Instagram. e tal, porque eu tô ocupado vivendo, mas viver dá trabalho, então não faz sentido pra mim.
>
> Isso dá muito trabalho postar o que você quer ser. Eu acho. Dá muito trabalho. O Jhullyrson da internet nem é o que eu sou e nem o que eu quero ser. É um pedaço. Porque quando você encontra uma persona nova, você tem que sustentar um personagem e não você. E isso é uma coisa que eu não sei fazer, sustentar um personagem que não sou eu. Eu sou até misterioso na internet, mas por falta de tempo. Porque se eu tivesse mais tempo aí, eu já ia falar tudo. Então, eu acho que o Jhullyrson na internet, ele é um recorte muito pequeno de um pedaço da minha vida.”

Desse processo de observação consigo perceber que Jhullyrson é um tipo de persona muito específica dos usuários, por estar menos interessado em postar do que em consumir, o que não o torna um usuário menor, apenas o coloca numa experiência diferente com as redes,

ainda que o mesmo passe por situações muito parecidas com outras observações como a percepção da validação, do não pertencimento e etc.

5.3 A imagem como plataforma para outros lugares - Adija Rocha

Com Adija me interessava investigar como se desdobravam os usos do instagram e influências da Geração Tombamento no seu dia a dia, já que a mesma trabalha com imagem das mais diversas formas. Diferente de Jhullyrson, que não entra como criador de conteúdo e de Cássia que tem a plataforma como local de trabalho e usa seu próprio perfil como vitrine para gerar confiança de possíveis clientes e cuidar do perfil de terceiros, Adija trabalha com a própria imagem: como modelo, com a imagem para divulgar outros trabalhos: como DJ e com a imagem de terceiros: como enfermeira estética.

Me interessava muito entender como Adija conciliava as personas dentro da rede social, apesar de ter um perfil separado para divulgar seus trabalhos como enfermeira[44] e também o perfil oficial da clínica[45] que é dona, seu perfil pessoal ainda figura como o oficial, onde podemos ter mais informações sobre o que ela chama de "várias Adijas".

Já nos seguíamos nas redes sociais a um tempo e, como os outros interlocutores, inicialmente acompanhei apenas seu perfil, logo em seguida conversamos também online, através do direct[46] do Instagram e por fim, o local escolhido por ela foi um café de um dos shoppings de Maceió. Na ocasião, o café escolhido estava fechado, então fomos para outro dentro do mesmo shopping, em dado momento Adija confidenciou que o primeiro café era o seu favorito pois a dona era uma mulher negra e ela se sentia mais confortável, acho importante salientar que o shopping que estávamos era o que tem um público-alvo mais voltado para classe A e B e mais branca.

- **Só percebi que era preta na Universidade**

> "Sou a Adija Rocha, tenho 29 anos, quase 30. Sou enfermeira, enfermeira estética, graduada pela Universidade Federal. Sou a primeira especialista em pele negra de Alagoas. Sou DJ. Trabalhei como modelo durante a faculdade, então sou... Trabalhei com imagem. E é isso. Por mais que eu tivesse suspeitas, que eu percebesse os tratamentos diferentes a mim, eu só percebi que eu era preta na Universidade Federal. Quando eu dei de cara com a professora Cida no meu primeiro período de Ufal[47], ela foi professora de Ciências Humanas Aplicadas à Saúde, e como ela trabalhava raça, ela passava muito trabalho sobre raça pra gente. E eu era muito relutante, a princípio, dos trabalhos... Não dos trabalhos, mas do que os textos

[44] @adijarochaenf - https://www.instagram.com/adijarochaenf/
[45] Ebony Saúde e Estética - https://www.instagram.com/clinicaebony/
[46] Ferramenta de bate-papo dentro do Instagram.
[47] Universidade Federal de Alagoas

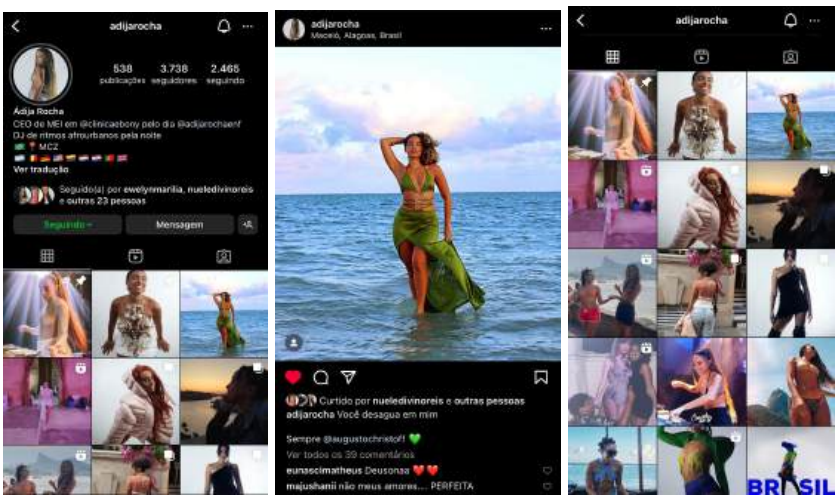
> abordavam, eu acho que como uma negação, assim, a princípio. Mas eu já terminei o primeiro período entendendo que todas aquelas diferenças que eu sentia eram por causa disso."

Entre as pessoas negras de muitas gerações, o entendimento racial vem muito atrelado a possibilidade e acesso à educação, muitas histórias começam com o entendimento da negritude só dentro da universidade, ou no momento de optar por uma política de cotas, quando Adija me explica esse processo, me sinto mais uma vez atravessada por essa mesma escrevivência, de ser uma mulher negra que apenas se percebe negra quando consegue adentrar no ensino superior, numa universidade pública e graças a uma professora que também é uma mulher negra.

> "Antes eu tinha estudado em um colégio particular, e assim, estudar no Contato… aquele colégio era o inferno, você não sabe como foi estudar lá Você não tem noção, foram os dois piores anos da minha vida. Eu acordava, não queria ir pro colégio. Não queria, eu chorava. Me dava dor de barriga. Eu fazia de tudo. Eu acordava 5 horas da manhã pra tomar banho, pra ter cabelo molhado, pra ser mais bem aceita lá. Mas, assim... Nossa, foram dois anos muito destrutivos, sabe?. As únicas pessoas que gostavam de mim eram professoras de história, porque eram pretas e eu discutia, eu conversava e tal, mas assim… Quando eu dei de cara todas essas questões, reconheci que tudo que eu sofri no colégio não era bullying. Foi muito pesado pra mim."

Mais uma vez há a figura de uma de uma mulher negra que torna o ambiente mais leve para a vivência acontecer, ainda que este ainda não seja o ambiente onde a negritude é debatido por muitas questões, a presença de alguém em quem Adija se vê e se reconhece e que a trata sem diferenciação torna o ambiente escolar mais suportável. Uma tarefa que por muitas vezes acaba sendo comum entre mulheres negras, esse ambiente de empatia mútua, ainda que silenciosa, que nos faz respirar aliviada em espaço ou abrir um sorriso ao ver alguém na rua, quase como quem diz "eu também estou aqui".

FIGURA 43 - Perfil de Adija no Instagram



Fonte: Instagram

Esse lugar específico de descobrimento marca uma passagem importante, o momento em que você sabe quem você é e muitas vezes pode finalmente dar nome às coisas, aos processos, ao que você gosta, mas também pode e ser repete o processo de muitas vezes ser solitário, já que nesse momento você também consegue nomear e entender as violências as quais está submetido.

O isolamento vivenciado por Cássia e Jhullyrson também é recontado aqui, com ferramentas diferentes, em situações diferentes, mas mais uma vez é imposto. Ter acesso pode significar também estar sozinha em espaços que ainda são brancos demais, quase como o preço a se pagar por algum tipo de ascensão e esse preço pode ser estar ali sozinha, sem as pessoas da sua comunidade, ou ter consciência das violências que as pessoas próximas antes te causavam.

> “E estar na universidade, onde pela primeira vez eu não era a única, Porque por meus pais serem de classe média, é... Sempre vivi muito bem, sempre estudei em colégios particulares, principalmente nos últimos anos. Sempre fiz inglês e eu sempre fui a única preta na sala. Então estar em um espaço que eu frequentava com frequência, em que eu não era mais a única, foi quando eu percebi que eu era preta. Eu falo… 2011, fui um pouco antes.
>
> Eu não falo com ninguém no meu grupo da faculdade. Ninguém do grupo que eu andava. Porque eu cheguei lá e me aproximei das pessoas que tinham a vida similar a minha, né, de colégio particular. Eram as pessoas que moravam perto de mim, que a gente dividia, ia junto ou no ônibus depois, quando eu tirei a carteira, que pagavam a gasolina pra ir no meu carro. Mas que foram pessoas extremamente prejudiciais pra mim na faculdade. Eram pessoas que durante a aula falavam que o racismo era que tava na cabeça do povo. Eram pessoas que… Diziam... não sei como você não tá na final dessa matéria Sabe? Tipo assim, não esperava não que você passasse direto Eram essas pessoas, e quando eu percebi isso ainda durante a faculdade eu descobri que eu era preta. Durante toda a minha criação, eu estava em ambientes pretos. Então eu nunca percebi que eu era preta, porque todo mundo era igual a mim. Então não existia

essa diferença de eu e o outro. Todo mundo era eu, mesmo que nessa situação nós todos fôssemos o outro. Então dentro daquele senso de comunidade eu estava tranquila.”

- **Eu queria fazer de uma maneira diferente ou fazer o contrário**

Outro ponto que aparece em comum com os outros relatos é o modo como o acolhimento da família pode influenciar no modo como a autoestima e autoimagem é construída nessas pessoas. Adija fala do apoio e paciência da mãe que cuida de seu cabelo, mesmo que ela não saiba sequer onde aprendeu esse cuidado, mas esse processo torna mais fácil não ceder à pressão social de se adequar ao padrão vigente e apagar um traço seu que é muito importante em geral para pessoas negras: seus cabelos.

> “Então, eu sempre fui muito do contra, em tudo. Em tudo, sim. Tudo que pediam pra mim, eu queria ou fazer de uma maneira diferente, ou eu queria fazer o contrário. E aí quando eu comecei a crescer, que todo mundo começou a falar do meu cabelo pra alisar, minha irmã já tava começando a alisar, minha irmã relaxava a raiz pra diminuir os cachos. Pra baixar os cachos. E aí todo mundo começou a me pentear pra isso. Mas minha mãe tinha muita paciência com o meu cabelo. Dos meus pais, eu nunca recebi nenhum tipo de comentário pra isso. Nunca. Ela que desembaraçava, sempre desembaraçou com o pente largo. Não sei quem ensinou isso a minha mãe até hoje. Mas desde criança, minha mãe comprava um creme especial pra cabelo cacheado. Ela desembaraçava. Eu podia não usar ele solto. Mas a minha mãe tinha muita paciência, então assim, dos meus pais eu nunca recebi nenhum tipo de desqualificação.
>
> Mas quando eu fui começando a crescer e ficar ainda mais teimosa com essas coisas e o povo começou a falar, eu disse não. Eu ia no salão, beleza, pra cortar o cabelo. Ah, mas por que você não quer, não? Só pra soltar os cachos, não. Quero não. Cada adulto falava pra eu fazer. Eu criava mais resistência pra não fazer. Eu podia usar preso, teve uma época que eu ia pro colégio, todos os dias de coque. Todos os dias de arco e cavalo. Mas eu não alisei.”

Esse apoio pode ser o responsável por gerar em Adija a segurança para manter a decisão de continuar com seus cabelos naturais e também de explorar as possibilidades com ele, ainda que, muito provavelmente, não a tenha protegido das violências racistas que muitas jovens negras sofrem ao fazer essa escolha.

FIGURA 44 - Linha do tempo de postagem de Adija no Instagram

Fonte: Instagram

Um ponto interessante da conversa com Adija sobre a família é quando ela me fala sobre como a conversa sobre raça ainda não tem tanto espaço dentro de casa, mesmo que a família seja considerada politizada. O que me traz a percepção de que essa conversa sobre raça ainda pode ser um tabu dentro das casas, mesmo as mais esclarecidas, o que também pode ser um reflexo da realidade do país.

> "Na minha casa a gente discutia política. Na minha casa, a gente teve educação política. Chique. Como será? Meus pais me levaram pra comício quando eu era criança. Eu fui pra um comício da Heloísa Helena quando ela foi candidata, vestida de estrela. Meus pais me tiraram de estrela. Então assim, a gente discutia política em casa, discutia história em casa, mas raça nunca.
>
> Quando eu fui me inscrever no PSS, eu perguntei à minha mãe, mãe, qual é a minha cor? Ela engasgou. Bota aí, parda. Parda. Eu me inscrevi como parda no PSS, porque minha mãe nasceu assim. Raça é uma coisa que a gente não discutia. Ainda não discuto e é meio fechada, assim, lá em casa. Muito melhor que antes, mas não era um debate em casa. Até porque a família do meu pai é branco. Em casa, assim, eles são do sertão, mas eles são brancos e a pele é muito queimada, muito danificada de sol e parece que eles são mais escuros. E o lado da minha mãe é que minha mãe é índia e é pão negro. Então, assim, o lado preto era o lado da minha mãe. Mas minha mãe não é preta. Eu sou a mais escura de casa, e nem sou tão escura."

FIGURA 45 - Posts de Adija com a família

Fonte: Instagram

- **Sempre vem a fase onde você é só a própria cobaia**

As primeiras referências da Adija começam na internet e numa comunidade para tratar dos cabelos, isso talvez explique também sua relação com a Geração Tombamento já que os cabelos são uma das principais características do movimento em seu início. Outro ponto que eu acho muito interessante é o modo como os passos iniciais da Adija se faz dentro de uma comunidade/fórum onde vários usuários postavam ao mesmo tempo, diferente da vivência do Instagram onde as páginas permitem que um usuário - o dono do perfil - poste sobre aquele assunto e os demais interajam comentando, mas comunidades as postagens poderiam ter vários autores, todos os participantes.

> "Existia uma comunidade no Orkut[48] chamada Cabelos Crespos e Cacheadas. Que era uma comunidade muito forte. Isso foi em 2009. E eu comecei a ler todos os tópicos da comunidade, todos os tópicos Porque lá era um consenso que não existia um profissional que sabia cuidar do cabelo crespo ou cacheado. Então a galera trocava experiência de corte, de creme E aí foi quando saiu aquele livro Curly Girl[49], nos Estados Unidos e aí alguém botou, traduziu ele e botou toda a tradução num tópico assim E aí eu li o livro todinho e aprendi a cortar cabelo. Comecei a fazer, em 2009, comecei a fazer no impulso. Na loucura.
>
> Primeiro deu muito errado. Sempre vem a fase onde você é só a própria cobaia, né? Depois eu aprendi, chegou a fase que eu fiz o BC de amigas. Eu tive fases de penteados, muitas fases, porque eu testava tudo pra ver qual funcionava melhor. Aí teve a época dos palitinhos. Tipo palitinho chinês. Eu colecionava vários. Eu tinha uns 25 tipos diferentes. Porque eu prendia... Virou minha marca registrada. Aí tive a fase dos lenços, aí pronto, vinte e tantas bandanas também na época das bandanas, aí virou minha marca também, o povo via qualquer pessoa com bandana na rua achando que era eu. Porque eu saí testando, tipo assim, eu não tinha referências, era isso. Eu sempre era a única de todos os lugares, então não tinha amigas negras."

O modo como essa experiência se constrói para Adija leva a um espaço muito específico de se tornar uma referência e muitas vezes influenciar outras pessoas, quando ela diz que após aprender a cuidar do próprio cabelo passa também a fazer o Big Chop de outras amigas que estão assumindo o seu cabelo natural, este lugar talvez tenha também influenciado o papel que ela assume nas redes depois e o grande uso da sua imagem.

- **Não, a Adija da internet não é a Adija de verdade**

No instagram, Adija se divide entre estar presente com sua vida pessoal e suas profissões, porém ela utiliza a rede social de maneira mais privada através da ferramenta do close friends, onde consegue postar conteúdo através dos stories para um grupo menor de amigos, no instagram chamados de seguidores.

Deste modo, Adija consegue performar para todos os seus seguidores uma persona e outra especificamente para o close friends onde é mais aberta e expõe assuntos mais delicados ou pessoais.

FIGURA 46 - Postagem de Adija nas suas áreas de trabalho (modelo, DJ e enfermeira)

[48] Rede social filiada a Google, criada em 2004 e descontinuada em 2014.
[49] O manual da Garota Cacheada - Curly Girl de Lorrayne Massey

Fonte: Instagram

> "Eu sou oversharing[50], assim. Eu sento aqui, eu poderia passar o resto do dia conversando com você tranquilamente, porque eu divido muito, eu compartilho muito. Então assim, a Adija do Close Friends[51] é mais similar, mas tem 70 pessoas no meu Close Friends e um Instagram que eu sou seguida por 3.500 pessoas E aí a Adija do pessoal? A Adija do pessoal é uma Adija que tenta administrar todas as Adijas. Tipo assim, compartilhar o que eu sou e mostrar que não tem divisão entre as Adijas. A Adja que está atendendo de manhã pode ser a Adja que volta para casa de manhã também. Então assim, tento mostrar isso Que não precisa ter essa... Que o jeito que eu vivo não afeta o meu trabalho E que o jeito que eu me divirto não afeta, sabe?
>
> Assim, porque tem muita gente que eu conheço de festa que às vezes não acredita que eu sou enfermeira e que eu sou empresária e tem muita gente que me conhece como empresária e como enfermeira e que não acredita que eu sou DJ. Que não acredita nas roupas que eu uso pra tocar nas festas Então assim, o meu perfil pessoal eu tento mostrar que tudo é possível. Mas sem botar muito do pessoal, do que eu tô passando, do que eu tô vivendo, que é o que eu boto mais no Close Friends. Então assim… Não, a Adija da internet não é a Adija de verdade. A Adija que coleciona contos de fadas. A Adija que não assiste nenhuma série porque prefere que o tempo livre seja lendo. Ninguém acredita que eu sou viciada em leitura Que eu gasto metade do meu dinheiro com livro.

- **Um rolê puramente estético**

O relato de Adija me mostra o potencial da Geração Tombamento como a porta de entrada no movimento negro organizado, já que se posicionar esteticamente tinha mais a ver com um processo de identificação racial pessoal do que com um posicionamento externo, mesmo que muitas vezes as duas coisas estivessem acontecendo ao mesmo tempo. Porém a pontuação da mesma sobre como o movimento, muitas vezes não ultrapassou a estética me leva a pensar como o caminho para esse empoderamento muitas vezes pode ter se perdido por falta de aprofundamento nas discussões.

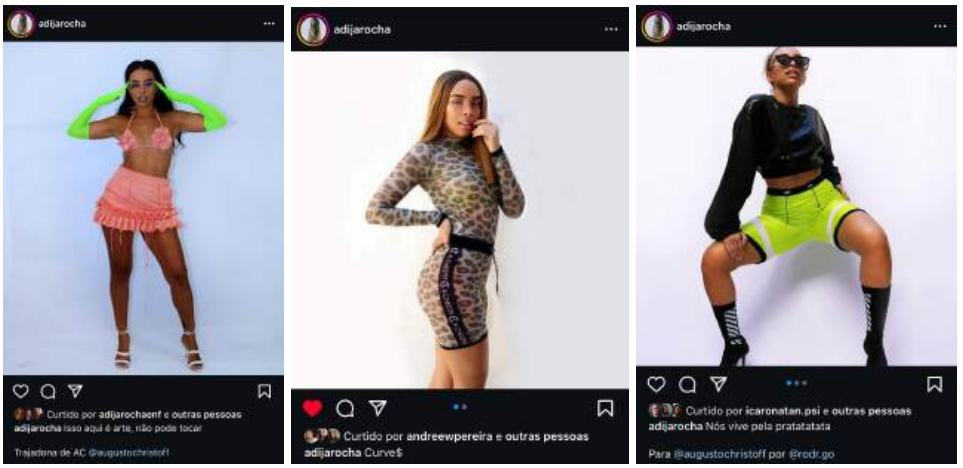
---

[50] Oversharing é a junção das palavras inglesas: over (excessivo) e sharing (compartilhamento) e faz referência à prática de compartilhamentos em excesso de um mesmo perfil.

[51] "Close friends" ou "amigos próximos" é uma aplicação do Instagram que permite a criação de uma lista ou de um grupo seleto de seguidores. E você pode compartilhar com elas um conteúdo exclusivo do seu perfil.

"Eu acho que o empoderamento estético da geração tombamento me afetou muito eu percebi que eu podia me vestir do jeito que eu gostaria de me vestir ter o cabelo do jeito que eu gostaria de ter e que eu podia ter que aceitar, e... foda-se. Esse movimento me mostrou que eu não precisava escolher uma das coisas. Eu posso ser extremamente profissional com meu cabelo colorido. Eu trabalhei no hospital na época em que meu cabelo era roxo. Foi nessa época. Mas é um rolê que é estético. Puramente estético. É um… eu vou mostrar o meu corpo. E empoderamento estético não é o empoderamento negro porque ainda existem várias questões entre os dois, eu acho."

FIGURA 47 - Posts de Adija trabalhando como modelo



Fonte: Instagram

"O empoderamento estético foi a minha porta de entrada para o movimento negro, foi a porta de entrada pra muitas outras pessoas se empoderarem logicamente o que você decidir fazer a partir disso dependeria de você mas eu não nego que a minha porta de entrada real para o movimento negro foi o empoderamento estético. E eu trabalhar com estética hoje em dia vem disso. Eu trabalho com imagem e com estética. Sou moderna, então trabalha com a minha imagem. E aí pra tocar também envolve... É a minha imagem. O que eu toco, eu toco ritmos afro-urbanos. E aí também... É a minha imagem. É o que eu tinha de referência negra. Era Beyoncé, era Destiny's Child. Então, assim, o que eu toco de ritmos afro-urbanos é porque era o que eu tinha contato de como negra, assim, né?"

Me chama também muita atenção como apesar de dizer que sua passagem pelo movimento não superar o estético, Adija se coloca dentro dele também nos modos como se comporta e como se posiciona. E se posicionar não já é superar a barreira da imagem e adentrar estar no campo do político?

"Sim. Eu acredito que sim (eu tombei). Tanto pela agressividade que o movimento tinha, não só estético, mas de posicionamento, eu acho que eu entrei de cabeça no movimento. Me apoderei dele, assim, um pouco. Porque era um movimento agressivo, visualmente agressivo e posicionalmente agressivo. Então, acho que sim, eu vivi... Eu vivi a geração tombamento. Eu fui a chata! Sim. Ninguém mexe no meu cabelo. Eu vou mexer como eu quiser. E eu vou botar meu cabelo vermelho. Primeira

> trança que eu fiz. E eu era extremamente agressiva, de postar a roupa e... Poxa, eu fui, eu fui. Com certeza eu fui."

Acredito que o modo como Adija se entende dentro do movimento faz parte de toda a sua construção pessoal, desde suas primeiras referências que já vieram das redes socias, ainda que não fossem do movimento ou do instagram, havia ali uma construção de imagem e debate que a faz, logo em seguida, encontrar com o movimento já mais bem estruturada em relação a posicionamento e entendimento.

6. CONCLUSÃO

No ciberespaço que entendi que a minha experiência individual, até então pensada de forma isolada, tinha um nome, atingia mais pessoas e se estendia mundo afora. Apesar das especificidades da trajetória de cada pessoa negra, aquele era um processo coletivizado: o ser negro no mundo. Estudar como este processo se deu e ganhou forma é desafiador.

A escrita desse trabalho perpassa muito mais do que imaginei ao começar este projeto, entender violência e revisitá-las torna tudo um pouco mais afetado, ao escrever pude perceber como as imagens de controle age sobre corpos negros, inclusive o das minhas/meus interlocutores, inclusive sobre o meu. Durante muitos momentos da escrita me peguei pensando: eu sou uma black lady, uma máquina, como faço para não sê-lo?

O empoderamento político-estético trazido pela Geração Tombamento é, de fato, um marco para uma geração de pessoas negras que também descobriram discursos sobre a beleza negra, a aceitação e o posicionamento através das redes sociais, porém é necessário perceber os modos como ainda existem armadilhas binárias até nos nossos movimentos de emancipação, divisões eu/outro que por vezes não abarcam todos os corpos, todos os modos de ser, todos os status ou melhor: todos os feeds. Quem são os corpos que não ganham likes? Quem, de fato, tombou?

Ao analisar as páginas de instagram voltadas ao empoderamento negro no recorte temporal em que a Geração Tombamento estava em seu auge pude percerber que ali havia de fato um filtro sobre quais eram os corpos que muito apareciam ali, nesse entendimento acredito que esse mesmo filtro pode ter afetado de muitas formas pessoas negras que também buscavam reconhecimento e identificação, mas não estavam ali representadas, construindo assim um obstáculo novo para que essas pessoas pudessem se sentir parte, belas e aceitas. A internet que, naquele momento, se levantava como um ambiente de voz de e para todos/as, parecia naquele momento escolher quais eram os rostos e corpos para essas vozes e não eram todos, ou pelo menos não todos em todos os espaços.

Esse movimento muitas vezes pode acabar por trazer de volta conceitos, mitos e ideias que na verdade ali estavam tentando ser combatidas, o que só nos mostra como as ferramentas e estruturas do racismo estão sempre se atualizando e se tornando mais sofisticadas, mesmo quando estamos tentando projetar a nossa liberdade de ser, suas imagens de controle estão a espreita para nos dizer até onde e quem pode ir.

Depois dessa análise, conversar com pessoas/usuários que acompanharam esse movimento me fez querer conhecer por outro ângulo: o por trás da tela. Jovens que consumiram, criaram, pesquisaram, se inspiraram e se sentiram ou não representados por essas imagens, páginas e pelo próprio movimento. Entender que pensar nesse empoderamento perpassa muito mais que um like ou não numa rede social torna essa discussão muito mais ampla, mas também pensar o que esse like ou não significa no simbólico do que é construído na rede: aprovação, pertencimento, identidade. Investigar como a experiência das redes sociais moldam as relações sociais e políticas dos indivíduos é um caminho longo ainda, apenas iniciado aqui.

Porém, há pontos que acredito serem importantes durante a minha análise a serem aqui colocados, são eles:

O modo como a família é importante dentro da construção identitária das pessoas, mesmo que muitas vezes esse processo de investigação, questionamento e descoberta tenha sido feito de maneira individual ou fora do ambiente familiar, ter o apoio e acolhimento da família para poder se expressar, experimentar e ser foi pontuado de maneira recorrente entre meus interlocutores como algo que tornava esse processo ainda que difícil, menos doloroso.

Pude perceber também que entre meus interlocutores, sempre que falamos sobre os espaços e acessos há também o diálogo sobre estar isolado, no sentido de não ter ali os seus iguais, sua comunidade, ser a única ou uma das únicas pessoas negras do espaço. Esse momento marca também a identificação racial de entender as violências sofridas, poder dar nomes a elas e muitas vezes as perceber enquanto ali mesmo as sofre.

Talvez por esse mesmo movimento de isolamento, outra coisa que pude perceber nos nossos diálogos foi as poucas falas sobre afetividade, quando o assunto era tocado ainda era falado como algo visto como difícil, não acessado ou assunto não vinha a tona, o que me faz pensar que a afetividade-romântica ainda é um desafio para pessoas negras superar as ideias sexualizadas que se construiram e foram muitas vezes reafirmadas sobre o corpo da pessoa negra e se tornar sujeito digno de afeto.

E, por fim, suas experiências na internet. Apesar de cada uma das pessoas com quem conversei ter uma experiência de uso específico de internet e dentro deste ter desenvolvido

suas redes de relacionamentos e performances sociais, é comum no discurso de todos a ideia de que ali ainda não são quem realmente querem ou quem realmente são, como se houvesse um personagem de si mesmos montados nas redes sociais, seja para manter uma imagem, como Cássia que havia construído uma persona mais minimalista por achar que aquela era a imagem esperada para a sua profissão, seja para se proteger com Adija que prefere se expor realmente no espaço reservado do close friends, deixando aberto para todos apenas recortes da sua vida ou seja por desinteresse e falta de tempo como Jhullyrson que posta apenas partes da sua vida: viagens, shows e conquistas profissionais. Uma coisa fica perceptível: há ali uma encenação de si, construída e entregue para o público para aprovação: o like.

E por fim, sobre a experiência com a Geração Tombamento, há no discurso dos três uma hesitação sobre como passaram pelo movimento e seus motivos para fazerem parte ou não. Quando falamos de um movimento tão importante e, apesar de tudo, agregador e libertador como foi a Geração Tombamento é injusto partir para o sim ou não generalizante, porém é importante que o pensemos e revisitamos a partir de óticas, recortes e possibilidades para que possamos tentar e estar sempre avaliando quem, como e onde estamos levantando.

Neste caso, quando Cássia pontua que sua experiência de "tombo" e auge durou muito pouco, já que logo em seguida um novo padrão foi levantado, ela também levanta um recorte de renda onde para estar no auge era preciso ter acesso a produtos e espaços que nem todos poderiam pagar. Já no caso de Jhullyrson o sentimento de inadequação parte do ponto na não-validação via like. E diferentemente, Adija se sente parte dele pelo posicionamento.

A imagem pode ser um movimento político e historicamente muitas vezes o foi. A imagem que choca, a imagem que emociona, a imagem que surpreende e lança para o mundo uma mensagem: mo wá, em português: eu existo. E foi isso que a Geração Tombamento fez com muitos de nós jovens negros, se tornou uma possibilidade de grito, de eco, de voz que dizia que nós existiamos com nossos cabelos, corpos, tranças, roupas, danças, ritmos. Não há dúvida sobre a sua importância.

Mas como pacto de quem não desiste, como professoras negras tem feito em escolas e universidades, com mães negras tem feito dentro de suas casas e nas ruas, talvez de tempos em tempos precisemos repensar quem de nós ouviu esse grito, quem de nós ecoou essa voz. Para não desistir de ninguém, para não esquecer ninguém, para que ninguém fique para trás.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor W; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ADORNO, Theodor W. **Textos Escolhidos.** Os Pensadores. São Paulo: Nova cultural, 1999.

AKOTIRENE, Carla. **O que é interseccionalidade?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2018.

ARAÚJO, Rosângela de O. S. **A "Escrevivência" de Conceição Evaristo em Ponciá Vicêncio: encontros e desencontros culturais entre as versões do romance em português e em inglês**. Tese (Doutorado em Letras). Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). João Pessoa. 2012.

BHABHA, H.K. **O local da Cultura**. Belo horizonte: Editora UFMG, 1998.

BAQUERO, Rute. **Empoderamento: questões conceituais e metodológicas**. Redes, Santa Cruz do Sul, v. 11, n. 2, p. 77-93, maio-ago. 2006.

BERTH, Joice. **Empoderamento**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

BISPO, Raphael. **Vivendo do rebolado: Feminilidades, corpos e erotismo no show business televisivo.** Mana vol.21 no.2 Rio de Janeiro Ago. 2015.

BRUNO, F. **Rastros digitais sob a perspectiva da teoria ator-rede.** Revista FAMECOS, [S. l.], v. 19, n. 3, p. 681–704, 2013.

BUENO, Winnie. **Imagens de Controle: um Conceito do Pensamento de Patricia Hill Collins**. Porto Alegre: Zouk Editora, 2020.

CARNEIRO, Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. Tese – USP. 2005.

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir da perspectiva de gênero.** Racismos Contemporâneos. Rio de Janeiro, v.49, n.1, p.49-58, 2003.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

CASTELLS, Manuel. **A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura** Vol. 2 - O Poder da Identidade. São Paulo, Ed. Paz e Terra, 1999.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento.** 1. ed - São Paulo: Boitempo, 2019.

CORRÊA, Mariza. **Sobre a Invenção da Mulata.** Cadernos Pagu (6-7), Campinas-SP, Núcleo de Estudos do Gênero- Pagu/Unicamp, pp.35-50, 1996.

CRENSHAW, Kimberlé. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero**. Revista Estudos Feministas, v.10, n.1, p. 17-188 2002.

CUSTÓDIO, Túlio. **"Per-vertido homem negro: reflexões sobre masculinidades negras a partir de categorias de sujeição"**, in Henrique Restier; Rolf Malungo de Souza (orgs.), Diálogos contemporâneos sobre homens negros e masculinidades. Ciclo Contínuo Editorial, 131-164. São Paulo: 2019.

DAMBRÓS, Juliana. **Marca nas Redes Sociais Virtuais: Uma proposta de Gestão Colaborativa através do relacionamento com o consumidor**. Trabalho de conclusão de

curso de Comunicação Social – Habilitaçao Publicidade e Propaganda. Universidade Regional de Blumenau. Blumenau. 2007.
DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016
DAFLON, Verônica Toste. **Tão longe, tão perto: pretos e pardos e o enigma racial brasileiro**. 2014. 199 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.
DOMINGOS, J.P.; NOGUEIRA, M.A.F. **Geração tombamento e mercado: a popularização do jovem negro na cultura do consumo**. In: Anais do XXII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, Volta Redonda (RJ), 2017.
ECO, Umberto. **Para uma investigação semiológica sobre a mensagem televisional**. In: ECO, Umberto. Apocalípticos e integrados. São Paulo: Perspectiva, p. 365-386, 1976.
EVARISTO, C. **Becos da Memória**. Rio de Janeiro: Pallas.2017
FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para internet.** Porto Alegre: Sulina, 2011
FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala: Formação da Família Brasileira Sob o Regime de Economia Patriarcal**. 48ª edição. São Paulo: Global Editora, 2006.
FAVRET-SAADA, Jeanne, **“ Ser afetado”**, Cadernos de Campo, 13, 155-161, 2005.
GUARESCHI, P. **Representações sociais**. In P. Guareschi (Ed.), Os construtores da informação: meios de comunicação, ideologia e ética (pp. 69–78). Vozes: 2000.
GLADWELL, Malcoml. **O Ponto Da Virada - The Tipping Point**. Rio de Janeiro: Sextante, 2009.
GODBOUT, Jacques; CAILLÉ, Alain. **O espírito da dádiva**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.
GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. Autêntica Editora, 2019.
GOOGLE. **Dossiê Brandlab: A Revolução dos Cachos**. Google BrandlabSão Paulo: 2017. Disponível em: https://www.thinkwithgoogle.com/intl/pt-br/advertising-channels/v%C3%ADdeo/revolucao-dos-cachos
HARAWAY, Donna. **Manifesto Ciborgue**. In: KUNZRU, Hari & TADEU, Tomaz (Org.). Antropologia do Ciborgue. As vertigens do Pós-Humano. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. P. 33-118.
hooks, bell. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. Trad. Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.
hooks, bell. **Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática**; tradução Bhuvi Libanio. São Paulo: Elefante, 2020.
HUBER, Sacha. **Louis quem? O que você deveria saber sobre Louis Agassiz**. In: Panoramas do Sul. Leituras: Perspectivas para outras geografias do pensamento. Organização Sabrina Moura. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, Associação Cultural Videobrasil, 2015.
JARDIM, Suzane. **Sapphire – Mulher Negra Raivosa – Reconhecendo estereótipos racistas internacionais – Parte IX**. Geledés – Instituto da Mulher Negra. 2016
JEZLER, Priscila Wândega. **Os influenciadores digitais na sociedade de consumo: uma análise acerca da responsabilidade civil perante a publicidade ilícita.** 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Direito) - Universidade Federal da Bahia, [S. l.], 2018.
KARHAWI, Issaff. **Influenciadores digitais: conceitos e práticas em discussão.** Revista Communicare, São Paulo, v. 17, p. 41, 2017.

KARLSSON, Shenia. **Você sabe o que é Burnout Racial?.** Mundo Negro, 23 de maio de 2023. Disponível em: https://mundonegro.inf.br/voce-sabe-o-que-e-bornout-racial/

LEMOS, André. **Ciberativimo**. http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/lemos/ciberativismo.pdf

LÉVI-STRAUSS, Claude. **As estruturas elementares do parentesco**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1982.

LÉVY, P. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço.** 4.ed. São Paulo: Loyola, 2003.

LINS , Beatriz Accioly; PARREIRAS, Carolina; FREITAS, Eliane Tânia de. **Estratégias para pensar o digital** . Cadernos de Campo (São Paulo - 1991), São Paulo, Brasil, v. 29, n. 2, p. e181821, 2020.

MACHADO, Debora. **A modulação de comportamento nas plataformas de mídias sociai**s. In: SOUZA, Joyce; AVELINO, Rodolfo; DA SILVEIRA, Sérgio A. (org.). A sociedade de controle: Manipulação e modulação nas redes digitais. 2. ed. São Paulo: Hedra, 2018. p. 47-69.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental.** São Paulo: Abril Cultural, 1978

MAUSS, Marcel. **O ensaio sobre a dádiva**. Rio de Janeiro: Edições 70, 2001

MBEMBE, Achille. **Brutalismo**. Tradução Sebastião Salgado. São Paulo: 1ª edição; N1 Edições, 2021, 256p.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Autêntica Editora, 2019.

NERI, Nataly. **A importância da estética e autoestima negra: Geração Tombamento é Política?.** YouTube, 9 de mai. de 2019.

POLIVANOV, B. B.; SILVA CARRERA, F. A. **Rupturas performáticas em sites de redes sociais: um olhar sobre fissuras no processo de apresentação de si a partir de e para além de Goffman**. Intexto, Porto Alegre, n. 44, p. 74–98, 2019.

RECUERO, R. da C. **Redes Sociais na Internet: Considerações Iniciais.** E-Compós, [S. l.], v. 2, 2005.

RIGITANO, Maria Eugênia Cavalcanti. **Redes e ciberativismo**. I Seminário Interno do grupo de Pesquisa em Cibercidades, FACOM-UFBA. Outubro de 2003.

Rodrigues LR, Pimenta FJP. **Discussões sobre o conceito de ciberativismo e suas práticas atuais através de uma abordagem pragmaticista**. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Rio de Janeiro, RJ – 4 a 7/9/2015.

SANTOS, Gislene Aparecida dos. **Selvagens, exóticos, demoníacos: idéias e imagens sobre uma gente de cor preta**. Estudos Afro-Asiáticos [online]. 2002, v. 24, n. 2 , pp. 275-289.

SILVA, A. M. P. **Ciberantropologia. O estudo das comunidades virtuais**. In: Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação da Universidade Aberta de Lisboa. Lisboa: s. d. 2004.

SILVA, Cristiane Rubim Manzina da; TESSAROLO, Felipe Maciel. **Influenciadores Digitais e as Redes Sociais Enquanto Plataformas de Mídia.** Anais do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, São Paulo, p. 1 - 14, 8 mar. 2023.

SILVA, T. M. G. S. **O colorismo e suas bases históricas discriminatórias**. Direito UNIFACS–Debate Virtual, (201), 1-19, 2017

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. **Redes cibernéticas e tecnologias do anonimato**. Comunicação & Sociedade, Ano 30, n. 51, p. 113-134, jan./jun. 2009.
STEPAN, Nancy Leys. **A hora da eugenia: raça, gênero e nação na América Latina.** Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2014.
SOUZA, R. R. **"As representações do homem negro e suas consequências"**. Revista Fórum Identidades, Ano 3, Volume 6, pp 97-115, jul-dez de 2009.
SOUZA, Rolf R. **Falomaquia: Homens negros e brancos e a luta pelo prestígio da masculinidade em uma sociedade do Ocidente.** Revista Antropolítica, n.34, p. 35-52, 2013.
TADEU, Tomaz. **Nós, ciborgues: O corpo elétrico e a dissolução do humano**. In: KUNZRU, Hari & TADEU, Tomaz (Org.). Antropologia do Ciborgue. As vertigens do Pós-Humano. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. P. 7-17.
UGARTE, David de. **O Poder das Redes: manual ilustrado para pessoas, organizações e empresas, chamadas a praticar o ciberativismo.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.
VELHO, Gilberto. **Observando o familiar.** In.: __ Individualismo e Cultura: Notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2008, p. 122-134.
WALKER, Alice. **In search of our mothers' gardens**. San Diego, New York, London: Harcourt Brace Jovanovich, 1983.
WESCHENFELDER, Viviane Inês; SILVA, Mozart Linhares. **A cor da mestiçagem: o pardo e a produção de subjetividades negras no Brasil contemporâneo**. Análise Social, n. 227, p. 308-330, 2018
WOODS-GISCOMBÉ , C.L. **Superwoman Schema: African American Women's Views on Stress, Strength, and Health**. Qualitative Health Research, [*s. l.*], v. 20, ed. 5, p. 668-683, 2010.
XAVIER, Claudio. **Instagram: tecnologia, presença e (auto)representação.** In: Jamile Borges da Silva (Org.) Estudos em Rede (livro eletrônico): tecnologias, antirracismo e cultura. 1ed. Santa Maria-RS: Arco Editores, 2021, v.1, p.24-42